A pair of hands with light-colored nail polish holds a white paper flower. The background is dark with faint, repeating text in a light gray font. The word "Sing" is written in a large, white, cursive font across the top center.

Sing

Songs of Submission
Book Seven CD Reiss

Sing

Songs of Submission - 07

C.D. Reiss

Sinopse:

Este é o último livro da série.

Pegue minha mão, meu amor.

Sobre as tensões do ar que caminhamos

Qualquer coisa, mas a distância é o nosso guia

Sem ritmo para a nossa caminhada

No ponto final elaborado

Nem a trama nem plano

Pelos espinhos de uma rosa dos ventos

Estamos ligados em direção ao horizonte

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo de forma a propiciar ao leitor acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização parcial apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos), blogs ou qualquer outro site de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Dezembro/2013

Proibido todo e qualquer uso
comercial

Se você pagou por esta obra,

VOCÊ FOI ROUBADO.

Capítulo Um

Monica

Dr. Thorensen tinha colocado as suas

luzes de Natal em primeiro de dezembro, duas semanas atrás, decorando os detalhes da cerca de madeira e pau-brasil com pequenos pontos multicoloridos. Nenhum boneco inflável gordo. Nenhum Papai Noel. Nenhum elfo. Apenas elegantes pontos pequeno pendurado em volta das bordas de sua propriedade, como a porra de uma aura alegre.

Era muito cedo para tocar a campainha do Dr. Thorensen. Ele era um homem solteiro em seus trinta e poucos anos, e era terça de manhã. Ele estava, provavelmente, em seu consultório ou no hospital. Talvez aninhando uma das mulheres que via chegando periodicamente. Mas eu estava perdendo o controle. Eu não poderia esperar nem mais um minuto, e notei que ele mantinha horários estranhos. Eu o vi através do vidro em uma pólo e calça jeans, carregando uma xícara de café. Quando a porta se abriu, ele parecia sério.

— Monica, estou bloqueando o seu caminho? — Então ele olhou para mim. Devo ter sido uma visão. — Você está bem?

— Não, realmente.

— O que aconteceu?

Eu me sentia idiota, como se eu me tornasse uma história que ele diria a seus amigos. Eu me tornei a mulher irritante ao lado. Ele me disse uma vez que não colocou uma placa MD em seu carro porque queria evitar consultas aleatórias e vizinhos com resfriado. Eu ri com ele sobre a história da Sra. Montessori, duas casas abaixo, que queria que ele olhasse para joelho arranhado de seu filho. Então, eu tinha evitado tocar a campainha durante cinco longos e desamparados dias.

Mas ele era um cardiologista, e quando Papai Noel me trouxe um presente, percebi que não deveria tentar mandá-lo de volta pela chaminé. Uma frase longa jorrou. — Eu não queria incomodá-lo - quer dizer, não é como se ele não pudesse pagar os melhores médicos do mundo - mas tenho medo de dizer o que penso ou o que eu vá parecer louca, então eu estava me perguntando se você tem privilégios no Hospital Sequoia?

— Eu tenho. — Eu temia que suas palavras fossem algo como, “desculpe, não estou trabalhando no momento”. Eu mereço ficar em paz em casa, tanto quanto qualquer outra pessoa, e o fato de que passei um quarto de milhão de dólares na escola, não me deixa público. Mas ele se afastou e disse. — Entre!

Eu nunca estive dentro de sua casa. Embora sempre fosse curiosa com isso, quando eu finalmente consegui vê-la, quase não notei nada. Eu estive cega aos detalhes durante uma semana. Meu cérebro reduzido, de alguma forma, achava que as únicas coisas importantes: respirar, se preocupar com Jonathan, e desejar matar Jessica. Mas quando entrei na sala, luzes piscando chamaram minha atenção. Três enormes TVs de tela plana estavam acima com uma cadeira de couro posicionada para assistir todas elas. Eu reconheci as configurações steampunk e aquele específico e polido bronze e os acabamentos em madeira de uma festa que eu tinha participado antes de Jonathan. Em outra vida.

— Você joga *City of Dis*? — Eu perguntei. O jogo multiplayer online era altamente competitivo, complexo a uma falha, e se um jogador tivesse a inteligência para manter-se com isso, era mais viciante do que crack.

— Sim. — Ele parecia um pouco envergonhado. — É preciso desacelerar, às vezes, você sabe.

— Eu conheço esse cara que usa Depends¹ quando joga assim ele não tem que se levantar para ir ao banheiro.

— Estou treinando no pinico, mesmo em personagem. Café?

Segui-o até a cozinha de mármore e vidro. — Não, obrigada. Eu sou mais uma pessoa de chá.

— Então. — Ele disse enchendo seu copo. — Se não estou na sua entrada, e você está perguntando sobre Sequoia, deve ser uma chamada médica?

— Sinto muito incomodá-lo.

— Tudo bem. Sente-se. — Ele puxou uma cadeira alta do balcão em mármore da cozinha.

Sentei-me, com os pés em volta das pernas, uma tensão enrolada em meus quadris. — Você deixou o lugar agradável. É provavelmente a melhor casa do quarteirão.

— É um investimento. — Ele colocou uma panela de água no fogão. — Poderia ter conseguido algo em Beverly Hills ou Palisades pelo dobro do preço e metade do agravamento, mas onde está a diversão nisso?

— É mais silencioso e limpo?

— Nenhum potencial, no entanto. Nenhum lugar para crescer, somente para baixo. Este bairro será Beverly Hills em dez anos, e tenho que viver ao lado de pessoas como você. Pessoas interessantes. Lá são todos advogados. — Ele olhou para mim como se examinasse. — Então o que a trouxe aqui?

— Você é um cardiologista. Sinto muito, mas...

— Pare de se desculpar.

— Meu... eu acho que você o chamaria de namorado? Ele está no Sequoia.

— Um paciente, presumo.

¹ Marca de fralda descartável adulto.

— Dizem que ele tem um problema de coração. Que danificou as válvulas quando era mais jovem e ele... — Eu estava traindo a confiança? As pessoas estavam falando de sua tentativa de suicídio tantas vezes que parecia notícia velha, mas a conversa estava dentro dos limites de sua família e os médicos. Dr. Thorensen esperou, inclinando-se sobre o balcão com o copo aquecendo suas mãos. — Ele tomou muito Adderall uma vez, quando era um adolescente.

— Ele é o Jonathan Drazen?

Senti um arrepio de choque, como uma descarga de adrenalina. Ele sabia, e mencionou o nome dele lá da cozinha, como se a condição de Jonathan e como ele ficou tão doente era de conhecimento público.

Ele deve ter visto a confirmação no meu rosto. Ele pousou o copo e abriu uma lata cromada sobre o balcão. Estava cheia de saquinhos de chá. — Isso explica o carro.

Eu estava sendo apenas sensível? Parecia que ele pensou que eu não poderia ter comprado um Jaguar sem foder alguém. Eu não tinha tempo para decidir se estava com raiva porque Dr. Thorensen continuou como se soubesse que tivesse algo implícito que pudesse virar minha calcinha e eu queria me esquecer disso.

— Temos uma reunião semanal sobre os pacientes de cardiologia de alto risco. — Disse ele. — Só para verificar diagnósticos e certificar-nos que estamos na mesma página sobre o tratamento. Eu já o vi. — Ele ergueu a mão como se quisesse me tranquilizar. — Eu não sou o seu médico ou qualquer coisa. Dr. Emerson está com ele. Ele é altamente qualificado.

— E você está de acordo que uma overdose com dezesseis anos de idade, deu-lhe um ataque cardíaco? Isso não faz sentido.

— Adderall é basicamente speed² legalizado. Tomando um monte irá danificar suas válvulas, e o menor bloqueio vai dar-lhe um ataque cardíaco. Sem dúvida. É um milagre ter chegado tão longe.

Ele me entregou a minha xícara. Eu não a queria, mas encontrei minhas mãos apertando-a de qualquer maneira. — Você tem certeza? — Perguntei. Ele levantou

² Anfetamina estimulante que acelera o batimento cardíaco.

uma sobrelha, mas não disse nada. — Eu não queria questioná-lo. Sinto muito. Eu não fiz medicina. Mas antes que isso acontecesse, nós estávamos em uma festa, e ele tinha saído há algum tempo. Eu acho que... — Eu me sentia tão estúpida dizendo isso. Eu disse à Margie minha teoria, e ela lhe dispensou na hora. — Eu acho que ele foi envenenado. — Olhei para minha xícara de chá.

— Essa é uma acusação bastante ampla. — Ele disse suave e gentilmente, mas com tudo isso era um sinal de condescendência, como se o que realmente quisesse dizer que eu estava louca.

— Ele tem inimigos. — Eu disse.

— Sim.

— Sua ex-esposa estava brava com ele.

— Ok.

— Ele estava bem antes.

— Não, ele não estava.

— Eu estava lá, e você não. Sinto muito, mas ele estava bem.

Ele colocou o copo para baixo, e eu senti o peso da minha intrusão. Ele estava jogando um jogo de vídeo às oito da manhã, tendo um momento de paz depois do trabalho de alta pressão, e eu estava arrastando seu trabalho pela sua cozinha. E ele não acreditava em mim. Eu queria que ele acreditasse, mesmo que me sentisse mais e mais louca.

Ele disse. — Não havia nada em seu exame toxicológico. Examinei o seu atendimento por duas horas, olhando para os eletrocardiogramas. Ele tinha um evento coronário maciço. Há uma boa chance de que tivesse ataques cardíacos pequenos nos dias anteriores. Suas válvulas estão ferradas. — Ele parou a frase como se estivesse se forçando. Ele estava falando sobre o coração de um homem como se fosse um carburador.

— Eu deveria ir.

— Ele tem um prognóstico muito bom.

— Obrigada pelo chá. — Eu o coloquei em cima do balcão.

— Monica, ouça...

— Dr. Thorensen...

— Sou Brad.

— Brad, foram cinco dias brutais. Ele tem sete irmãs e uma mãe e elas... a maioria delas... agem como se eu não fosse ninguém para ele. Eu estou na sua lista, por isso me disseram tudo, mas estou cercada por estranhos. Ao vê-lo assim, com soro e os tubos e apenas esperando para abri-lo... Todo mundo está preocupado, e ninguém quer ouvir.

— Eu entendo o desejo de culpar alguém, mas ele não foi envenenado. Eu juro a você. — Disse ele.

Não havia nenhuma evidência de envenenamento, e Jessica estava na minha mira, ou no banheiro, na maioria das vezes. Eu estava procurando por um intervalo de dez segundos, onde ela poderia ter... O quê? Feito algo a ele? Maliciosamente injetado algo nele? Eu achei que estava vivendo em um romance de Agatha Christie, onde os artistas conceituais brilhavam com a lua como os químicos?

— Sim. — Eu disse. — Eu acho.

— Diga-lhe isso. Por que você não joga *City of Dis* comigo por um tempo? Estou no oitavo círculo. Eu vou construir um personagem do meu perfil. Você não terá a oportunidade de jogar nesse nível em qualquer outro lugar. Todos os seus problemas irão embora. — Ele estalou os dedos. — Mágica. Vamos.

— Eu não posso.

— Uma hora.

— Eu não faço lavanderia há duas semanas, e tenho que ir trabalhar.

Ele pousou o copo. — Outra hora?

— Sim, e obrigada, Brad. — Seu nome curto soou excessivamente familiar e friamente destacado na minha boca.

— A qualquer hora.

Ele me levou para fora, e fui para casa brigar com a roupa. Talvez eu sáísse para ver as luzes de Natal sozinha. Eu encontrei uma carta gravada na minha porta de tela. No envelope, apenas uma folha aberta.

EDITAL DE LEILÃO PÚBLICO

O resto era besteira legal, mas eu fiz a varredura da página para as partes escritas à mão. Meu endereço. Trinta dias. Sem pagamento.

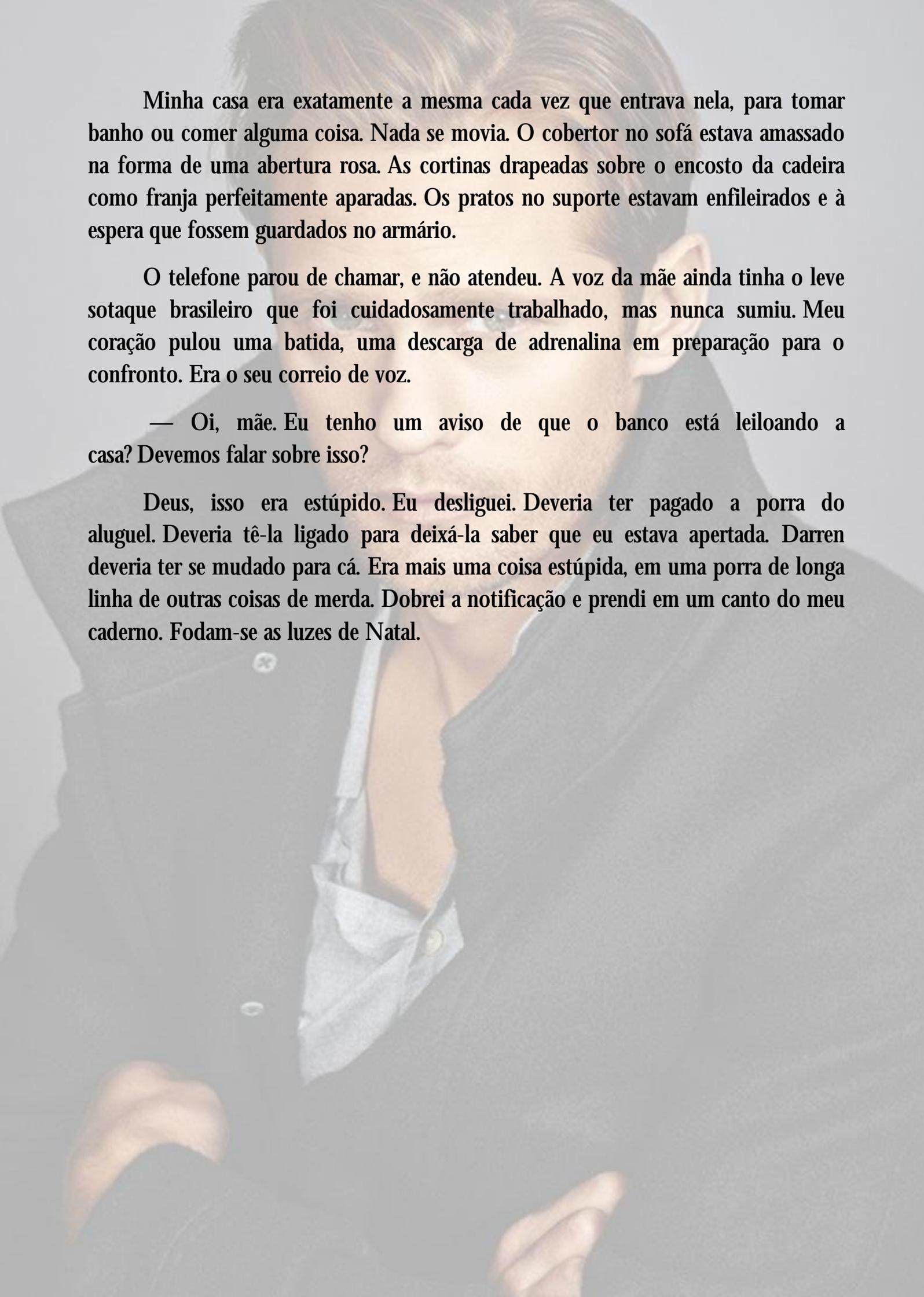
— Merda. — Eu olhei para a minha casa como se pudesse encontrar uma resposta lá, mas era apenas uma caixa de madeira escura, com uma base desmoronando. Eu ainda não tinha conseguido os papéis assinados para corrigir isso, mas, se as permissões foram liberadas, minha mãe tinha começado a ser notificada pelo correio. Então, ela sabia que algo estava dando errado. A notificação deveria ser o resultado do meu fracasso em enviar-lhe um cheque de dois meses seguidos.

Eu teria que ligar para ela.

Eu não queria ligar para ela.

Olhei para o meu telefone. O número estava ali. Eu tinha perdido o aluguel duas vezes antes, uma vez quando Kevin e eu terminamos, e uma vez quando Gabby havia tentado cometer suicídio. Ambas às vezes, eu tinha enviado dois meses de aluguel em um envelope com uma nota de agradecimento. Então, quando Gabby morreu, eu fiquei descoberta e então percebi que conseguia fazer isso. Eu poderia ter feito, só que primeiro eu estava em Vancouver em dezembro, depois esqueci. Então parei de trabalhar quando Jonathan entrou em colapso. Honestamente, mesmo se eu tivesse o dinheiro, eu tinha preocupação demais para gerenciar qualquer aspecto prático da minha vida.

Foi assim que eu comecei a viver em sua casa. Realmente, quanto tempo eu poderia viver na aba de uma pessoa que eu não estava falando, afinal? Quantos anos eu tinha? Eu liguei para o número dela enquanto abria a minha porta da frente. Era mais fácil enfrentar as coisas difíceis se fizesses várias tarefas ao mesmo tempo.

A man with short brown hair, wearing a dark suit jacket, a light blue shirt, and a brown tie, is looking down with a serious expression. The background is a plain, light color.

Minha casa era exatamente a mesma cada vez que entrava nela, para tomar banho ou comer alguma coisa. Nada se movia. O cobertor no sofá estava amassado na forma de uma abertura rosa. As cortinas drapeadas sobre o encosto da cadeira como franja perfeitamente aparadas. Os pratos no suporte estavam enfileirados e à espera que fossem guardados no armário.

O telefone parou de chamar, e não atendeu. A voz da mãe ainda tinha o leve sotaque brasileiro que foi cuidadosamente trabalhado, mas nunca sumiu. Meu coração pulou uma batida, uma descarga de adrenalina em preparação para o confronto. Era o seu correio de voz.

— Oi, mãe. Eu tenho um aviso de que o banco está leiloando a casa? Devemos falar sobre isso?

Deus, isso era estúpido. Eu desliguei. Deveria ter pagado a porra do aluguel. Deveria tê-la ligado para deixá-la saber que eu estava apertada. Darren deveria ter se mudado para cá. Era mais uma coisa estúpida, em uma porra de longa linha de outras coisas de merda. Dobrei a notificação e preendi em um canto do meu caderno. Fodam-se as luzes de Natal.

Capítulo Dois

Monica

Eu estava quase sem gasolina. Eu tinha

cinco dólares no bolso, um estouro no cartão de crédito e uma conta corrente perigosamente perto de ser raspada. Eu poderia começar a trabalhar e ganhar algum dinheiro, mas sem um oitavo de um tanque, eu estaria pegando o ônibus para o hospital e pagando a passagem com as moedas encontradas entre almofadas do sofá.

Eu não ousava dizer a Jonathan que coisas haviam chegado a esse ponto. Eu ia até ele todas as noites, com sol na minha voz e arco-íris no meu bolso. Quando não estava em Sequoia, eu deixava o pânico chegar. Fechando meu armário, desenhei um sorriso de atendimento ao cliente para ninguém em particular.

— Monica? — Andrea veio atrás de mim, com o cabelo tingido de azul. Ela sempre estava com uma nova cor, e eu parecia ter perdido essa troca. A cor já estava desaparecendo, voltando ao verde.

— Ei, como você está? Amei a cor.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou.

— É meu turno.

Ela revirou os olhos e torceu a boca. — Uhm, nós temos uma espécie de hábito de trocá-lo. Então, estou trabalhando.

— Não. — Eu ouvi o desespero da minha voz. — Eu preciso do dinheiro. — Deus, eu odiei soar necessitada. Eu odiava choramingar sobre o dinheiro. Ela encolheu os ombros e saiu caminhando. Eu fui para o escritório de Debbie.

— Entre. — Disse ela depois que eu bati. Ela estava sozinha, atrás de sua mesa e embaralhando através de só-Deus-sabe-o-quê. Ela olhou para cima, como se estivesse feliz em me ver. Ela se levantou e colocou os braços para um abraço. — Monica. Como você está?

— Estou bem. Eu vim para trabalhar, mas Andrea diz que ela pegou meu turno?

— Você perdeu cinco turnos. E estava fora na semana anterior. Eu preciso de gente rodando.

— Eu preciso do meu turno.

Ela colocou a mão embaixo do meu queixo. — Você não está em condições de trabalhar. Você perdeu peso. Você tem olheiras. Um pouco de batom?

— Por favor.

— O que está acontecendo? Sente-se. Fale.

Eu me abaixei na poltrona de couro. Debbie se sentou no braço do lado. A névoa da noite que descia em Los Angeles espalhava pela janela. Foi o ano mais chuvoso da história. O bar estaria devagar e as gorjetas, escassas. Apenas os turistas que não tinham mais para onde ir e os clientes habituais que não perdiam o hábito. Os rebatedores de Hollywood estariam em clubes do centro ou lugares de Silver Lake.

— Eles estão tentando estabilizá-lo para que possa fazer um transplante de válvula e abrir suas artérias. — Eu disse. Ela me olhou fixamente, como se estivesse à espera de entender. — Ele danificou seu coração quando ele tinha dezesseis anos... — Eu parei abruptamente. Eu sabia que Debbie e Jonathan eram próximos, mas eu não podia ter certeza de que ele contou a ela sobre o monte de drogas que

tomara. Ele não sabia que estava quebrado até que o stress das últimas semanas o derrubou.

— Aqui. — Debbie disse, entregando-me um lenço de papel. — Vá em frente.

— Eles têm que substituir partes do seu coração. — Eu sentia fortemente que não sabia o que eu estava falando, porque eu nem sabia. — Ele não está suficientemente estável para a cirurgia. — Eu apertei o lenço nos meus olhos. Ele voltou com manchas de rímel. Eu realmente não poderia trabalhar hoje. — Eu vou toda noite e falo com ele, mas preciso trabalhar hoje à noite.

— Não, você precisa ir até ele.

— Eu preciso do dinheiro. Sinto muito. Eu sei que parece nojento.

— Ele não pode lhe dar dinheiro? — Ela parecia chocada, como se ele *não fosse*, o que não era o caso. Pedindo dinheiro iria manchar a luz do sol e arco-íris.

— Eu não quero que ele se preocupe.

— E quanto a família dele?

— Fora Margie, elas toleram minha existência. O que é bom. Mas não pedirei.

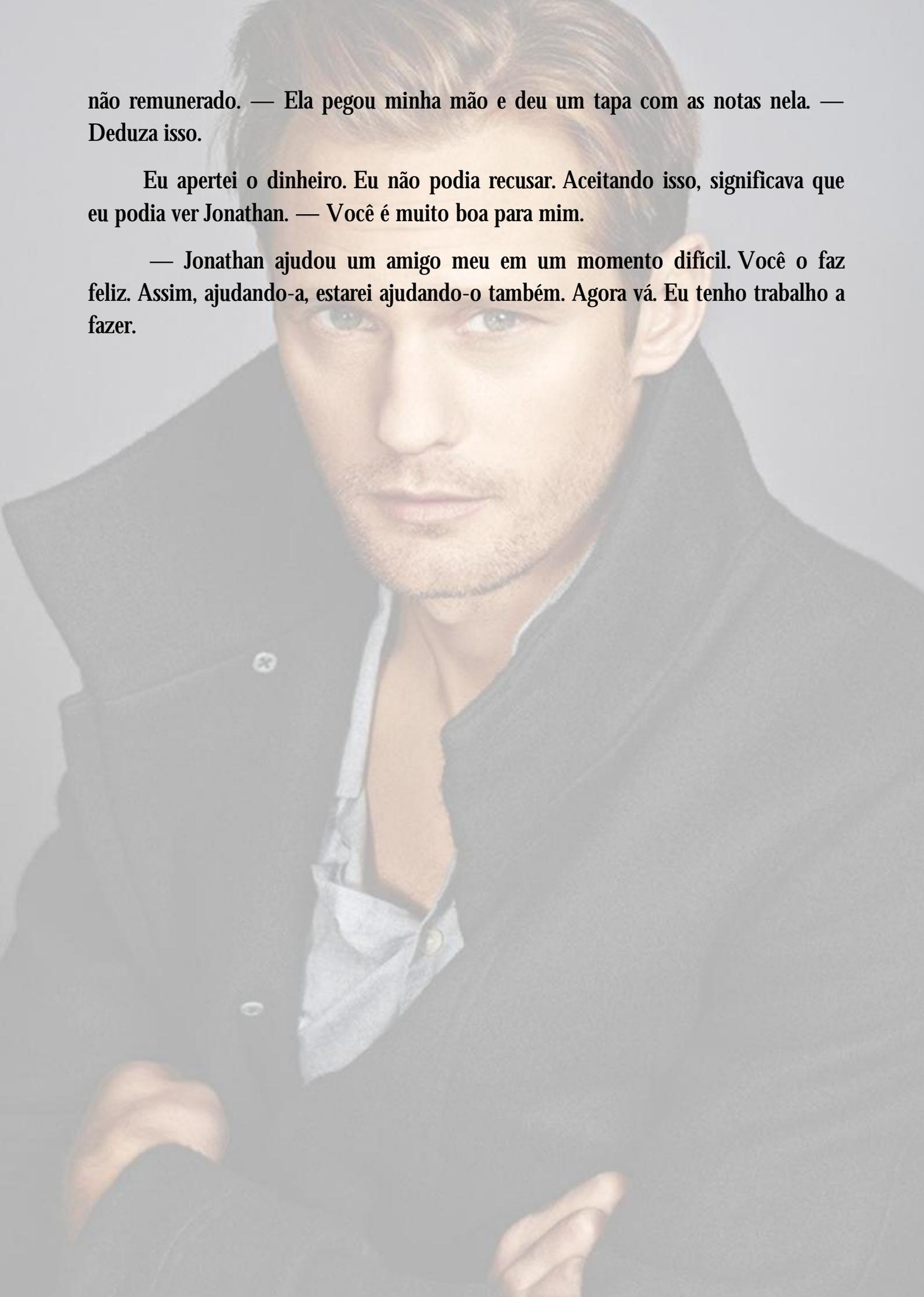
— Ele não lhe deu algo que você possa vender?

O título do Jaguar, que era o meu único meio de transporte, estava no portaluvas quando Lil levou-o para mim. O colar de platina, que simbolizava o nosso vínculo ficava na minha cômoda, ligando o mar e o céu. O piercing de diamante de umbigo estava onde ele o colocou quando se comprometeu comigo. — Não. Eu não tenho nada para vender.

Debbie levantou-se e caminhou indo atrás de sua mesa. Se inclinando, abriu uma gaveta e pegou sua carteira. — Eu não costumo fazer isso.

— Não faça isso. Eu vou trabalhar.

Ela pegou uma pilha de notas e deu a volta na mesa. — Nós podemos cobrir seus turnos mais alguns dias, depois teremos de colocá-la em licença pessoal. Isso é



não remunerado. — Ela pegou minha mão e deu um tapa com as notas nela. — Deduza isso.

Eu apertei o dinheiro. Eu não podia recusar. Aceitando isso, significava que eu podia ver Jonathan. — Você é muito boa para mim.

— Jonathan ajudou um amigo meu em um momento difícil. Você o faz feliz. Assim, ajudando-a, estarei ajudando-o também. Agora vá. Eu tenho trabalho a fazer.

Capítulo Três

Monica

Cento e cinquenta e sete dólares em notas

pequenas. Deus abençoe Debbie. Eu a amava. Eu coloquei gasolina no carro. Então comprei um recipiente de melão em cubos do Ralph para o jantar. Estacionei a três quarteirões de distância, então não teria que pagar pelo estacionamento e caminhei. A noite caía, e estava ficando frio. Eu estava embrulhada em um casaco e cachecol leves, tendo esquecido um gorro na pressa para chegar ao trabalho.

Sequoia era enorme. Metade dos bebês em LA nasceu lá, e todo mundo conseguia morrer ali. A enfermeira-chefe da unidade cardíaca me conhecia de vista e acenou para mim e meu melão.

— Oi. — Eu disse quando entrei no quarto rosa claro, com pesadas beijeiras nas bordas, e o cheiro de doença e de álcool de Jonathan. Eu tinha levado para ele uma pequena árvore de Natal acesa para a mesa ao lado da cama, e todas as noites, ele se certificava que ela estava lá.

— Eu pensei que você estaria trabalhando hoje à noite. — Jonathan estava sentado, lendo com uma única lâmpada. Eu já o tinha visto na cama todas as noites durante a última semana e meia, e ele estava ficando melhor e melhor. Eu não poderia acreditar que não iriam deixá-lo simplesmente sair.

— Está chovendo. Debbie não precisa de mim. — Sentei-me na beirada da cama e peguei a mão dele, enquanto tentava não perturbar o seu soro. Máquinas buzonavam e cantarolavam. Uma agulha riscava no papel, traçando as linhas de seu batimento cardíaco. — Como você está se sentindo?

— Como se quisesse socar alguém. Você?

Eu sorri. — Os contratos foram assinados. Margie é minha heroína. Sério, eu não poderia ter feito isso sem ela. Estou finalizado para gravar amanhã. Estou cantando 'Collared' com o total valor da produção.

Ele tirou o recipiente de melão de mim. — Eles levarão a LA Phil³?

— Eu sei que você está brincando. — Eu disse, compulsivamente comecei a ajudá-lo a abrir o recipiente. Mas nos últimos dois dias, ele não precisava de mim, então puxei de volta minhas mãos. — Mas sim. Quinze peças. String-pesado. Tipo, verdadeiro. Na próxima semana, faremos Craven. Eu coloquei alguns arranjos, e eles vão pegar mais dois para um EP.

Ele pegou um pedaço de melão e ergueu-o. Eu me inclinei para frente e abri minha boca. Ele passou o suco no meu lábio inferior antes de deixá-lo tocar minha língua. — Orquestras custam muito dinheiro. — Disse ele. — Eles devem acreditar em você.

Peguei o melão com cuidado e fechei meus lábios em volta dele, pegando os dedos e chupando-os enquanto saiam. — Vamos ver.

— É isso que você trouxe para jantar?

— Eu comi alguma coisa em casa. — Eu menti. Se ele soubesse que minha geladeira estava vazia e eu não queria gastar o dinheiro que Debbie me emprestou, ele se preocuparia. Ou ele perderia a cabeça no quarto do hospital. Ele já tinha um código azul sobre sua mãe tentando me calar.

³ Orquestra Filarmônica de Los Angeles

— Você deveria ter jantado *comigo*. — Ele não ficou louco ou xingou. Durante o dia, quando sua família o visitava, eu andava pelas sombras. Esse era o acordo. Eu não precisaria ficar na frente ou no meio com suas irmãs e sua mãe, mas eu vinha até ele à noite, sozinha.

— O que dizem os médicos? Will disse se você sairá para o Natal? — Eu desviei do assunto de jantar, o que levaria a falar da minha aflição financeira. — Eu não tenho a menor ideia se poderá, por sinal. — Ele fez uma pausa, escolhendo através da fruta, os olhos baixos. — E então?

— Ainda não. — Ele levantou um melão. Eu o peguei, mas sentia que ele estava escondendo algo. Eu mastiguei devagar. Como se sentisse minha obstinação, ele disse: — Eu estou forte o suficiente, mas a arritmia ainda está aqui.

— Ela tinha acabado ontem!

Ele deu de ombros. — Coma. Eu quero seu corpo pronto para mim quando eu der o fora daqui.

Esse era Jonathan. Focado em conseguir o inferno para sair o que ele achava que era como uma prisão.

— Este corpo está sempre pronto para você. — Eu separei meus lábios para seus dedos.

Ele empurrou a fruta de novo um pouco, e eu segui. Ele deixou tocar minha língua, em seguida, puxou-a de volta. Brincamos de gato e rato com o melão até que ele apareceu em sua boca, me agarrou pela parte de trás da cabeça, e me beijou. Nossas línguas estavam com gosto frio da fruta. Beijei-o como se sentisse falta. Eu me empurrei para ele como se ele fosse uma criatura delicada, vivendo apenas pela graça de Deus e da medicina moderna. Sua língua deslizou ao redor da minha como se ele fosse tão saudável como nunca. Como se um ritmo cardíaco elevado não o fosse matar, ou, pelo menos, enviar enfermeiras correndo com pás e carrinhos de máquinas bege. Ele podia negar tudo o que estava acontecendo era o que ele queria. Ele estava ficando mais forte, mas se os médicos acreditavam que todo dia sem a cirurgia o deixava mais perto de outra insuficiência cardíaca.

— Deusa. — Ele sussurrou. — Eu tenho que ter você.

— De jeito nenhum. — Nós tentamos duas noites atrás, e a palavra “desastre” seria usada se estivéssemos desvalorizando os resultados. Eu tinha recebido uma bronca da enfermeira Irene e chorei por horas pelo estresse e pelo sermão.

Ele empurrou o dedo debaixo da minha cintura. — Desfaça isso.

— Não.

— Abra seu jeans e puxe-os para baixo. — Ele falou simplesmente como se eu não tivesse recusado, e o comando enviou ondas de desejo em mim. — Eu juro por Deus que não alterará minha frequência cardíaca.

— Eu estou com medo.

— Eu não. Vamos. Confie em mim. — Seu rosto estava a centímetros do meu com sua mão no meu rosto acariciando meu lábio inferior. Toda noite, eu me enrolava ao lado dele e dormia por algumas horas antes que pedissem para sentar na minha cadeira. Toda noite eu o queria, e todas as noites eu me preocupava. Ele andava de distraído, para irritado, de depressivo para isso. Ele sentia como se tivesse perdido o controle, e estava me usando para se sentir como se o tivesse de volta por um minuto. Eu só não sabia se podia confiar nele para cuidar de si mesmo.

Eu desabotoei minha calça. Ele suspirou e colocou o recipiente sobre a mesa. Seus olhos ficaram presos nos meus quando arrumei meus quadris, coloquei um joelho na cama, e puxei a minha calça.

— Monte em mim.

Eu estava restringida pela cintura, mas tinha uma perna para fora e mexia perto dos instrumentos e tubos em ambos os lados dele. Não fiz nenhum movimento para mudar os lençóis para longe ou tocá-lo. Eu só fiz o que me foi dito. — A porta está entreaberta.

— A cortina está fechada. — Ele sussurrou, sentindo minha bunda. — Você está usando essa merda de algodão novamente. — Sua mão esquerda, a sem o sorriso, acariciou minhas costas e encontrou o seu caminho em minha calcinha.

— Parece bobagem desperdiçar coisas boas se você não vai ver.

— Você perdeu o ponto. — Ele me puxou para a frente. — Coloque suas mãos atrás de mim. — Eu coloquei na parede atrás dele. Com a mão esquerda, ele alcançou entre as minhas pernas, me acariciando através do tecido da minha calcinha. — A ideia é que durante o dia, eu esteja presente, onde ninguém pode ver. Você se veste para o mundo, mas debaixo disso, você se veste para mim. Eu possuo seus lugares mais suaves, e onde eles o tocam é meu.

— Como posso pensar quando você está doente?

— Eu preciso de você. Sabendo que a tenho mesmo daqui é a única coisa que me faz passar pelo dia. Você pode fazer algo para mim amanhã?

— Qualquer coisa.

— Às três da tarde, quando você estiver no estúdio, exatamente às três, coloque os dedos em seus lábios e pense em mim.

— Sim. Eu posso fazer isso.

Ele passou o polegar nas entrepernas da minha calcinha. Meu clitóris pulsava, e eu engasguei.

— Lembra-se do escritório? — Ele sussurrou. — Sobre a mesa?

— Como eu poderia esquecer? Você foi cruel.

Ele acariciou com quatro unhas sobre o algodão que tanto odiava. Eu já estava úmida. — Eu queria muito você.

— Você poderia me ter.

— Qualquer outra pessoa, eu teria apenas fodido. Mas, não você. — Ele passou um dedo por baixo da minha calcinha, acariciando minha abertura. — Você estava tão molhada. Tão sensível. Uma rapidinha em uma mesa seria um desperdício.

Seu dedo fez círculos ao redor da minha parte mais inundada, e seu polegar tocou meu clitóris suavemente. Quando me empurrei para frente, ele puxou de volta.

— Você foi um filho da puta. — Eu falei através dos suspiros que ele me provocou. — Você poderia ter me deixado gozar e me fodido mais tarde. — Ele empurrou dois dedos dentro de mim. Fechei os olhos e gemi.

— Olhe para mim. — Disse ele. Eu virei meu nariz para ele e tentei manter meus olhos abertos. — Eu queria você antes da minha viagem. Precisava motivá-la. Eu tinha que ter você.

— Tenha-me. — Engoli em seco quando ele colocou apenas a mais leve pressão sobre o polegar enquanto girava os dedos no meu buraco.

— Você foi fantástica na primeira noite. Inesquecível. — Puxando os dedos para fora, ele escorregou-os na minha fenda, acariciando meu clitóris devagar, mal se movendo. Cada milímetro de movimento enviava uma foto da sensação da minha boceta até meus joelhos e cintura.

— Oh, Deus.

Sua mão direita foi para a parte de trás da minha cabeça. Eu sabia que ele tinha o seu soro nessa mão, mas eu não estava pensando nisso. Eu só pensava no movimento terrivelmente sem pressa de seus dedos. — Você quer gozar, Monica?

— Por favor, deixe-me gozar. Eu quero.

Ele agarrou meu cabelo. — Eu não acredito em você.

— Por favor. Jonathan, por favor. Não me deixe ir embora assim. Deixe-me gozar para você. — Minha mendicância não poderia ser mais sincera. O prazer e a tensão entre as minhas pernas era tão intenso, tão forte que era quase doloroso.

— Não. — Ele passou os dedos sobre o meu clitóris, em seguida, arrastou-os de volta em mim. Ele puxou-os para fora, rolou-os em volta do lado de fora, e, em seguida, empurrou-os de novo. Todo o tempo, ele manteve minha cabeça ainda segurando um punhado de meu cabelo.

— Por favor. — Eu sussurrei.

— Por que eu deveria?

— Você me ama.

— Eu amo. — Mas ele não disse mais nada.

— E eu te amo.

— Então?

— Sinto falta do seu corpo. Eu quero gozar para você. Por favor.

Ele puxou as pontas de seus dedos sobre meu clitóris. Foi apenas o suficiente para me levar para o próximo nível. Eu não podia falar quando o prazer inundou meu corpo, mas não era uma versão completa. — Quando você cantar amanhã, vestirá algo que você se lembrará de mim.

— Sim. — Eu teria prometido a World Series, mas isso, eu quis dizer. Sob minhas roupas, ele me possuía. — Por favor.

Esfregando muito meu clitóris, ele segurou meu rosto próximo ao dele. — A quem você pertence? — Como um copo de água em um dia quente, minha boceta o bebeu. Eu estava conseguindo o que tinha desejado, cada centímetro de pele molhada recebendo o toque que queria como a resposta a uma oração.

— Você. Eu sou sua. Oh. Eu sou...

— Goze, querida.

Eu mordi de volta um grito quando o orgasmo rasgou através de mim como se uma mangueira de incêndio tivesse sido ligada. Meus quadris empurraram para frente e tiros de prazer atravessaram meu sistema nervoso, apertando o ar dos meus pulmões, deixando de fora todos os sentidos, exceto a sensação de seus dedos entre minhas pernas, sua respiração no meu rosto, seus olhos nos meus.

Ele diminuiu, mas manteve a mão em mim, me acariciando para baixo até que senti como se pudesse pensar de novo. — Mais uma vez, deusa. E silenciosamente. — Ele empurrou em mim, reunindo sucos, e colocou os dedos no meu clitóris novamente. As águas subiram, como uma enchente.

— Porra. — Eu gemi, apertando e empurrando. Um grunhido parou na minha garganta enquanto eu gozava para ele novamente. Meus olhos se fecharam involuntariamente quando me libertei, os fogos de artifício entre as minhas pernas tomando cada entrada sensorial.

A máquina apitou. Nós congelamos. Ela apitou duplamente uma vez, duas vezes, e então parou. Ele acariciou minha bunda, e eu sabia o que aquilo significava. Eu saí correndo e puxei a minha calça. Eu a tinha abotoado no momento que Irene Maslov, enfermeira responsável abriu a porta.

— Senhor Drazen. — Ela disse em seu sotaque russo. — Você está bem?

— Nós estamos bem.

— Eu não sei se eu deveria estar trazendo o carrinho de choque de novo. — Brincou ela, entrando arrastando seus sapatos acolchoados desajeitados. Suas mãos, como massa de pão subiram, empurrou Jonathan para a posição sentada para que ela pudesse mexer com seus travesseiros. Seu cabelo grisalho estava cortado curto, e seu lábio inferior parecia estender uns bons sete centímetros de seu rosto.

— Por dois bips? — Disse Jonathan. — Eu vou começar a pensar que você quer que eu viva.

— Quando eu comecei na enfermagem, nós tínhamos regras. Sem namoradas no quarto sozinhas com a porta fechada. Agora os pacientes podem solicitar. Solicitar é como *lei*, então tenho máquinas soando duas vezes durante toda a noite.

— Eu não acho que ele vai apitar novamente. — Eu disse humildemente.

Ela foi para o computador e digitou com dois dedos extremamente rápidos. — Você está pronto para amanhã, senhor Drazen?

— Como qualquer outro dia no paraíso, Irene.

Ela tirou sua pressão arterial, e eu me sentei perto e segurei a outra mão. — O que será amanhã?

— Quarta-feira. — Ele sussurrou de volta.

Irene tirou o cinto de seu braço. — Tudo bem. — Ela bateu nas bolsas do soro. — Você está bem. — Ela olhou para mim sobre seus trifocais de plástico. — Você é uma boa menina.

— Sim, senhora. — Ela escapuliu para fora. — Eu adorei como isso foi minha culpa.

Jonathan encolheu os ombros e estendeu a sua mão esquerda. Seu lado esquerdo não tinha intravenosas ou tubos, e era o lado que eu tinha dormido uma vez, na terceira noite de sua estadia. Eu escorreguei mais próximo ao colchão para ele. Eu não podia me mover muito, mas não queria. Ele acendeu a luz, e eu descansei minha cabeça em seu ombro.

— Estou vendendo minha casa. — Disse ele.

— Por quê?

— Comprei-a com Jessica. Não é mais relevante.

— Eu tenho algumas boas lembranças daquela casa.

Enrolada contra ele, senti o seu sorriso. — Eu também. — Disse ele, a voz pesada com as mesmas memórias. — Vamos fazer novas lembranças em outro lugar.

— Onde você estava pensando?

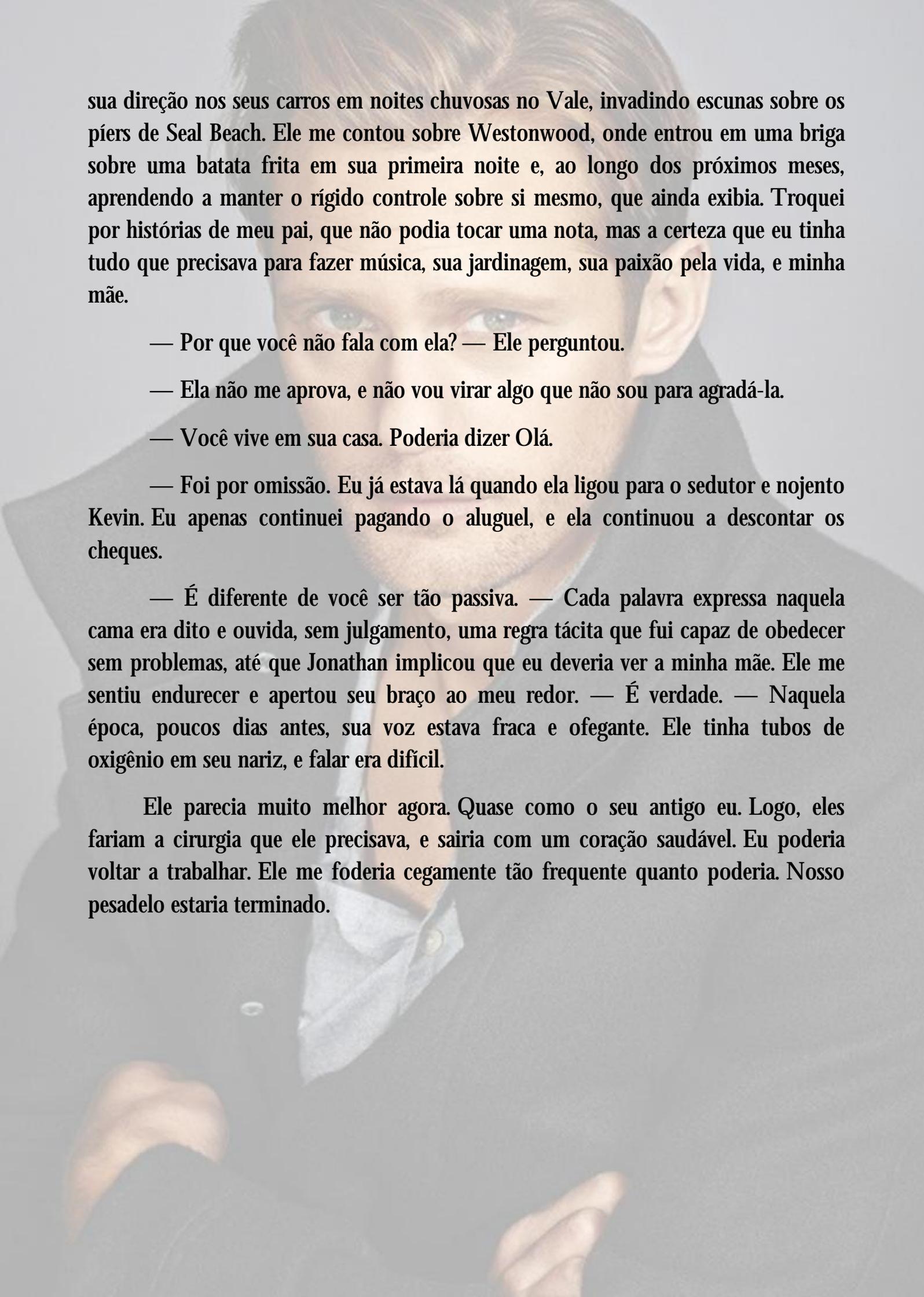
— Eu não sei. Onde você gostaria de ir?

As máquinas sussurraram sonhos de um futuro que eu tinha dado pouca atenção, luzes piscando de esperança e apreensão. — Eu moro em Echo Park. Se você ficasse perto, eu gostaria disso.

Ele virou a cabeça, pressionando os lábios no meu cabelo. — Eu vou ficar na bacia. Mais ou menos. Não é o lado oeste. Muitas pessoas que eu conheço, e é longe de você.

Eu não achava que ele pudesse se levantar e caminhar comigo pelo corredor sem entrar em colapso, mas ele ainda conseguia me fazer sentir protegida. Naquele quarto de hospital, a cama, o seu corpo junto ao meu se tornou meu mundo. Eu chegava à noite, e quando ele apagava a luz, era o meu lindo Jonathan saudável novamente, e eu sua deusa. Os problemas do dia derretiam.

Durante a semana passada, apenas com a poluição luminosa de Los Angeles entrando pelas janelas, ele me contou sobre um jogo perdido que onde ele era lançado na Universidade da Pensilvânia, correndo até a nona base. Ele me contou sobre os anos fora de controle antes da sua tentativa de suicídio, sobre seus amigos e

A man with short brown hair and light eyes, wearing a dark suit jacket, a light-colored shirt, and a dark tie, is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a soft, out-of-focus grey.

sua direção nos seus carros em noites chuvosas no Vale, invadindo escunas sobre os píers de Seal Beach. Ele me contou sobre Westonwood, onde entrou em uma briga sobre uma batata frita em sua primeira noite e, ao longo dos próximos meses, aprendendo a manter o rígido controle sobre si mesmo, que ainda exibia. Troquei por histórias de meu pai, que não podia tocar uma nota, mas a certeza que eu tinha tudo que precisava para fazer música, sua jardinagem, sua paixão pela vida, e minha mãe.

— Por que você não fala com ela? — Ele perguntou.

— Ela não me aprova, e não vou virar algo que não sou para agradá-la.

— Você vive em sua casa. Poderia dizer Olá.

— Foi por omissão. Eu já estava lá quando ela ligou para o sedutor e nojento Kevin. Eu apenas continuei pagando o aluguel, e ela continuou a descontar os cheques.

— É diferente de você ser tão passiva. — Cada palavra expressa naquela cama era dito e ouvida, sem julgamento, uma regra tácita que fui capaz de obedecer sem problemas, até que Jonathan implicou que eu deveria ver a minha mãe. Ele me sentiu endurecer e apertou seu braço ao meu redor. — É verdade. — Naquela época, poucos dias antes, sua voz estava fraca e ofegante. Ele tinha tubos de oxigênio em seu nariz, e falar era difícil.

Ele parecia muito melhor agora. Quase como o seu antigo eu. Logo, eles fariam a cirurgia que ele precisava, e sairia com um coração saudável. Eu poderia voltar a trabalhar. Ele me foderia cegamente tão frequente quanto poderia. Nosso pesadelo estaria terminado.

Capítulo Quatro

Monica

Otra enfermeira entrou às duas horas da madrugada na troca de turno. Ela tirou a pressão sanguínea de Jonathan e digitou no computador. Isso acontecia todas as noites, como se ele não precisasse de uma noite inteira de sono. Eu deslizei para fora da cama, beijei-lhe um adeus e fui embora.

Meu horário no estúdio começaria às onze da manhã, e eu queria estar revigorada. Eu tentei ter mais uma hora de sono, mas só consegui duas coisas: me preocupar com a arritmia de Jonathan, que seria adiada a cirurgia novamente e pensar em novas maneiras de adicionar percussão no “Collared”. Era necessário algum tipo de batida com uma série de cordas. Então frescura iria falhar, mas a pontualidade não tinha que ser. Eu decidi economizar o combustível, ficando pronta antes e pegando um ônibus.

Isso era considerado uma grande gafe, inédita e até mesmo chocante para a maioria dos meus amigos. Um simplesmente não *pegava ônibus*. Mas era em linha reta pela Sunset, e eu me encontrei olhando pela janela enquanto alguém dirigia

meditativo o suficiente para fazer valer a pena. Não era hora do rush, então não chegaria atrasada. Eu não precisa levar nada além das minhas cordas vocais e minha viola. Só eu, e os meus pensamentos, e Los Angeles se movendo pesadamente pela minha janela.

Imaginei Jonathan nu quando bati o meu polegar para uma canção sem palavras. O ritmo era uma expressão de suas curvas e arestas, as notas coloridas pelos sabores de sua pele, e a dinâmica tornou-se a sua voz, quando ele me comandou para o seu prazer. Minha mente enrolada em si mesma, evocando uma música enquanto o ônibus balançava e soltava em seu próprio tempo, me puxando para um estado de contentamento melancólico.

Meu telefone tocou. Eu considerei deixa-lo vibrar até que fosse para o correio de voz, mas ele não parava de tocar. A bolha de proteção ao redor da minha canção quebrou, deixando-me com a música, mas não o humor. Poderia muito bem responder. Era Margie. Até um dia atrás, eu não sabia se ela estava chamando pelo meu contrato com o Carnival ou Jonathan. Eu falei com ela mais vezes do que falei comigo mesma.

— Oi. — Eu disse.

— Onde está você?

— Santa Monica e Canon.

— Eu sinto muito. — Sua voz estava tensa. — Vocês discutiram não vir ou algo assim?

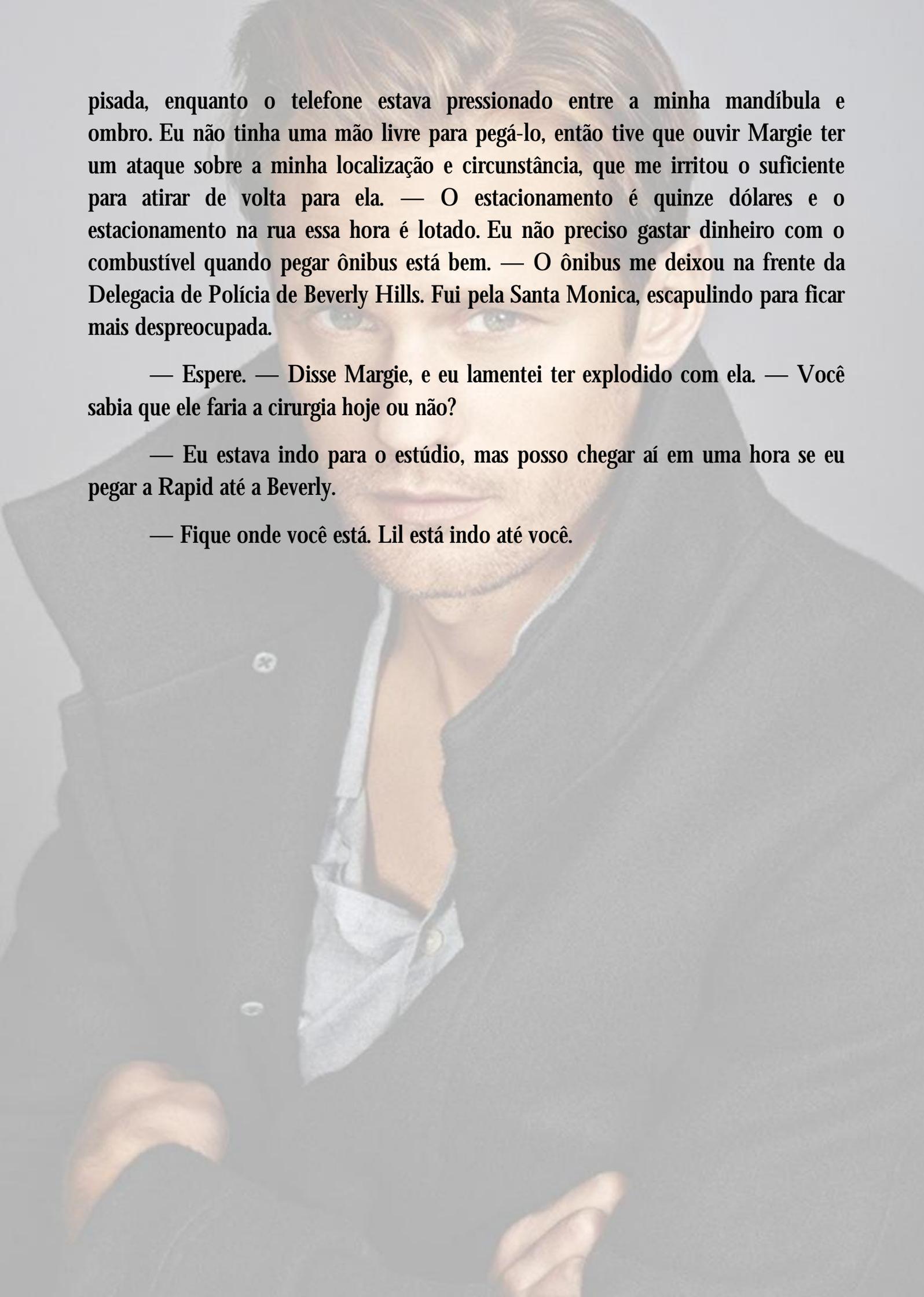
Endireitei meu corpo. — O que está acontecendo?

— Ele está em cirurgia hoje, e pensei que você poderia querer estar aqui quando ele saísse. A menos que algo tenha mudado com vocês dois.

Porra. — Não. — Toquei a campainha para descer na próxima parada. Se eu pegasse uma conexão, poderia fazer isso em uma hora.

— O que foi isso? — Perguntou Margie. — Você está no *ônibus*?

Na minha pressa de sair do ônibus, deixei cair o case da viola. Ela se abriu ao lado do motorista, que gritou comigo. Subi para pegar antes que minha viola fosse



pisada, enquanto o telefone estava pressionado entre a minha mandíbula e ombro. Eu não tinha uma mão livre para pegá-lo, então tive que ouvir Margie ter um ataque sobre a minha localização e circunstância, que me irritou o suficiente para atirar de volta para ela. — O estacionamento é quinze dólares e o estacionamento na rua essa hora é lotado. Eu não preciso gastar dinheiro com o combustível quando pegar ônibus está bem. — O ônibus me deixou na frente da Delegacia de Polícia de Beverly Hills. Fui pela Santa Monica, escapulindo para ficar mais despreocupada.

— Espere. — Disse Margie, e eu lamentei ter explodido com ela. — Você sabia que ele faria a cirurgia hoje ou não?

— Eu estava indo para o estúdio, mas posso chegar aí em uma hora se eu pegar a Rapid até a Beverly.

— Fique onde você está. Lil está indo até você.

Capítulo Cinco

Monica

Sentei-me na parte de trás do Bentley,

querendo absolutamente morrer. A ideia de estar no estúdio quando Jonathan sáisse da cirurgia era inaceitável, mas o pensamento de não aparecer para cantar por qualquer doença além da minha própria parecia ridículo. Cancelamento do horário de estúdio custaria uma fortuna pra Carnival. Todo mundo ainda teria que ser pago. Uma orquestra cheia de gente. Assistentes. Os caras da sessão. Qualquer que fosse o executivo apareceria para ver a senhorita pegando-o-ônibus e cortaria o EP de estreia. Eu fodi completamente minha carreira. Quem iria criar outra sessão após esta merda?

Margie me encontrou no corredor, logo que saí do elevador. — Eles o levaram para a sala de cirurgia. Ele não perguntou por você, então isso me diz que ele sabia que você não viria. — Ela me levou para o corredor vazio.

— Eu lhe disse que estaria fazendo algo para o Carnival esta tarde. Ele sabia que se me dissesse que entraria na faca hoje, eu cancelaria.

— É importante? O estúdio?

— Não tão importante quanto estar aqui.

— Poupe-me as comparações emocionais. — Sua impaciência era um sinal de como ela estava enrolada. Suas palavras foram cortadas, e sua intenção inconfundível. Eu me senti compelida a lhe dar qualquer resposta que pedisse. Ela deveria ser uma mágica no tribunal.

— Vou fazer minha carreira. — Eu disse. — Mas não hoje.

— Primeiro de tudo, você não precisa perguntar nunca mais ao meu irmão sobre a sua condição. Ele é um mentiroso notório de conveniência.

— Não me diga.

— Em segundo lugar. — Ela parou e ficou na minha frente. — Como você faliu?

— Eu estou bem.

— Vocês dois são tão doces juntos. Realmente. Ele mente para você ir para o estúdio, e você omite sua pobreza para que ele não se preocupe com você. Isso quebra a porra meu coração vendo este nível de duplicidade bem-intencionada.

Olhamos uma para o outra durante o que pareceu um minuto e meio. Ela tinha aquela coisa Drazen onde parecia perfeitamente calma, embora sua família e seu trabalho estivesse comendo-a viva. O cabelo dela estava em um coque cobre, sua pele era luminescente, e seu terno de negócio lavanda parecia como se ele ainda estivesse na bolsa de limpeza a seco.

— Quão falida? — Perguntou Margie.

Eu respirei fundo. Eu não queria dizer a ela. Era vergonhoso, mas eu não podia evitar isso por mais tempo. — Eu não tenho um companheiro de quarto há meses. Eu não tenho trabalhado desde antes de eu sair para Vancouver. Eu comprei roupas que não deveria ter comprado. Arrumei um carro que não precisava. Aqui estou.

— Será que ele não cuida de você?

— Eu não sou sua prostituta. — Eu disse em um sussurro suave, mas parecia que amplificou e ecoou pelas paredes e chão duro. Margie me pegou pelo bíceps e me puxou para uma sala vazia. Eu segui porque não queria fazer uma cena, mas quando ela fechou a porta, eu estava lívida. — É coisa dos Drazen ser mandões?

Ela levantou seu dedo. — Não tenha essa postura comigo. Ninguém que já os viu juntos a chamaria de sua prostituta, então pare. Quanto você precisa?

Eu levantei minhas mãos. Aceitar os presentes de Jonathan era uma coisa, ter a sua irmã me dando um cheque era visceralmente ofensivo. — Eu vou descobrir isso.

— Quanto? Qual é o seu plano para ficar com ele e ir para o trabalho, ao mesmo tempo?

Eu não tenho um, exceto fechar os olhos e esperar que eu acordasse no final com um Jonathan saudável e uma carreira sem danos. Os sinais não pareciam estar ao meu favor. Eu tinha certeza que acabaria desempregada, dez quilos mais magra, e expulsa pela minha própria mãe. Se meu EP não fosse cancelado, eu ainda teria uma reputação de tola.

— Eu estarei lá para ele. — Eu disse. — Se isso me fará quebrar e arruinar minha carreira, assim será. Eu não pegarei um centavo seu ou de qualquer outra pessoa. Se você tem um problema com isso, pode aguentá-lo enquanto ele estiver por aí.

— Você é uma verdadeira dor na bunda.

— Não se reprima. Diga-me como você realmente se sente.

— Bem-vindo à família. — Disse ela, como se eu nunca tivesse sido bem-vindas. — Falando nisso, temos uma boa assistência hoje.

— Quem eu posso ligar? — Debrucei-me sobre o pé da cama vazia.

— Chame Teresa, mas ela não pode vir com Deirdre na capela. Leanne está aqui, mas fugindo para algum fim de mundo na Ásia em três minutos. Fiona está dentro e para fora com sua comitiva. Sheila rasgando papel. Carrie ainda não veio.

— E sua mãe?

— Totalmente medicada. Eu falei com ela.

Pelo que pude ver, Margie e sua mãe tinham um relacionamento fraternal. A anciã Drazen era apenas quinze anos e meio mais velha. — Eu falei com ela. — Significava que Margie tinha repreendido a própria mãe sobre a forma como me tratou, que incluía uma pedra fria silenciosa, amabilidade açucarada e flagrante desrespeito quando ela estava cansada.

Eu balancei a cabeça. — Ela já disse mais do que duas palavras de mim?

— Ela e Deirdre amam Jessica. Isso não vai mudar.

— Eu não esperava que mudasse.

— Bom. Há algo mais. — Ela olhou para a porta como se para ter certeza de que ainda estava fechada. — Jonathan não fala com o nosso pai há 15 anos. Ele está aqui. Você talvez não o veja, ele e minha mãe estão de saída, mas ele está no prédio. Se ele se encontrar com você, tudo o que ele lhe disser, pareça cética, ok?

— Eu não sei sobre o que ele teria que mentir.

— Ele diria algo só para ver como você reage. Meu irmão acha que é maldade. Eu acho que é apenas um hobby de merda.

— Podemos ir? — Eu recolhi minhas coisas e me levantei, indo para a porta.

— Eu não terminei. Sobre o dinheiro...

— Você terminou.

Capítulo Seis

Jonathan

Quando senti como se estivesse

morrendo, eu estava em uma entrada no Mod LA por meia hora, tentando controlar o aperto no meu peito. Eu me concentrei na minha respiração, parei, tentei pensar em outra coisa, mas isso continuou a piorar. Fiquei ali sentado, pensando que eu tinha que chegar até Monica antes que meu pai, e eu realmente comecei a entrar em pânico. Isso tinha despencado ridiculamente pela longa permanência no hospital, para ser levado para uma sala de operação para cirurgia, aos trinta e dois anos.

Quando acordei, tive a sensação de que algo deu terrivelmente errado. Nadei na sensação de consciência, como se estivesse sendo sufocado. Entrei em pânico, o mesmo pânico que senti naquela porta. Eu não conseguia controlar minhas sensações, meu corpo, meus pensamentos. Eu não podia ver claramente. Eu não podia mover meus braços. Eu estava preso como um prisioneiro. Minha voz estava morta. Meu rosto ardia. Eu fui avisado que me sentiria assim?

Ou eu estava morto e no inferno por tudo que já tinha feito a cada mulher que tive amarrada e fodida? Pensei em Dante. Seu inferno era o excesso de nossos

desejos e, nos círculos mais profundos, a dor de nossas vítimas. Lá estava eu. Foda-se. Eu estava apavorado. Eu não achei que poderia suportar isso por toda a eternidade. A escuridão, a paralisia incapacitante. Nenhum controle. Total submissão ao vazio. Eu estava respirando, mas a pressão em minha garganta era enorme. Eu nunca sufoquei um parceiro sexual, porque nunca acreditei que poderia controlar os resultados. Como pode meu inferno incluir isso? Eu nunca acreditei que a vida era justa, mas Deus era tão injusto?

— Jonathan.

Uma voz. Feminina. Reconheci-a como Sheila. Ela sempre tinha um jeito que parecia que tinha dado à luz para o mundo e eu adorava sua maturidade, mesmo quando suas palavras cortavam fundo e a ira torcia sua boca.

Eu percebi que poderia abrir os olhos, se quisesse. O sussurro e beep de máquinas quebraram o silêncio da minha ansiedade. Ok. Não era inferno. Não estou morto. Mas a sensação de asfixia era real, e eu entrei em pânico novamente.

O rosto de Sheila bloqueou a luz. — Você está entubado. A máquina está respirando por você. Fique quieto. Está tudo bem.

Eu escolhi acreditar nela. Eu esperei. Faltavam cinco minutos para as três. Eu não conseguia falar para lhe pedir para desamarrar meus pulsos, então eu olhava para o relógio. Às três da tarde, fechei meus olhos e imaginei que eu poderia tocar meus lábios.

Capítulo Sete

Monica

Três da tarde chegou

inesperadamente. Imaginei que seria, desde que eu deveria estar no estúdio, então coloquei meu alarme do telefone para me lembrar. Ele apitou enquanto eu ouvia a explosão de Eddie em um discurso. Fechei os olhos, bloqueei o agravamento de Eddie, e toquei meus lábios, pensando em nada além de Jonathan. O calor no meu peito e o sorriso no meu rosto não durou muito.

Sua voz era firme o suficiente para quebrar meu devaneio. — Você está brincando comigo?

— Ele é seu amigo também. Não é como se você pudesse fingir que estou mentindo. — Eu estava no terceiro piso da escada, evitando a multidão na sala de espera. Era bom que Jonathan tinha tantos membros da família que se preocupavam com ele, mas também era esmagador.

— Temos o contrato assinado em uma semana. — Disse ele.

— Eu sei.

A porta do quarto andar se abriu, e Leanne Drazen desceu as escadas. A gêmea irlandesa de Theresa, ela era dois anos e dez meses mais velha que Jonathan, mas ela parecia e agia como se estivesse em seus vinte e poucos anos. Uma sacola voou atrás dela, e suas botas de cowboy vermelhas batendo os saltos enquanto descia os degraus. Ela parecia esfarrapada e desleixada, cabelo loiro-avermelhado caindo de um rabo de cavalo e sua bolsa aberta.

— Isso é foddidamente inédito. — Disse Eddie. — Tivemos que enviar vinte e duas pessoas para casa. Você sabe o que nós pagamos para levá-los lá em aviso prévio por dois dias?

— Não.

Leanne agarrou o corrimão e se virou, a inércia e a força centrípeta a levaram ao topo do próximo lance de escadas. Ela agarrou meus ombros. — Ele saiu!

— A porra do *muito*. — Eddie disse em meu ouvido.

Eu coloquei minha mão sobre o receptor. — Como ele está? — Ela colocou o polegar para cima e sorriu em seguida, e continuou a descer as escadas com uma onda. Menina doce. Pena que ela não estava por perto. — Eu tenho que estar aqui, Ed. — Eu saltei pra o quarto andar.

— Eu não estou dizendo que não entendo. Eu estava no show. Eu vi. O que estou dizendo é que não sei se consigo agrupar esses gatos de novo.

— Diga-me o aro que tenho que saltar para conseguir reprogramar, e pularei isso. — Eu caminhava pela sala de espera, passando duas irmãs e uma mãe. Margie indicava um quarto, e entrei. Sheila, a de aparência mais vulnerável do grupo estava com ele. Com cabelos cor de trigo selvagem e quatro filhos juntos, ela era a mais visivelmente chateada com seu irmão. Jonathan estava lá, deitado em seus braços para trás em cima dos cobertores e tubos de todos os lugares.

— Quando você pode fazer isso. — Perguntou Eddie.

— Na próxima semana. Acho que ele vai estar melhor, então.

— Eu preciso de uma garantia.

Toquei seu braço, e Jonathan abriu os olhos. Quando ele me viu, piscou. — Garantido. — Eu desliguei o telefone. Para Sheila, eu disse. — Bem? Foi tudo bem?

— Sim. Eles só tiraram um tubo de sua garganta e o desamarraram.

Jonathan pegou sua mão e jogou os dedos para Sheila. O sinal internacional para *enxotar*. Ela começou a se opor, mas Margie agarrou seu braço.

— Vamos lá. As crianças precisam de você. — Disse Margie.

— Onna está com eles.

Margie a puxou para fora, mas Eileen, mãe de Jonathan, caminhou para dentro. — Ma. — Margie disse: — Você estava bem aqui.

Mas Eileen ignorou. — Jon, como você está se sentindo?

— Cansado.

— Devemos ir? — Ela colocou a mão no meu braço como se eu estivesse saindo com ela.

— Sim. Quero dizer, deixe-me falar com Monica por um minuto.

Ela sorriu muito, a coisa mais falsa que já vi na minha vida. — É claro.

— Oh, mãe?

— Sim?

Ele apontou para mim. — Ela vai para a véspera de Natal. Ok? Não se esqueça.

— É claro. — Eileen olhou para mim. — Você estará livre?

— Pode apostar que sim. — Eu coloquei no meu sorriso de serviço ao cliente. Uma vez que ela estava fora, me sentei ao lado dele. Eu não disse nada, mas de alguma forma ele intuiu que eu estava pensando.

— Isso é exatamente como ela é.

Ele parecia pálido como a morte, e seu corpo era plano debaixo dos lençóis, como se ele pudesse ter afundado neles. Seu rosto parecia mole, inativo. Seus olhos

estavam sem foco, e as pálpebras não queriam ficar abertas. Esse não era Jonathan. Ele era outro, o homem impotente que não arrancaria minha cabeça para trás pelo meu cabelo quando me golpeava por trás. Alguém que não me foderia de uma forma tão lenta e controlada e me faria sentir cada centímetro do meu orgasmo. Ele não era o homem cujo nome chorei a noite, o homem a quem confiei o controle, cujo domínio eu me submetia. Ele era um outro homem inteiramente, e eu o amava.

Peguei sua mão. — Você parece uma merda.

— Você parece um anjo. — Sua voz rangia como cascalho sob um pneu.

— Eu deveria amarrar os cotovelos atrás das costas com um cinto e espancá-lo até você gritar. Para conseguir sua voz de volta. Trabalhar o tempo todo.

Um sorriso curvou ao lado de sua boca. Ele resmungou tão baixo que tive que colocar meu ouvido à boca para ouvi-lo. — Uma semana. Eu vou fazer coisas indizíveis para o seu corpo.

— Sério? — Eu mantive meu rosto para o dele e minha voz baixa. — Como o quê?

Eu percebi que tinha pedido muito dele quando ele lambeu os lábios, fez uma pausa e disse: — Segredo. — Ele adoraria me dizer, eu sabia disso, mas entre ter peito aberto e o tubo em sua garganta, provavelmente falar machucava.

— Eu já sei. — Eu disse. Ele levantou uma sobrancelha. — Eu posso ler sua mente.

— Não isso. É imundo.

Estendi a mão até que meu corpo se elevou ao seu e toquei sua orelha com os lábios. — A grande e poderosa Madame Monica vai prever o futuro com absoluta certeza. Você está pronto para ouvir o seu destino, meu jovem? — Eu estava tão perto dele que quando olhei em seus olhos, podia ver as manchas azuis.

— O que é que isto vai me custar?

— Tudo.

— Vale a pena.

*

Estamos em sua casa. Na sala de estar. Estou nua da cintura para cima, e você está de calça jeans e uma camisa polo. Você está olhando para mim como se quisesse me comer viva, mas não quer. Ainda. Você está esperando. Você está pensando. Você está construindo os próximos minutos da minha vida como um diretor de um filme na área de uma cena.

Você me diz para tirar minhas calças, e eu tirarei. Você assiste. Você gosta do meu corpo. A maneira como meus seios penduram quando me curvo para liberar os meus pés. Minha bunda quando dobro na cintura.

Quando eu saio da minha calça jeans, você caminha em minha direção com seus pés descalços. Eu pareço nervosa. Você me diz para parar minhas mãos de contrair-se, e quando lancei meus olhos para baixo e digo 'sim, senhor', você sente a oscilação de energia em você. Tudo está sob controle. Tudo vai dar certo, a menos que não dê. O que você tem planejado pode dar terrivelmente errado. A preocupação incomoda.

Você me pergunta a palavra de segurança, e digo-lhe para calar a boca e me foder.

— Oh, deusa. — Você diz. Então você pega o cabelo na parte de trás do meu pescoço e puxa até que estou olhando para o teto. Meus lábios se separam, e eu suspiro.

— Diga. Ou você pode colocar o jeans de volta e ir para casa.

Eu solto. — Tangerina. — Mas não uso a minha voz.

Você olha para mim e diz: — Diga isso.

Eu sussurro tão baixinho que mal posso ouvi-lo. Você me girar ao redor e me coloca na cozinha. Eu começo recuar, mas você me curva sobre o butcher block⁴. Você é inescrupuloso e violento, e quando me vê encolher, seu pau fica duro. Você quer me ver gritar. Você precisa disso.

Você.

⁴ É um tipo de mesa de madeira montado utilizando para cortes, tampos de mesa, e tábuas de corte. Ele era comumente usado em açougues e processamento de carne, mas agora se tornou popular no uso doméstico.

Precisa.

Disso.

Seu pau está fora, um pedaço de carne pulsante que visa entre as minhas pernas. Há umidade que emana de mim. Seria tão facilmente deslizar. Você seria sugado para minha boceta tão rápido, e esqueceria tudo.

— Diga, ou você vai para casa. — Você me sente tremer debaixo de você. Você acha que só você pode colocar meu jeans e me mandar embora. Esse seria o castigo certo para fazer você desconfortável. Você bate minha bunda, e eu grito, como se não esperasse por isso. Suas mãos ferroam, e você está prestes a fazê-lo novamente quando falo.

— Tangerina.

A palavra mal sai da minha boca, e você está me fodendo, pressionando meu rosto no butcher block. Impulso após impulso... você sabe que está empurrando a bancada contra a parte sensível do meu quadril. Eu estou dolorida, e você sabe disso. As coisas no balcão chacoalham quando você me fode. Moedores de sal e pimenta. A lata de utensílios. Elegantes garrafas de condimentos. Você puxa minha bunda longe com sua mão livre para que você possa ir mais fundo, agarrando com força suficiente para machucar, observando como seus dedos marcam minha pele. Meus pés saem do chão, você está me golpeando tão forte. Eu suspiro e gemo.

Você pega uma garrafa de azeite e bate contra a borda do balcão, quebrando o pescoço. Estou assustada, mas você empurra minha cabeça com força. O vidro está em toda parte. Salpicos de azeite no chão. Você corre a mão nas minhas costas quando me fode. Lentamente, você derrama azeite nas minhas costas. Você esfrega em cima de mim em seguida, despeja mais até que um rio de azeite cai na fenda da minha bunda. Você sente isso no seu pau. Você se retira em seguida, desliza novamente. Duro. Uma vez. Duas vezes. Azeite nos encobre. Você golpeia minha bunda de novo e de novo. Eu grito de prazer seu nome em meus lábios.

Então, sem quebrar o ritmo, você soca seu pau na minha bunda.

Eu grito.

Você está a meio caminho, e sente duas coisas ao mesmo tempo. Você está extremamente excitado... desperto o suficiente para perder o controle. Mas há também a preocupação de que perdendo o controle, você vai me machucar. Você me pergunta como estou.

Eu digo através de meus dentes. — Isso é tudo que você tem, Drazen? — Meu rosto está vermelho. Meus dedos estão segurando a borda do butcher block.

Você larga a garrafa e segura meu queixo, virando até que estou de frente para você. Você dobra até que está tão perto que pode sentir o cheiro de chá verde em minha respiração. Então você empurra o resto do caminho em mim, a pele do seu pau correndo contra o azeite, me esticando sem atrito como barreira.

Eu solto um grunhido. Você sabe que dói, você vê isso em meus olhos. Mas você não para. Você sussurra palavras de encorajamento, puxando para fora, em seguida, me golpeando novamente. Estamos boca a boca quando choramingo e você fode minha bunda. Deslizando para dentro e para fora com o azeite de oliva. Suas bolas batendo. Estou apertada. Você está sendo espremido. Estou ficando rasgada.

Mas meu choramingando está se transformando em suspiros e gemidos. Estou olhando para você agora com algo além de agonia. Você vai mais rápido, batendo. Empurrando mais profundo com cada golpe. Você me puxar para cima até que nós dois estamos de pé. Você desliza sua mão sobre meus seios e no meu estômago. Há azeite em toda parte. Seus dedos vão entre as minhas pernas e encontram meu clitóris imediatamente. É difícil o contato. Quando você o circunda, diminui seus impulsos. Você desliza sobre ele, estendendo a mão para o meu buraco. Então você arrasta quatro dedos sobre meu clitóris. Você faz isso mais e mais, até que peço.

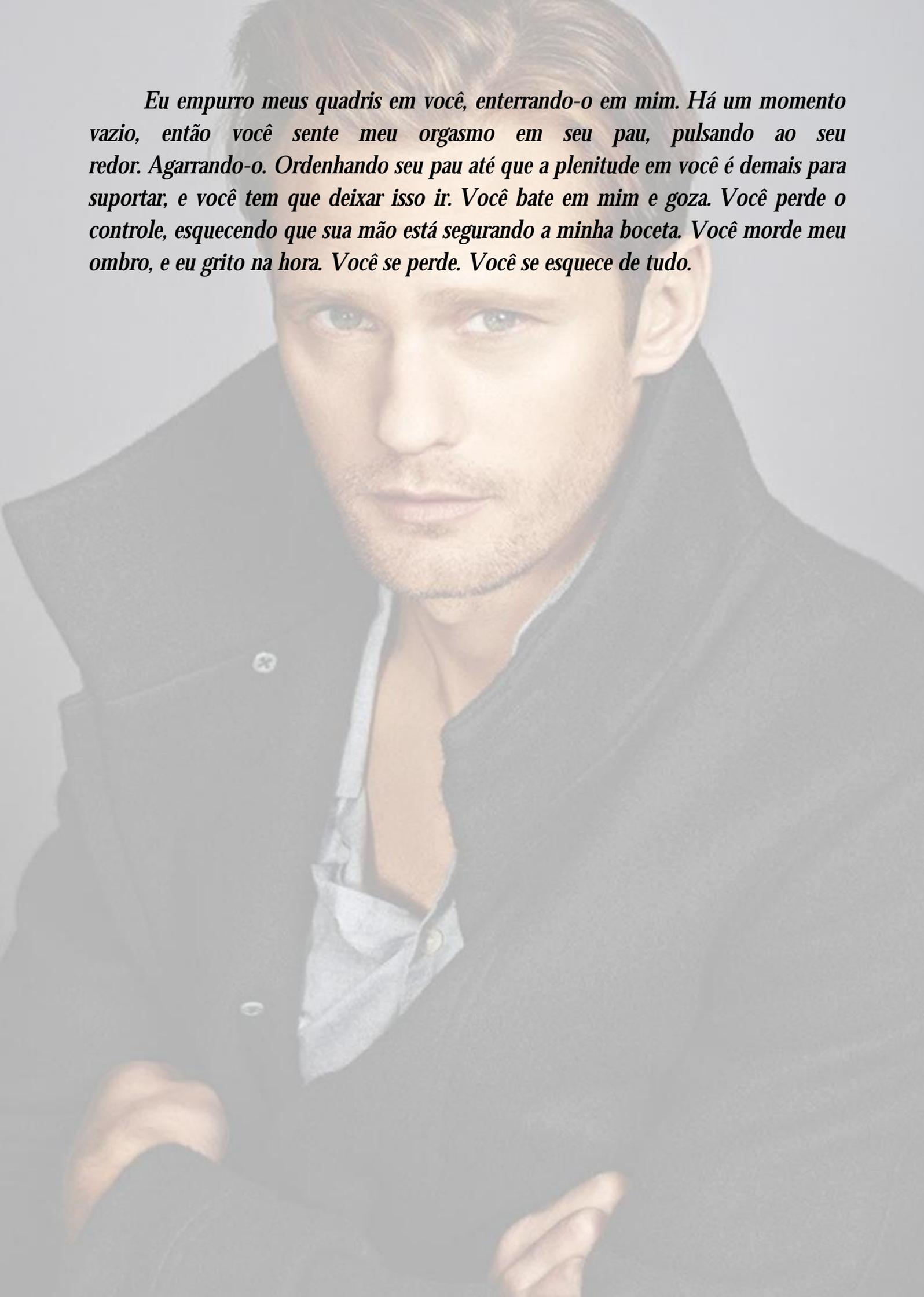
— Deixe-me gozar. Por favor.

Você quer que eu goze, enquanto está na minha bunda. Você quer o que eu quero depois da dor. Essa é a vitória, porque nós dois amamos a minha dor.

Eu estou sussurrando 'por favor' como um canto. Seus dedos se movem nos mesmos círculos. Você me tem no limite. Você me possui. — Por favor, por favor, por favor.

Você diz. — Goza.

Eu empurro meus quadris em você, enterrando-o em mim. Há um momento vazio, então você sente meu orgasmo em seu pau, pulsando ao seu redor. Agarrando-o. Ordenhando seu pau até que a plenitude em você é demais para suportar, e você tem que deixar isso ir. Você bate em mim e goza. Você perde o controle, esquecendo que sua mão está segurando a minha boceta. Você morde meu ombro, e eu grito na hora. Você se perde. Você se esquece de tudo.



Capítulo Oito

Jonathan

Eu a senti.

Nós conversamos. Eu queria possuí-la, mas não conseguia encontrar força para mover meus braços. Senti o cheiro de seu perfume de pêssegos enlatados e ouvi o caramelo quente de sua voz. Eu respondia-lhe em frases curtas, porque me sentia como se tivesse tragado um punhado de fumaça de escapamento e me esqueci de como engolir.

Ela bateu no meu braço quando descreveu o que eu faria com ela. Mesmo em meu estado, fiquei duro porque era uma merda épica vindo de sua doce boca. Eu nem sequer sei se ela percebeu, mas com o dedo batendo, ela estava mantendo um ritmo quando contou a história. Esforcei-me para ouvir quando a inconsciência tentou invadir novamente. Ouvi suas palavras, mas o que senti quando ela falou que eu a estava machucando, foi a conexão criada quando a dor se transforma em prazer, e ela estava debaixo de mim, uma parte do mundo que eu controlaria completamente.

— Você é boa nisso. — Eu disse. — Estou tomando notas mentais.

— Quando o médico disse que você poderia me escravizar de novo?

— Assim que eu estiver fazendo isso.

— Eu prevejo o dia depois de amanhã.

— Você está me subestimando.

— Eu estarei à seu serviço amanhã, se quiser. Mas você estará aqui, por cinco dias, e precisa ficar sozinho esta noite.

Eu resmunguei do fundo da garganta. Ela estava certa, é claro. As drogas ainda não tinham desaparecido. Eu não tinha ideia de como me sentiria sobre o sexo, uma vez que a dor chegasse. Tudo que eu sabia era que eu queria estar dentro dela. — Vá dormir na sua cama hoje à noite, então.

— Vou acordar às três horas da manhã, e vou pensar em você. — Ela se levantou e pegou sua bolsa. — Na verdade, se acordar qualquer hora, vou pensar em você. — Ela se inclinou para me beijar, e eu toquei seus lábios.

Capítulo nove

Monica

No meu caminho, uma música me atingiu. Corri para o refeitório para anotá-la. Eu mandei uma mensagem para Lil e pedi-lhe para me encontrar lá na frente, em 15 minutos, e peguei um chá para mim.

Eu estive na porra do hospital sempre. O que parecia águas limpas no primeiro dia agora parecia suja, suja e inútil em quatro dias. Vi os riscos pretos nas mesas refeitório rosa instantaneamente e as pequenas bombas de pó aderirem às pernas das cadeiras. Eu odiei o chá. Estava quente demais, o isopor deixava o líquido amargo, e Jonathan estava doente. Eu odiava os ovos gordurosos e batatas. Eu odiava o cheiro de vinagre, que parecia estar em tudo. Eu odiava ser expulsa do quarto de Jonathan porque muitas pessoas estavam nela.

Mas no dia da cirurgia, o refeitório brilhou novamente. As luzes de Natal ficaram com tons mais alegres, os enfeites e festão era festivo e alegre, e a árvore falsa no canto, com brinquedos para as crianças doentes sob ele, fez meu coração inchar de orgulho para a generosidade humana.

Meu Deus, o que você dá para um homem como Jonathan no Natal?

Sentei na cadeira de sempre, e peguei meu caderninho e lápis. Tudo sobre o hospital era ruim, mas eu estava escrevendo. Muito. Eu nem sabia se metade disso eram músicas ou ópera ou parte de algo muito maior, mas eu não conseguia parar os versos ou a batida do meu pé, eu coloquei-os para baixo. Nos dias que eu estava no hospital, aguardando as horas que poderia ver Jonathan, meu chá normalmente esfriava antes de engoli-lo.

Mudei o Aviso de Leilão Público para frente do meu caderno para que não ficasse no meu caminho, e escrevi. Outro copo de isopor apareceu ao meu lado quando eu ainda estava envolvida até o pescoço em uma canção sobre um idiota-fodido imaginário que estava disfarçado como um poema sobre algo completamente diferente. Eu olhei para os 1,95 metros de homem que havia atingido seus sessenta anos em uma espécie de estrela de cinema.

Ele sorriu para mim. — Nós nos encontramos de novo.

— Eu sinto muito?

Ele estendeu a mão, e eu sabia que mesmo que não o conhecesse, estendi. — Minha filha me disse que a namorada do meu filho fica muitas vezes por aqui. Eu pensei que poderia ser você.

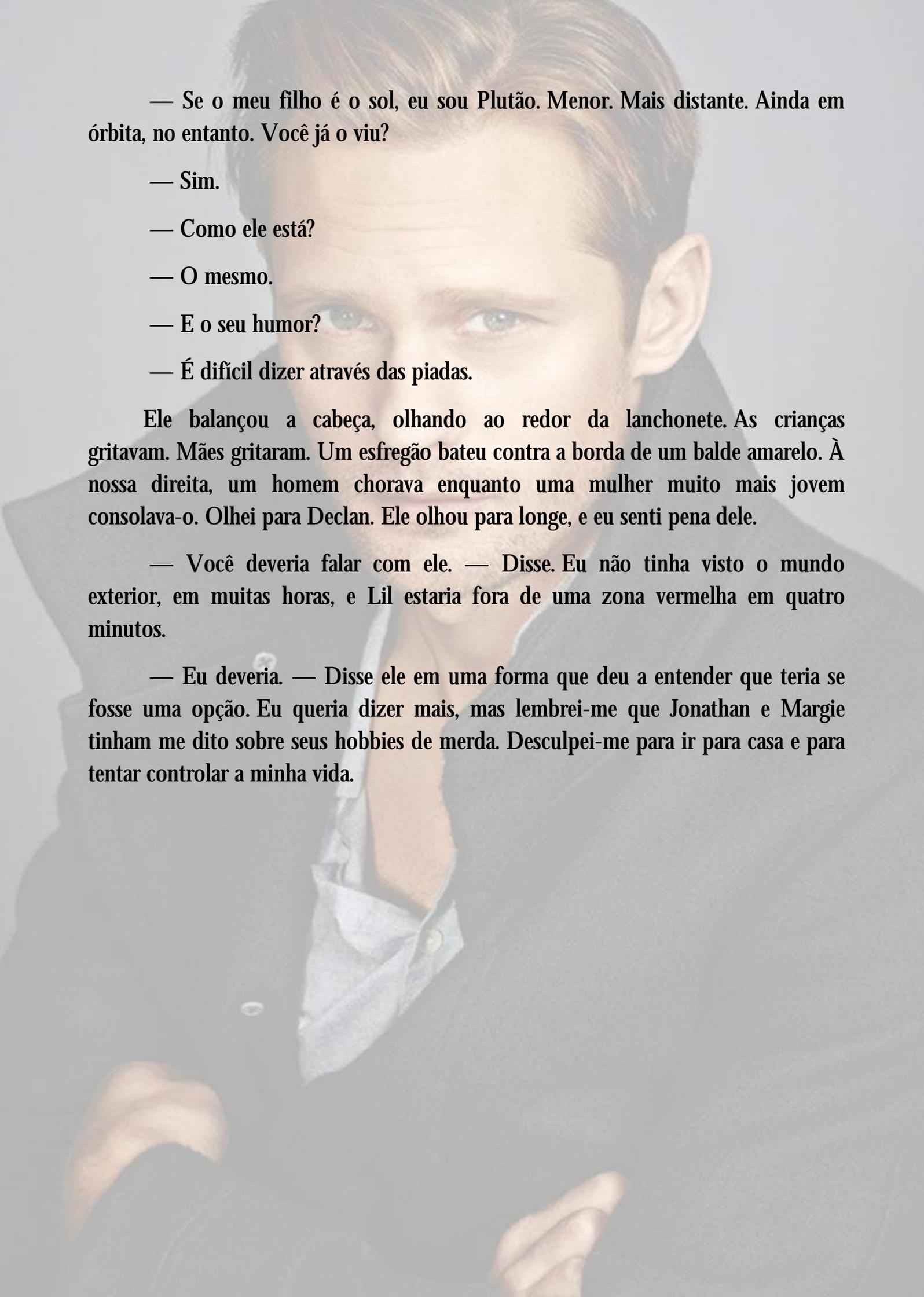
J. Declan. Merda. Jonathan não gostaria que eu estivesse com ele. E justamente quando eu estava me acostumando com a tabela de ódio. Eu apertei sua mão brevemente, em seguida, me levantei. — Sim. Eu estava de saída.

Ele sentou-se. — Parece que você estava no meio de alguma coisa. Você não pode simplesmente ignorar-me? Não há outros lugares.

Olhei em volta. Cada mesa estava cheia. Eu era uma pessoa sozinha ocupando uma mesa de quatro lugares. No meio da escrita, nem tinha notado. — Eu vou para a sala com o resto da família.

Ele riu para si mesmo. A risada silenciosa. Não mais do que um sopro.

— O quê? — Perguntei.



— Se o meu filho é o sol, eu sou Plutão. Menor. Mais distante. Ainda em órbita, no entanto. Você já o viu?

— Sim.

— Como ele está?

— O mesmo.

— E o seu humor?

— É difícil dizer através das piadas.

Ele balançou a cabeça, olhando ao redor da lanchonete. As crianças gritavam. Mães gritaram. Um esfregão bateu contra a borda de um balde amarelo. À nossa direita, um homem chorava enquanto uma mulher muito mais jovem consolava-o. Olhei para Declan. Ele olhou para longe, e eu senti pena dele.

— Você deveria falar com ele. — Disse. Eu não tinha visto o mundo exterior, em muitas horas, e Lil estaria fora de uma zona vermelha em quatro minutos.

— Eu deveria. — Disse ele em uma forma que deu a entender que teria se fosse uma opção. Eu queria dizer mais, mas lembrei-me que Jonathan e Margie tinham me dito sobre seus hobbies de merda. Desculpei-me para ir para casa e para tentar controlar a minha vida.

Capítulo Dez

Monica

Era noite quando o Bentley subiu lentamente minha colina. Eu tinha ligado para Debbie para que ela soubesse que Jonathan estava bem, e eu lhe disse que se houvesse qualquer mudança, eu informaria. Então deixei uma mensagem para Darren, que me ofereceu a lua e as estrelas, a comida em sua cozinha, o combustível do seu carro, e seus ombros se precisasse dele. Mas a menos que eu pedisse algo específico ou ligasse durante um período de tempo curto, ele não estaria disponível. Eu não tinha ideia do que estava fazendo. Quando eu fiz isso em tempo suficiente para perguntar depois, “bom” e “ótimo” pareciam sinceros. Então eu o deixei sozinho.

— Que horas você vai amanhã, senhorita? — Perguntou Lil quando abriu a porta de trás para mim.

— Eu estou esperando que seja no turno da tarde. — Eu disse. — Posso chamá-la?

Ela deu um passo de lado, quando saí. — Eu espero isso. Eu não quero ser desrespeitosa, mas é o meu trabalho dirigir. Eu não quero ouvir sobre você pegar ônibus novamente. — Ela bateu a porta.

— Eu sou uma garota pobre. Não é grande coisa pegar ônibus.

— Para mim é. Não pegue mais. — Ela sacudiu o dedo uma vez e deu a volta para o lado dela. Quando abriu a porta, ela acenou, se despedindo.

Toquei o ticket extra do ônibus no bolso, passei pelo portão, e subi os meus degraus da varanda. Não havia nenhum aviso na porta, o que me lembrou que eu não tinha ouvido falar da minha mãe. Eu chequei meu telefone. Não. Nada.

— Hey, Monica. — Dr. Thorensen chamou por cima da cerca.

— Oi.

— Você está bem? — Ele falou do seu carro. As luzes piscaram.

— Claro.

— Porque você está de pé em sua varanda olhando para o telefone. É seu namorado certo? Será que a cirurgia foi bem?

— Yeah.

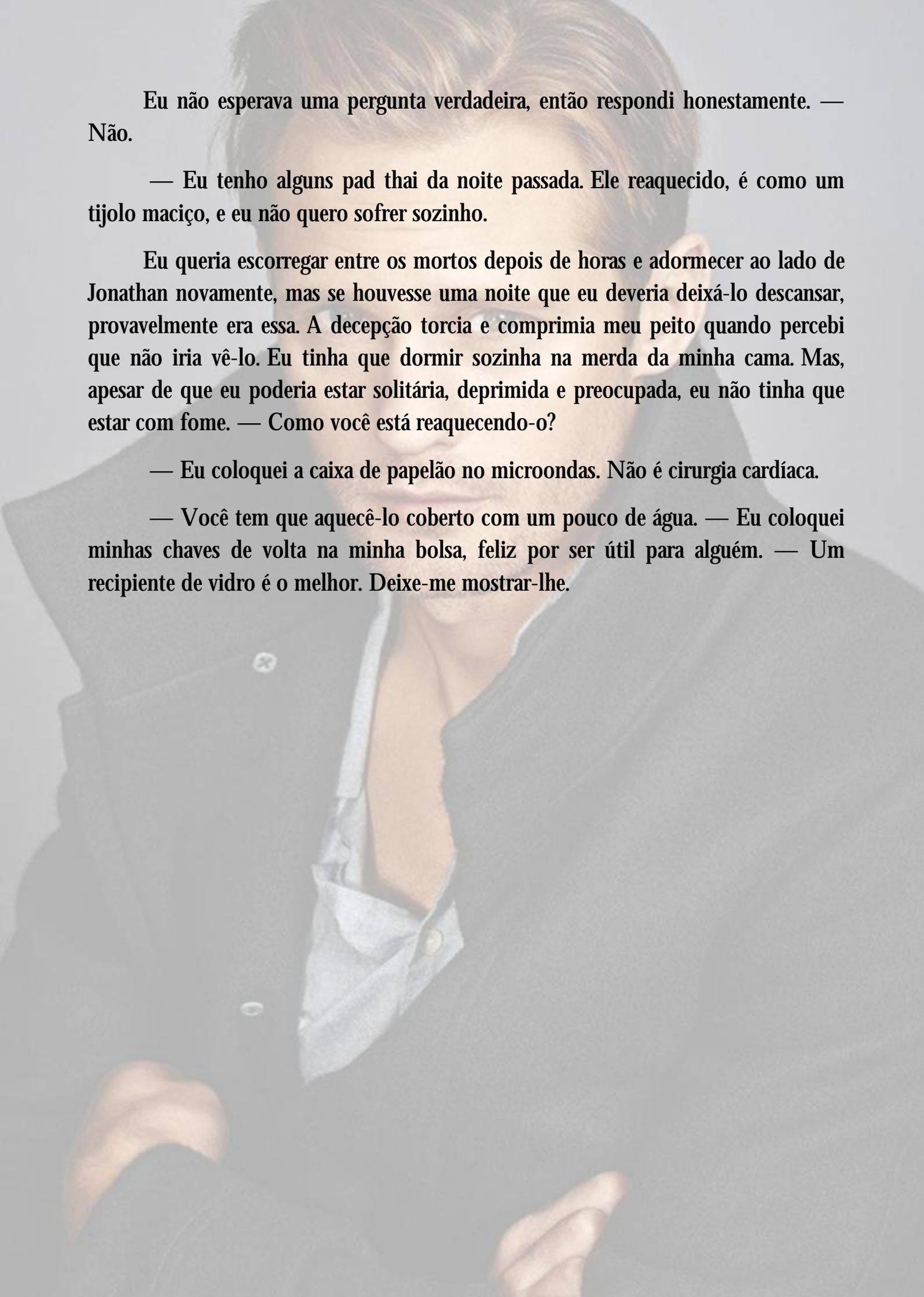
Ele não se mexeu. Ele só olhou para mim debaixo da minha luz da varanda de merda, que seria leiloada com o resto da minha casa. Exceto as minhas coisas. O banco não poderia leiloar o que era meu. Eu pegaria as lâmpadas, os móveis, os utensílios, e tudo o que poderia ser retirado, destrancado, ou levado.

— Árvore de tangerina do meu pai. — Eu disse em voz alta. Eu não queria fazer isso.

— Desculpe-me? — Perguntou Dr. Thorensen.

— Nada. Só pensando em voz alta. — Eu tirei minhas chaves do pequeno bolso.

— Você já comeu?



Eu não esperava uma pergunta verdadeira, então respondi honestamente. — Não.

— Eu tenho alguns pad thai da noite passada. Ele reaquecido, é como um tijolo maciço, e eu não quero sofrer sozinho.

Eu queria escorregar entre os mortos depois de horas e adormecer ao lado de Jonathan novamente, mas se houvesse uma noite que eu deveria deixá-lo descansar, provavelmente era essa. A decepção torcia e comprimia meu peito quando percebi que não iria vê-lo. Eu tinha que dormir sozinha na merda da minha cama. Mas, apesar de que eu poderia estar solitária, deprimida e preocupada, eu não tinha que estar com fome. — Como você está reaquecendo-o?

— Eu coloquei a caixa de papelão no microondas. Não é cirurgia cardíaca.

— Você tem que aquecê-lo coberto com um pouco de água. — Eu coloquei minhas chaves de volta na minha bolsa, feliz por ser útil para alguém. — Um recipiente de vidro é o melhor. Deixe-me mostrar-lhe.

Capítulo Onze

Monica

— **M**ágico. — É uma palavra

muito branda para *City of Dis* como o Dr. Brad Thorensen jogava. Extremo poderia ser melhor. Intenso. Poderoso.

A ideia era que o jogador estava no inferno. Não apenas um personagem de bloco de pixels. Não somente a pessoa que jogava constituída por jogadas de dados e categorias, mas... *você*.

Ou seja, o jogador criava um personagem baseado em si mesmo. Muita gente criou personagens inteiro, mas o objetivo era criar sua própria pessoa e enviá-lo ao inferno. O jogador se esforçava para sair de cada círculo, mas ele sabia que a próxima seria pior, os riscos seriam maiores, e suas missões seriam mais difíceis. Sendo esse o caso, quando ele parou, ele encontrou o seu pecado. Sua falha. Ele descobriu o que iria enviá-lo para o inferno.

Dr. Thorensen me ensinou como usar os controladores, em seguida, foi reaquecer o pad thai, como eu instruí. O jogo começou com um questionário de

quinze minutos. Só que deveria ter sido um questionário de duas horas. Ele deveria ter exigido pensamento e ruminação. Os princípios - de gênero, idade, escolaridade, estrutura familiar - veio lentamente. Então aprofundou em perguntas pessoais que tiveram que ser respondidas tão rapidamente que eu não tive um segundo para pensar duas vezes. De múltipla escolha. Escolha a resposta mais próxima. Fogo rápido.

“Você cozinha seu próprio jantar quanto tempo você leva para comer, quanto tempo você conversar com os amigos depois do jantar você tem um espelho em seu quarto você usa maquiagem todos os dias o seu nariz é grande você é gorda você tem dinheiro suficiente quanto custa um quilo de penas qual o preço do seu carro qual bolsa mais cara que você já comprou, se você encontrasse uma carteira que faria alguém bate no seu carro na estrada o que você fez com que frequência você compra você concilia seu talão de cheques seu polegar está machucado agora quantas xícaras de café ou chá que você bebe por dia quantas infrações em dirigindo você tem qual é a cor do chapéu vermelho quando foi sua última parada você acha que é crime seus pais baterem em você sua filiação política é inútil você acredita em aborto legal você faz controle de natalidade quantos parceiros sexuais você já teve este mês o quanto é muito você está com fome agora você possui uma arma de fogo geralmente são pessoas ruins ou geralmente boas que horas você come o jantar que horas você vai para a cama você sonha.”

Aguarde enquanto criamos o seu AVATAR

— Vai levar alguns minutos. — Disse o Dr. Thorensen.

— Eu preciso de um cochilo depois disso.

— Você entrou aqui parecendo que precisava de um cochilo. — Ele colocou dois pratos úmidos do delicioso pad thai que foi reaquecido à perfeição. Senti uma necessidade mentalmente esmagadora em comê-lo. Sentei-me no balcão da cozinha e coloquei um guardanapo em cima do meu joelho. Quando foi a última vez que eu tinha comido uma refeição quente? Dias atrás? Gostaria de ter um macarrão. Eu faria amor com cada um como se fosse a primeira vez.

— Eu vou tentar não ficar ofendida com isso. — Eu disse. Ele ofereceu pauzinhos e um garfo. Eu poderia usar os pauzinhos, mas as minhas mãos começaram a tremer, então peguei o garfo.

— Eu vejo um monte de pessoas que não cuidam de si mesmas quando um ente querido está doente. — Ele disse com uma voz médica, como se fosse uma opinião profissional e, portanto, algo que não poderia causar ofensa.

Fiquei imaginando como seria namorar um médico e lidar com a voz o tempo todo. Será que ele a usaria quando queria dizer a uma mulher que precisava prestar atenção aos seus sentimentos, ou ela não deveria ensaiar na terça-feira à noite? Ele seria profissional quando reclamasse dos sogros?

— Sim, bem. — Eu disse, um único macarrão enrolado em meu garfo. — Ele vai sair em breve. Então serei gorda e feliz.

— Dei uma espiada em sua cirurgia. Tudo parecia estar bem. Ele é jovem. Vocês estarão dirigindo seu novo Jaguar há qualquer momento.

Acho que fiquei um pouco vermelha. — Eu só quero voltar a trabalhar. Isso nos alimenta. Nada como um almoço grátis.

— Ele não cuida de você?

Devo ter queimado buracos pretos em seu rosto porque ele franziu os lábios fechando-os e olhou para o prato como se tivesse acabado com meu canteiro de margaridas. — Eu vou permitir que você retire isso. — Eu disse. — Em demonstração de gratidão pelo thai.

Ele riu, e não soou profissional. Graças a Deus. — Sinto muito. Retiro o que disse. Eu não deveria ter suposto.

— Tenho esse direito, doutor.

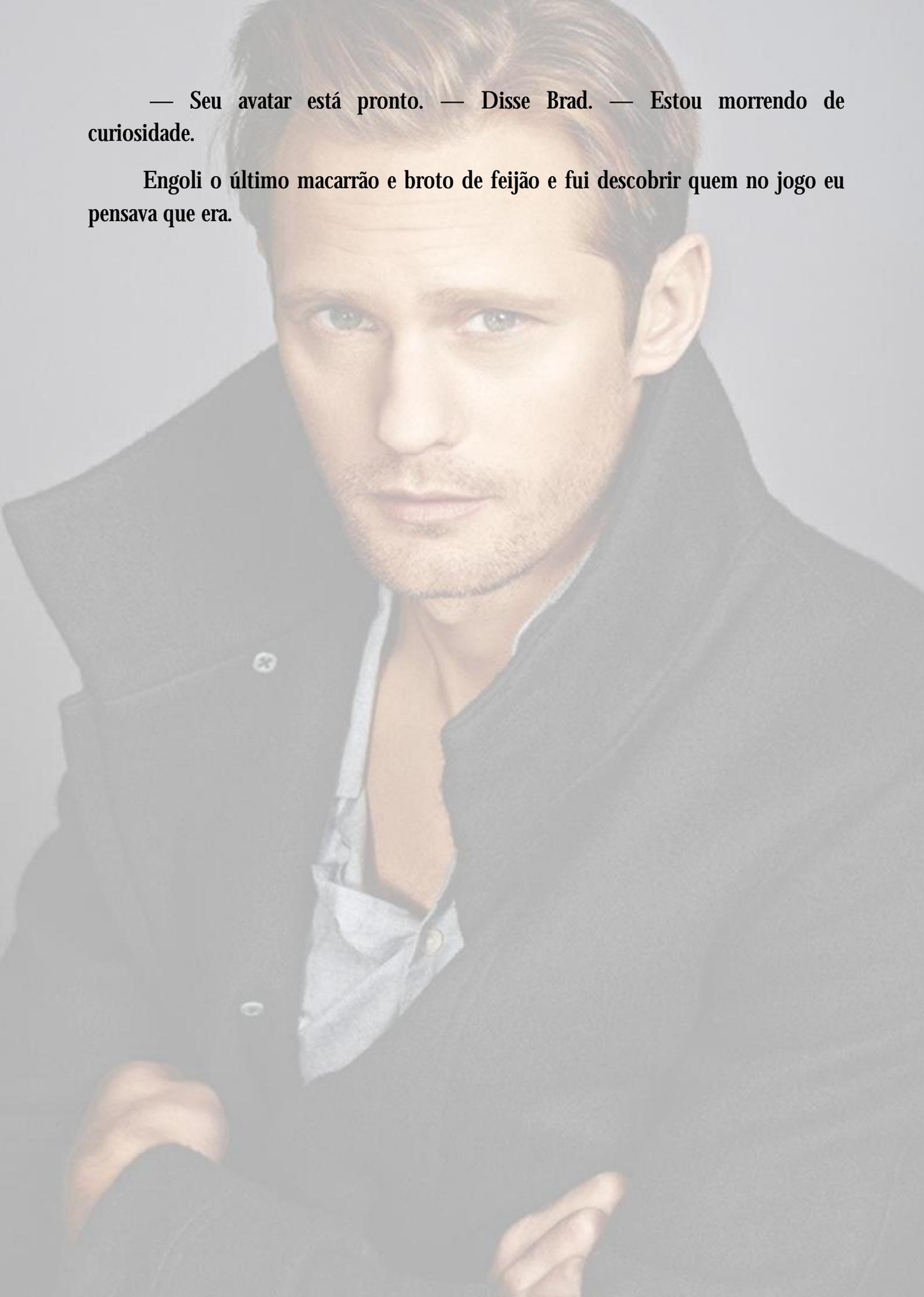
— Brad.

— Tudo bem.

Uma campainha soou nos alto-falantes estéreos. Naturalmente, um monólito de áudio foi ligado ao sistema para fazer da *City of Dis* uma experiência auditiva tridimensional.

— Seu avatar está pronto. — Disse Brad. — Estou morrendo de curiosidade.

Engoli o último macarrão e broto de feijão e fui descobrir quem no jogo eu pensava que era.



Capítulo Doze

Monica

Fiz um desvio do brunch de última hora, o

que foi um alívio tão grande que acho que eu ri por todo o caminho. Eu tinha jogado *City of Dis* com Brad até meia-noite, então eu estava cansada e estupefata. O jogo era abrangente. Ele me iniciou no oitavo círculo, onde ele estava, e pedalamos em volta para ver se eu seria pega na armadilha dos meus pecados invisíveis. Resolvemos quebra cabeças, interagimos com hellions, comemos comida virtual, e bebemos bebidas radioativas de cor que deixaram as telas borradas e instáveis. O jogo era alternadamente assustador, doce, intenso, dramático e engraçado. Na verdade, esqueci de Jonathan por alguns segundos toda vez.

A chamada de Debbie naquela manhã era como se as nuvens se abrissem para a luz celestial. Eu mandei uma mensagem para Margie que não iria ver Jonathan até depois do meu turno. Ela respondeu de imediato.

- Ele parece melhor. Já exigindo sua presença. Eu disse a ele para se acalmar. -

- *Não diga a ele que preciso do dinheiro, ou você dará a ele outro ataque cardíaco* -

Na hora do intervalo, vasculhei minha bolsa procurando meu telefone e descobri que minha mãe tinha me ligado. Engraçado como eu tinha esquecido sobre isso. Não era *ha-ha* engraçado, mas você-é-covarde engraçado. Eu tinha dez minutos restantes da minha pausa, então tinha um tempo limite de quanto tempo a dor poderia durar. Eu estava na frente do meu armário e disquei o número da minha mãe. Oito minutos de pausa restante.

— Alô?

Era incrível como sua voz poderia soar tão familiar e tão estranha ao mesmo tempo. — Oi, mãe. Sou eu. Eu tenho ligado.

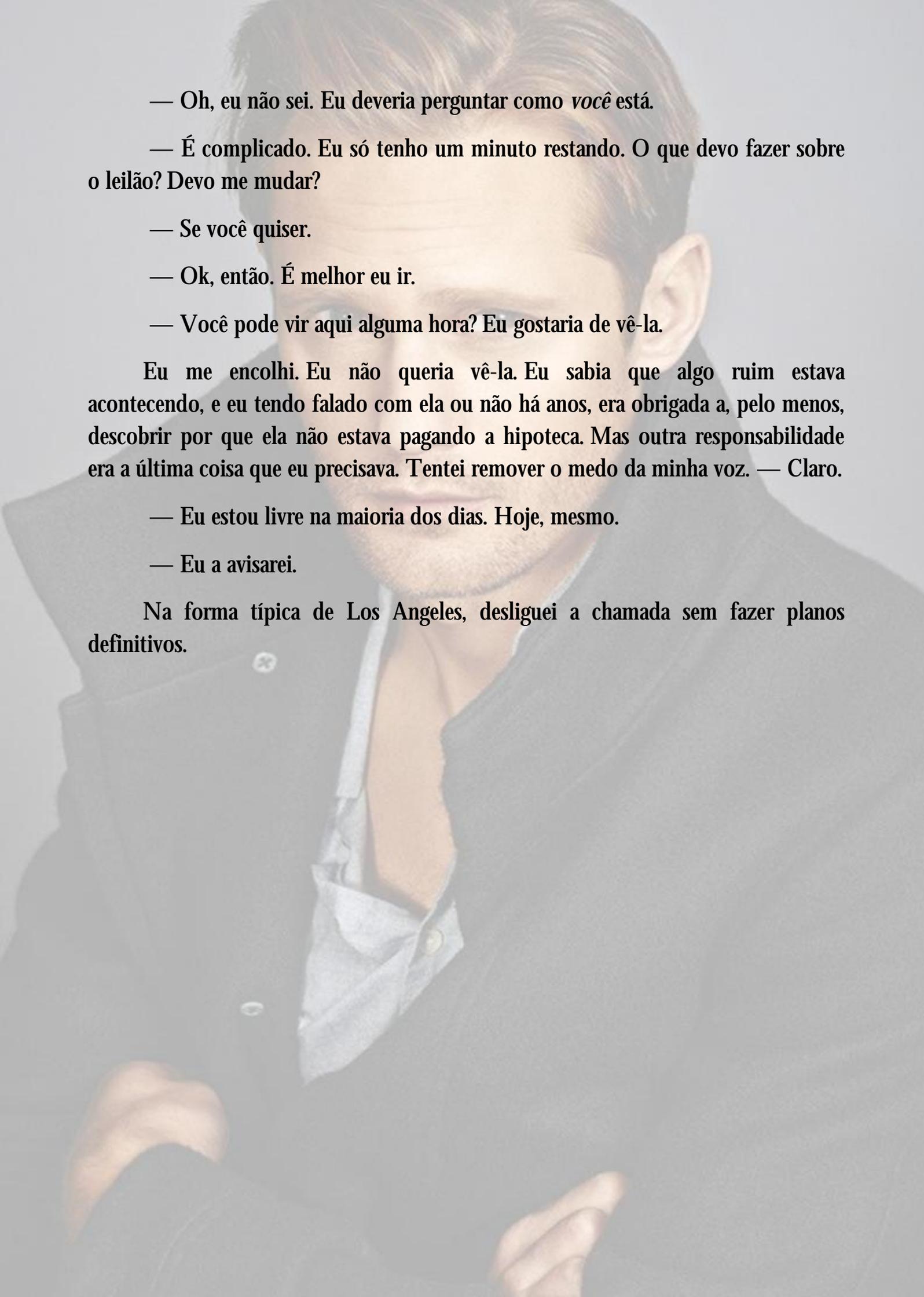
— Você está bem? — Ela transmitia pânico, e a honestidade de sua emoção enviou um jato no meu peito e trouxe umidade em meus olhos.

Eu não tinha derramado uma lágrima de estresse ou preocupação com Jonathan, porque eu queria ser forte. Eu não queria mostrar fraqueza na frente de sua família. Estavam todos estupidamente estoicos. Mas com o tom da minha mãe me dizendo que *Oi, mãe. Sou eu*, foi o suficiente para eu entrar em pânico, eu quase perdi o controle. Lembrei-me da minha mãe então. Lembrei-me das coisas que me colocou acima do limite, o drama, as tempestades emocionais constantes. Tal tempestade que levou-a a atirar meu nome e de Kevin, me mandando sair pela porta permanentemente, minha viola esquecida em seu porta malas.

— Eu estou bem. Desculpe-me, perdi o aluguel duas vezes. — Silêncio. — Mãe? — Suspiro. — Recebi um aviso de leilão na porta.

— Oh, eu tenho pensado em ligar à você. — Eu ouvi o farfalhar dos lençóis, e olhei para o meu relógio. Era meio-dia, e tudo indicava que ela ainda estava na cama. Foda-se. — Não foi só isso. Havia outras coisas. Eu conversei com o banco. Eles não se importam com seus problemas. Tudo o que interessa é o dinheiro.

— Assim são os bancos, mãe. — Eu esfreguei os olhos. — Quanto tempo faz desde que você pagou a hipoteca?

A man with short brown hair, wearing a dark suit jacket over a light-colored shirt, is shown from the chest up. He has a serious, thoughtful expression, looking slightly to the side. The background is a plain, light color.

— Oh, eu não sei. Eu deveria perguntar como *você* está.

— É complicado. Eu só tenho um minuto restando. O que devo fazer sobre o leilão? Devo me mudar?

— Se *você* quiser.

— Ok, então. É melhor eu ir.

— *Você* pode vir aqui alguma hora? Eu gostaria de vê-la.

Eu me encolhi. Eu não queria vê-la. Eu sabia que algo ruim estava acontecendo, e eu tendo falado com ela ou não há anos, era obrigada a, pelo menos, descobrir por que ela não estava pagando a hipoteca. Mas outra responsabilidade era a última coisa que eu precisava. Tentei remover o medo da minha voz. — Claro.

— Eu estou livre na maioria dos dias. Hoje, mesmo.

— Eu a avisarei.

Na forma típica de Los Angeles, desliguei a chamada sem fazer planos definitivos.

Capítulo Treze

Monica

— **E**u odeio que você me veja

assim. — A voz de Jonathan tinha um pouco menos de cascalho, mas soava como se o esforço envolvido na fala fosse insuportável.

Eu não tinha permissão para me sentar na beira da cama, então sentei na cadeira ao lado dele e coloquei meus cotovelos na grade. — Então, você não deve me ter aqui.

— Eu preciso de você. Lide com isso.

— Ok, bem, eu não vou a lugar nenhum.

— Você parece mais magra.

— São essas minhas calças skinny. Você gostou delas? — Eu estava sentada. Ele não podia nem ver minhas calças.

— Eu posso ver suas maçãs do rosto.

Toquei seu rosto, acariciei barba em seu queixo, e rocei seus lábios, secos ainda cedente sob meu toque. Era errado querê-lo mesmo naquele lugar horrível e estando operado? Era errado querer seus braços em volta de mim, quando ele mal conseguia levantá-los? Eu não estava me sentindo sensual, mas gananciosa, voraz, ardente. Ele pegou minha mão e segurou-a. Obviamente, ele não estava com *aquilo* fraco.

— Deixe-me lhe fazer uma pergunta. — Eu disse. — Se eu estivesse em uma cama de hospital por uma semana a espera de uma cirurgia cardíaca, quanto você comeria? Quanto você dormiria? Eu não estou reclamando. Só estou dizendo que não tente desviar para longe o que você precisa, ficando preocupado comigo. Eu estou bem.

— Quando eu puder me levantar...

— Você poderá me dar a surra que mereço. Até então, serei eu a fazer todo o trabalho duro por aqui.

— Fale-me sobre isso.

— Oh, eu vou.

*

Há uma cadeira em seu quarto.

Tem almofadas de couro vermelho no assento, costas e braços. Parece antiga e provavelmente é, agora que estou pensando nisso. Você amarrou meus tornozelos no lugar onde os braços encontram o assento. Você me amarrou delicadamente, acariciando entre as minhas coxas, beijando minhas pernas, mas no final, estou nua e de braços abertos, amarrada à sua cadeira antiga. Embora suas mãos fossem gentis, as amarras estão apertadas. Não posso me mover.

Então você amarrou minhas mãos acima da minha cabeça, girando as tiras de couro em volta do candeeiro em cima de mim. Você beija meus seios até que meus mamilos estão tão duros que são do tamanho de moedas de dez centavos. Você quer tem certeza de que eu me sinto segura e amada. Você não quer que eu tenha medo. Eu não estou com medo. Eu estou tão excitada que tenho certeza que gozaria se você soprasse sobre mim.

Então você se despe. Você faz isso lentamente, não é sexy e exagerado, mas metódico. Você coloca suas coisas e passa um minuto no banheiro. Você não me deixa falar. Você ameaça me amordaçar se eu fizer outra piada. Você precisa de controle sobre mim. Assim é como você se sente seguro.

Então espero, minha boceta ficando mais molhada a cada segundo. Eu sinto isso escorrendo pela minha bunda. Então, você está nu e magnífico. Jonathan, querido, você está absolutamente espetacular. Mas você não quer ouvir isso.

Você olha para mim. Seus olhos me comem viva. Eu sinto você entre as minhas pernas, mesmo que esteja a meio metro de distância. Se eu pudesse atraí-lo mais perto com o meu desejo, você estaria em mim. Estou com fome de você.

Você dá um passo em minha direção e coloca as mãos sobre o encosto da cadeira, inclinando-se sobre ela. Meus braços esticam para cima. Você coloca a ponta da língua dentro do meu cotovelo, em seguida, desliza sua língua para baixo até que seus lábios tocam meu seio. Você circunda meu mamilo, acariciando-o com seus lábios. Está tão duro, apontando-o como se ele quisesse estar milímetros mais perto de você. Você o beija, deixando-o molhado, em seguida, solta. Eu sinto o ar frio. Está muito sensível, e você olha para mim como soubesse disso. Você o chupa novamente e o liberta para o frio.

Então você o aquece com sua boca, e o morde. Eu arqueio minhas costas. Empurro meus quadris para perto de você. Eu gemo seu nome.

— Comporte-se. — Você diz, empurrando meu queixo para cima, então só posso ver o teto. — Não se mova.

Você rola o mamilo molhado em dedos, em seguida, passa para o outro e faz o mesmo. Chupa, solta. Chupa, solta. Chupa, morde. Estou pegando fogo.

Você beija minha barriga, minhas pernas, e eu sinto os dedos dentro da minha coxa. Você está deslizando os dedos em direção à minha boceta. Ela treme. Você toca levemente meu clitóris como se fosse uma migalha na perna da sua calça. Você faz isso forte, e eu mordo meu lábio. Arde. Em seguida, se enche de prazer.

Você faz isso de novo e de novo ao beijar dentro de minhas coxas. Estou tentando não mexer, mas tudo no meu corpo quer inclinar em sua direção. Você me

machuca com os dedos, em seguida, alisa. Eu queimo com a dor, mas só faz o prazer mais insuportável. Não é o suficiente para me fazer gozar.

Eu quero implorar, mas você me disse para não falar. Eu quero fazer isso da maneira que você daria a si mesmo. Quero tê-lo em minha boca, minha bunda. Quero rastejar no chão para ter você. Você está mal me tocando, mas tem controle total sobre mim. Apenas com os dedos.

E quando você coloca sua língua na minha boceta, meus dedos, olhos e unhas sentem isso.

Então você faz aquela coisa. Com um movimento de seu pulso, desfaz os nós de meus tornozelos. Você se levanta e me diz para pegar minhas roupas. Nós estamos indo saindo.

*

— Você está brincando comigo. — Disse ele.

— Jogo justo, para ambos.

Ele sorriu, em seguida, puxou seus lábios entre os dentes. — Dói quando rio.

— Eu não estava brincando.

Ele colocou a mão no meu rosto, deslizando por ele. Mesmo doente como estava, a sensação de seu corpo sobre o meu era elétrico. — Você pode ficar?

— Eu tenho algo para lhe dizer.

— Você me ama.

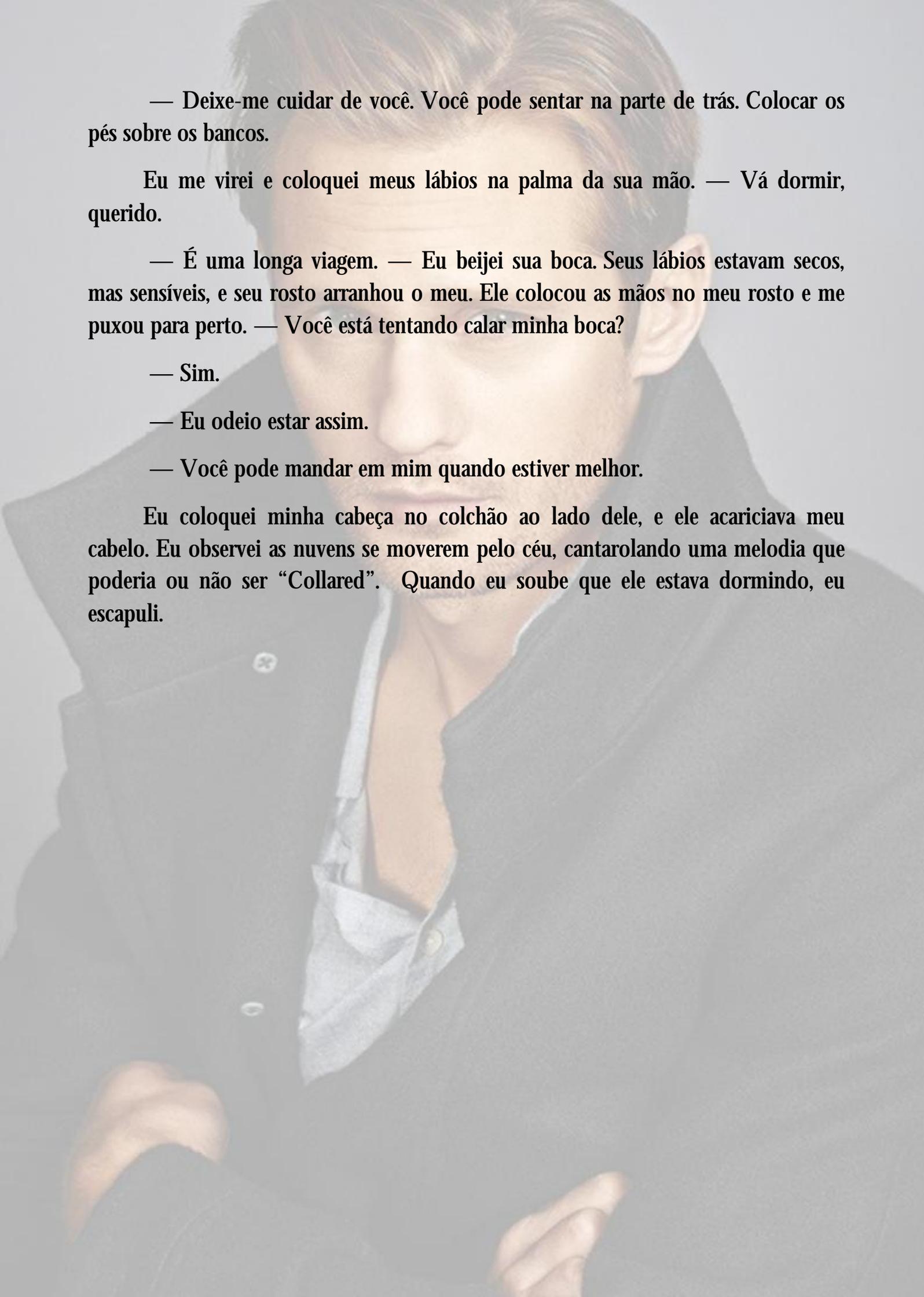
— Meu Deus, Jonathan, amo você loucamente.

— O sentimento é mútuo. Agora, o que você ia me dizer?

— Eu preciso ver a minha mãe. Em Castaic. Volto mais tarde, mas virei direto pra cá. — Eu torci o nariz para que ele soubesse que a viagem não era um período de férias longe dele ou do seu quarto de hospital.

— Lil pode levá-la.

— Você me comprou um carro.



— Deixe-me cuidar de você. Você pode sentar na parte de trás. Colocar os pés sobre os bancos.

Eu me virei e coloquei meus lábios na palma da sua mão. — Vá dormir, querido.

— É uma longa viagem. — Eu beijei sua boca. Seus lábios estavam secos, mas sensíveis, e seu rosto arranhou o meu. Ele colocou as mãos no meu rosto e me puxou para perto. — Você está tentando calar minha boca?

— Sim.

— Eu odeio estar assim.

— Você pode mandar em mim quando estiver melhor.

Eu coloquei minha cabeça no colchão ao lado dele, e ele acariciava meu cabelo. Eu observei as nuvens se moverem pelo céu, cantarolando uma melodia que poderia ou não ser “Collared”. Quando eu soube que ele estava dormindo, eu escapuli.

Capítulo Quatorze

Monica

Peguei a 5 Freeway com os nós dos dedos

brancos na direção, passando por todos os sinais de civilização, passando por loteamentos até a bifurcação de uma montanha na parte traseira que descia. A melhorcoisafodidodomundo bebia combustível como um garoto de fraternidade bebe cerveja em uma festa. Tudo estava morto, plano e seco. Em seguida, apareceu. Castaic.

Todas as portas da garagem ficavam para rua como uma boca esticada em uma careta. Quintais que não foram cobertos por concreto, eram negligenciados e marrom ou monótonos e verdes com bonecos de neve infláveis tristes e gordos, alegres papais noéis. Tudo na implacável paisagem era queimado pelo sol. Até as montanhas que tocavam a cidade pareciam compactadas sob o peso do céu. Ou talvez fosse só comigo.

Cresça.

Maria Souza-Faulkner tinha duas opções: Park⁵ - o que significava que ela era passiva, doce, e dormia 17 horas por dia – ou quarta marcha - que significava que ela estava em raiva completa como se parecesse que fosse limpar o mundo do pecado. Kevin tinha sugerido que ela era bipolar. Eu não ri porque ele estava errado, mas porque ela nunca faria algo tão sensível como consultar um médico para descobrir por que era louca. Papai a tinha amado por tudo isso, então obviamente ela não via necessidade de corrigir o que estava funcionando muito bem.

Sua casa, uma caixa bege de um andar com uma garagem para dois carros e uma porta uns cinco metros por trás dela, que havia precisando de reparo. Papai não teria permitido isso. Ele passou seu tempo pintando, rebocando, e fazendo jardinagem. O jovem citrino que ele plantou tinha algumas folhas nos galhos ramosos, e o gramado parecia um terreno arável. Eu não sabia quanto tempo ela ficou presa no Park, mas a julgar pelo aspecto do lugar, foi pelo menos até o início do verão.

Minha mãe abriu a porta em uma coisa comprida de poliéster que caía sobre suas curvas em maneira que era modesta, mas sexual. Como eu, ela tinha um corpo que era difícil esconder, e ao contrário de mim, ela continuava tentando. Ela era uma beleza brasileira que meu pai encontrou em uma profana missão de paz. Ela tinha 1:56m nos seus cinquenta e poucos anos, ela tinha a pele mais escura do que a minha, mas os mesmos olhos e cabelos escuros. Ela era católica somente como uma menina sul-americana poderia ser, e essa era a dificuldade. Ela acreditava na infalibilidade do Papa e da virgindade de Maria, muito tempo depois que alguém com um cérebro teria seguido em frente.

— Oi, mãe.

Ela me abraçou, e depois de um segundo, eu a abracei de volta. Ela me segurou por mais tempo do que pensei que iria. Talvez a visita não fosse tão ruim. Nós tínhamos acabado de perdoar uma a outra. Ela saiu do caminho, e eu entrei.

Ela viu o carro. Minha reação imediata era de dar desculpas por ele. Ele era emprestado. Eu o devolveria. Eu não pedi por isso. Então decidi me calar. Eu não vim para brigar, e não vim para mentir. Ela fechou a porta sem dizer nada.

⁵ Referência a marcha lenta dos veículos com câmbio automático.

A casa estava hermeticamente fechada contra o calor do deserto e a poeira, e o ar resfriado artificialmente era velho e fraco. Tudo era bege. Papai odiava bege, mas minha mãe insistiu. Quando ela insistia, conseguia o que queria.

Bem, tudo era *permanente* bege. Qualquer coisa que foi removida tinha uma cor, e brilhava. Máscaras africanas e cobertores mexicanos. Uma partição de teca entalhada à mão bloqueava uma janela envolta em tecido ikat. Pilhas de livros de viagens ficavam na frente das estantes recheadas. Era como se minha mãe tivesse começado a merda de carimbar seu passaporte.

— Você veio. — Disse ela.

— Sim. — O sofá tinha um travesseiro em uma extremidade com uma fronha que combinava com o lençol enrolado na outra extremidade. Ela estava dormindo nele e isso era provável que fosse regularmente.

— Eu não acho que nós podemos salvar a casa. — Disse ela.

Eu tinha um discurso preparado, então soltei. — Eu não vim por causa da casa. Não é que eu não possa me mudar ou conseguir um apartamento ou qualquer coisa. Eu só acho que é difícil acreditar que você deixou acontecer isso com a casa. Eu fiquei preocupada com você.

— Oh, Monya. — Disse ela, chamando-me pelo nome da minha avó. — Tudo isso para nada. — Ela colocou a mão na maçaneta da porta.

Aquela era ela. Ela me chuta para fora e define ao invés de admitir que tinha um problema. Embora ela parecesse saudável, e mais velha, eu poderia dizer que não estava tudo bem. — Vamos, mãe. Eu estou aqui. Faça-me um pouco de chá.

Sua mão escorregou da maçaneta. Ela olhou pela janela para o Jaguar branco, como se não confiasse nele e não gostasse disso. Quando ela me acompanhou até a cozinha, vi mais bugigangas do terceiro mundo e retângulos beges limpos, manchando as paredes como se fotos antigas tivessem sido removidas.

Foi só quanto ela indicou o meu lugar que percebi que esses retângulos representavam. Eles estavam onde as fotos do meu pai ficavam. Ela as manteve depois que ele morreu até três anos atrás, mas agora elas se foram.

Quando ela colocou uma panela de cobre no fogão e pegou uma caneca com EU PERDI MEU CORAÇÃO EM BELIZE escrito nela, tudo se tornou claro. As bugigangas. As fotos do meu pai que faltavam. A depressão. As múltiplas hipotecas.

— Ainda garçõnete? — Ela perguntou.

— Sim. Você ainda está fazendo os livros para a igreja?

— Qual é o nome dele? — Perguntou ela, sem responder à minha pergunta.
— Você não comprou esse carro com um salário de garçõnete.

— Eu tenho salário. Ganho gorjetas. — Que tipo de resposta foi essa? Essa era a resposta de uma mulher com vergonha de quem era, e eu tinha dado isso. — Seu nome é Jonathan. Eu espero que nós não comecemos a discutir sobre isso.

— Contanto que não seja aquele outro cara. Eu não gosto dele.

— Será que os seus tem um nome? — Ela não respondeu, apenas pegou algumas latas florais que poderiam ou não estar cheias de chá vencido. — Mãe, há alguém aqui que você pode falar? O padre? Alguém no coro?

— Não é assim tão fácil.

— É o pároco que você abandonou?

— Pelo amor de tudo que é sagrado, Monya, isto é...

— Uma suposição totalmente razoável. Exceto pela obvia viagem ao mundo que está acontecendo. Você está dormindo até depois do meio-dia, então sei que não está trabalhando para ele. Você não pode falar com ninguém, e todos os seus amigos estão lá.

— Eu não quero. — O bule assobiou.

— Eu vou embora em poucas horas. Então, assim você pode me contar.

Ela colocou a caneca com o líquido quente na minha frente e saiu da sala. Eu comecei a seguir, mas eu a vi abrir uma porta da cristaleira. Ela se agachou, vasculhou pratos antigos e livros de receitas, até que veio com um arquivo de papel marrom expansível. Sentei-me de volta, e ela o colocou na minha frente com um tapa.

Ela disse. — Foi por isso que você veio. Toda a minha papelada. Pegue isso. Não, eu não quero perder a casa. Eu amo essa casa, tanto quanto você. Se eu não a amasse, teria vendido e chutado você para a rua por ser insolente e uma vadia desrespeitosa, dois anos atrás.

— Não se reprima, mamãe. Diga-me como você se sente.

Ela não disse nada, mas não riu e me perdoou também. Era isso. Isso era o que ela queria dizer. Não era tão ruim quanto eu temia. Eu não ficaria esmagada sob o peso de sua desaprovação. Mas ela estava certa. Apesar dos meus protestos iniciais, eu queria salvar a casa.

— Sinto muito sobre o qual-seu-nome. — Eu disse. — Parece que vocês tiveram um bom tempo juntos.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. — Eu rodei o disco de feltro e abri o envelope. Eu não sabia nada sobre finanças. Números só me interessam na medida em que se relacionavam às vibrações do som, mas quando eu espalhei os papéis sobre a mesa e as coloquei em uma narrativa em que eu poderia entender, uma coisa era bem clara.

Minha mãe tinha explodido cerca de três quartos de um milhão de dólares viajando pelo mundo.

A casa onde morei foi comprada por noventa e cinco mil, em meados da década de noventa e quitada 20 anos mais tarde, com o seguro de vida do meu pai. Mas Echo Park estava em seus estágios iniciais de um renascimento, quando meus pais a compraram. Desde então, mais e mais pessoas como o Dr. Thorensen tinham se mudado junto aos artistas, famílias hispânicas, e membros de gangues.

De acordo com um banco localizado no Colorado, minha pequena casa em uma colina valia 650 mil dólares. Eu sabia disso porque minha mãe tinha sacado cada centavo e, em seguida, algumas hipotecas e empréstimos. Ela tentou espremer outros cem mil do patrimônio líquido dessas licenças abertas. Como se houvesse melhorias feitas.

Ela afiançou seu trabalho em fevereiro. Ela esteve naquela igreja desde que eu estava na escola e tinha um salário bom o suficiente para cobrir todas as suas

obrigações. Sem esse trabalho, tudo tinha caído sobre ela. Imaginei que o cavalheiro em questão era a causa do seu deslize.

— Você é um gênio maldito, mamãe.

— Cuidado com a boca.

— Você sabe que nunca vai pagar isso?

— Eles não vão sentir falta disso. É um banco. — Disse ela.

— São quatro bancos. Mãe, Cristo...

— Boca.

— Eu não consigo nem pensar o que fazer com isso. — Eu recolhi os papéis. Eu queria bater e socar para ilustrar a minha indignação, mas isso só faria mais barulho. — Você pode me dizer o que aconteceu? Você não me educou para fazer coisas como esta.

Ela colocou as mãos em seus quadris. — Como o quê?

— Roubar. Isto é roubo.

— Não, se eu deixá-los ficar com a casa.

— Ela não vale setecentos mil dólares.

— Os peritos disseram que sim, por isso vale. As coisas valem o que os especialistas dizem valer. Pessoas como nós, não sabemos nada. Nossas opiniões não querem dizer nada. E você concorda. Em seu coração, você sabe disso. Você acha que a casa não vale nada, porque a ama, e se a ama é lixo, certo? Bem, quanto você pagaria por ela? Huh? Quanto pagaria pelas árvores do seu pai? Quanto pela varanda que seu pai e eu nos sentamos depois que você estava na cama?

— Mãe...

— Quanto pela cozinha, onde eu cozinhei para você? Quanto custa a porta lateral que você sorrateiramente saía após o toque de recolher, como se eu não soubesse? Ou o banheiro onde abortei dois bebês? Quanto é que vale, Monya? Mesmo com a fundação rachada que seu pai prometeu corrigir uma centena de vezes antes dele ser enviado pelo mundo. Aquela casa era o lugar onde eu

esperava por ele. Onde ele *não estava* quando descobri que tinha câncer. Quanto um estranho pagaria por esses anos? Se a minha vida não vale setecentos mil dólares, quanto ela vale então?

Eu não aguentava mais. Seu rosto estava vermelho e tenso. Sua voz aumentando, e eu tinha sido negligente, uma cadela insolente. Eu saí da cadeira, coloquei meus braços ao redor dela, e a deixei chorar. — Está tudo bem, mamãe. Nós vamos consertar isso.

— Eu não posso. Eu tentei de tudo.

— Eu tenho amigos que são advogados. Eu posso... — Eu parei. Eu poderia tê-los olhando a papelada, talvez explicar a situação. Mas Jonathan se ofereceria para comprar a casa, sem dúvida, e eu não queria isso. Eu não queria ir por uma estrada onde resgatava minha família, depois meus amigos. Eu não queria que ele trocasse as dificuldades financeiras de Jessica pelas minhas. Eu poderia acalmar a minha mãe no momento, mas, no final, nós teríamos que deixar a casa ir embora. Eu diria a Jonathan eu estava bem com isso e fingiria que não era grande coisa.

Meu telefone tocou. Ainda segurando minha mãe, tirei meu telefone do bolso. Margie. Eu não consegui por um segundo e o coloquei de volta no bolso enquanto ia para o correio de voz. — Deixe-me ver o que posso fazer.

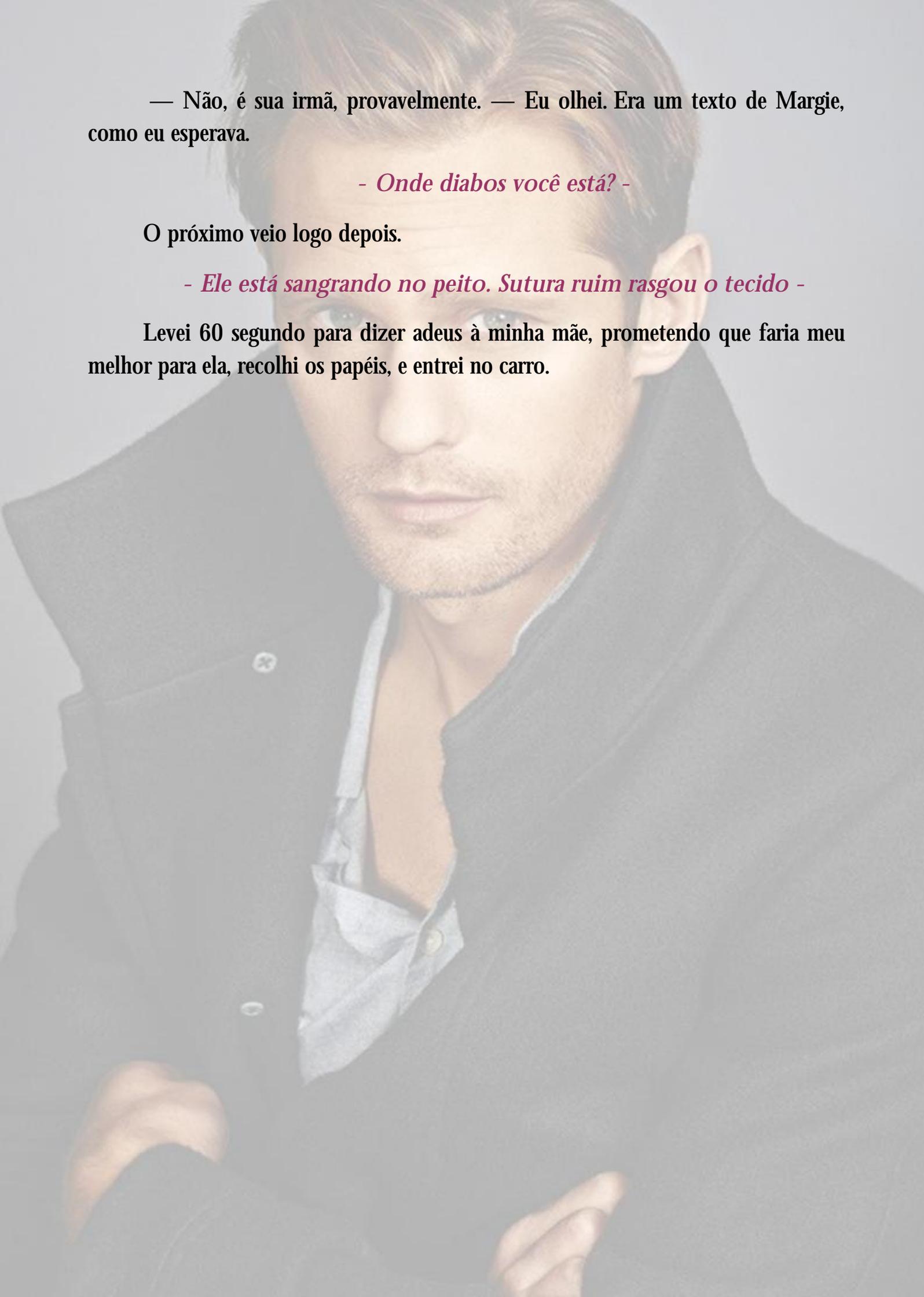
Ela fungou e se endireitou. — Não há nada a fazer. Sinto muito que você tem que se mudar.

— Eu vou sobreviver. — Eu acenei, mas eu sabia que não era convincente. — Eu deveria estar aqui para você. Vir com mais frequência.

— Sim. Você deveria.

— Eu sinto muito. — Um texto apareceu no meu telefone. Minha mãe e eu nos entreolhamos.

— Este é o homem do carro? — Seu tom não era um bom presságio para uma conversa inteligente. Se eu tive que aprender a parar de me chamar de puta, minha mãe não tinha. Ela estava no Park, mas isso pode mudar em um segundo.



— Não, é sua irmã, provavelmente. — Eu olhei. Era um texto de Margie, como eu esperava.

- Onde diabos você está? -

O próximo veio logo depois.

- Ele está sangrando no peito. Sutura ruim rasgou o tecido -

Levei 60 segundo para dizer adeus à minha mãe, prometendo que faria meu melhor para ela, recolhi os papéis, e entrei no carro.

Capítulo Quinze

Monica

Eu mandei uma mensagem para Margie de

que eu estaria lá em duas horas. Estava ficando escuro, e eu chegaria a Los Angeles perto da hora do rush. Isso seria, literalmente, o dobro do tempo que eu levaria para chegar ao Sequoia. O hospital estava dentro de um nó de artérias de tráfego que deixava difícil se mover indo ou voltando durante o horário de pico. Era um mau planejamento por causa das ambulâncias e as mulheres em trabalho de parto, mas para um hospital urbano central, acessível a partir de cinco pontos de LA, era o principal.

Jonathan estava no meio da melhor unidade cardíaca no país, se era para acreditar na internet. O que aconteceu, eu tinha certeza que seria corrigido em pouco tempo. Eu temia que ele pudesse enfrentar desconforto e que eu não estaria lá para ele, mas que ele ficaria bem. Eu tinha certeza, pensamento positivo era um fato, que não era grande coisa.

Eu finalmente entrei na sala de espera às sete horas e fui redirecionada para os cuidados intensivos. Eu não tremi, nem entrei em pânico, porque, daqui há dez

anos, essa visita seria engraçada. Quando cheguei aos cuidados intensivos, não parecia como se alguém estivesse rindo.

Fiona passou por mim sem me cumprimentar. Deirdre sorriu para mim, mas não conseguia esconder a preocupação como o resto delas. Sheila, que sempre era maternal e gentil, estava conversando com Margie como se quisesse morder sua cabeça. Fazendo minha própria lista de chamada, excluí. Carrie não viria. Leanne estava na Ásia. Theresa não vinha há alguns dias. Eileen estava com Margie, girando o anel de diamante. Seus escarpins tinham sido trocados por tênis dias atrás, quando a medicação aumentou. Ela acenou para mim, mas não me chamou. A presença de Margie me deixou corajosa. Eu continuei em frente.

— Isso é inaceitável. — Sheila falou em vogais e consoantes duras e cortadas, o dedo apontado para a garganta de Margie. — E você trata isso como um dia no parque. Este hospital é impróprio. Eles são tão bons que quase o matou.

Engoli em seco, e três delas fizeram uma pausa, me olharam, me ignoraram.

— Obrigada pelo drama. — Margie disse a Sheila. — É exatamente o que precisamos.

— Você precisa começar a entrar com um processo por imperícia imediatamente.

— De jeito nenhum.

— Você está perdendo a coragem.

— Eu quero que nos concentremos em Jonathan. Sem batalhas legais. Deixe-os fazer um inquérito... — Disse Margie.

— E começar a maquiar tudo.

— Isso não é TV...

— Eu vou contratar meu próprio advogado.

— Exatamente o que ele precisa.

— Você...

— Eu concordo com Margie. — Eu disse. Seis olhos claros se viraram para mim, e eu tive meu primeiro caso de medo de palco. — Vai levar anos para processar isso. Uma semana não vai fazer a diferença.

Sheila virou a cabeça, mas não virou o resto do seu corpo para me enfrentar. Ela foi gentil comigo desde o minuto em que a conheci, mas eu tive a sensação de que estava prestes a mudar. — Quem é você? — Ela sabia bem quem eu era, caralho. Ninguém.

Eu fui embora e não fui seguida. Bom. Drazens malditas, todas elas. Exceto uma. Eu não conhecia as enfermeiras da UTI, então coloquei uma aparência inofensiva no meu rosto quando me aproximei da mulher de pele escura com uma braçada de gráficos. — Oi, estou procurando o quarto de Jonathan Drazen?

— Ele está no raio-X. Volta em uma hora.

Eu tinha duas opções: voltar e tentar descobrir o que eu precisava da família Drazen ou aguardar no refeitório até que Jonathan voltasse. Eu sabia que Margie me contaria tudo quando ela se livrasse de Sheila, Sheila poderia se acalmar o suficiente para ser boa para mim. Mas eu não via nenhuma razão para estar lá e sofrer abusos enquanto eu esperava.

Enquanto eu caminhava para o refeitório, vi papai Drazen com um homem de cabelos compridos com sandálias que tinha uma criança no colo. O homem estava falando rápido com a cabeça para baixo. Declan se inclinou para ouvir e pôs a mão no ombro do homem. Declan não parecia ser um sociopata, o que não queria dizer muita coisa. Eu não era uma expert em qualquer Declan ou psicologia anormal.

Eu estava na fila para uma xícara de chá. A canção infiltrava na minha cabeça. Eu fui pegar meu caderno, mas não poderia, não estava na minha bolsa. Devo tê-lo deixado em casa. Droga. Peguei uma Sharpie⁶ e fiquei pronta para escrevê-la no meu braço.

— Monica?

Eu ouvi o meu nome quando eu espaçava a música na minha cabeça, tentando fazer com que palavras e ritmo correspondessem. — Dr. Thorensen. Quero dizer,

⁶ Caneta de tinta permanente.

Brad. Oi. — Ele estava com um jaleco branco por cima do terno com um crachá preso à lapela. — Eu nunca vi você no trabalho antes.

— O que você está fazendo aqui?

— Conseguindo algo para comer. Acabei de chegar. — Ele me pegou pelo cotovelo e me sentou em uma mesa vazia. — O quê?

— Eu tive que abrir uma avaliação de transplante para o Sr. Drazen.

Eu não sei como eu deveria ter parecido. Talvez branca, porque uma espécie de vazio tomou conta de mim. Ou talvez eu parecia confusa. — Eu não entendo. Foi uma má sutura. Eu sei que Sheila está chateada, mas... — Mas eu achava que ela estava perdendo o controle. Mas eu pensei que ele tirasse raios-X o tempo todo. Mas eu pensei que era uma complicação, não uma ruína. Mas eu estava pendurada em meu otimismo porque precisava disso.

Ele olhou em volta, em seguida, de volta para mim.

— Diga. — eu disse. — Eu não quero ouvir isso de ninguém.

— Foi uma sutura dentro do seu coração. O rompimento está muito ruim. Ele está sangrando mais rapidamente do que pode bombear para sair. Se eles entrassem e cuidassem disso... Bem, eles não podem. Não há espaço. E o rompimento se mudou para o ventrículo esquerdo.

— Você vai corrigir isso? — Entrei em pânico, o pânico de alguém cuja ansiedade era um show, porque eu sabia que tudo ficaria bem. Com certeza, havia uma solução fácil para tudo isso, e Jonathan e eu logo ríamos como bobos por eu ter me preocupado tanto. Eu mal podia esperar pelo riso. Conte a história na minha cabeça durante um jantar de Ação de Graças imaginário, descrevendo os arrepios em meus braços, a sensação de secura na boca, a falta de ar súbita em meus pulmões. Eu endureci dramaticamente segurando as lágrimas, e Jonathan soltaria aquele riso do fundo de seu peito, e as lágrimas escorreriam pelo seu rosto.

— Eu não sei. — Disse Brad.

— O que quer dizer que você não sabe?

— Nós ainda estamos fazendo uma avaliação. Eu tenho um monte de formulários para preencher. Eu tenho que falar com o resto da equipe cardíaca. É complicado.

— O que é fodidamente complicado? Você quer corrigir isso, ou vai ficar preenchendo a papelada do caralho.

— Acalme-se.

— Eu não estou pegando leve. Eu vou queimar a porra da sua casa se você não me disser agora por que os idiotas não podem corrigir isso imediatamente.

Ele pegou meus pulsos e me segurou no lugar. Eu sabia que ele não teria feito isso se não me conhecesse. O privilégio de todas as informações que eu já tinha conseguido era cortesia de algumas horas de *City of Dis*. — Há uma boa chance, e não sei ao certo porque preciso rever tudo com o comitê, mas tenho certeza que ele vai precisar de um transplante.

— Tudo bem. — Eu respirei, eu tinha esquecido de fazer isso. Isso era uma coisa. Era uma forma de agir. — Então, dê-lhe um.

— Nós precisamos de um coração, e seu tipo sanguíneo? AB negativo? É raro. Ele precisa entrar na lista. Monica, espero que eu esteja errado. Se a equipe cirúrgica acredita que pode recuar e corrigir isso, então, toda essa conversa é discutível. — Seus olhos, um azul profundo e um pouco vermelhos, como se fossem horas demais, não vacilou do meu. Ele tinha a confiança de um homem que mantinha um coração humano e o fazia bater novamente. Ele fazia a vida e a morte acontecer, e Jonathan era apenas mais um paciente, outro enigma para resolver, mais um desafio na sua carreira.

Eu deslizei minhas mãos para segurar as suas. Eu as apertei e fechei os olhos. — Eu quero que você entenda alguma coisa. Esse homem? Ele não é um namorado em uma linha deles. Ele é meu alfa e ômega. Ele é o céu sobre mim. Sem ele, estou perdida. Não há ninguém mais, ninguém cuja alma equilibra o meu caminho como ele o faz. Esperei minha vida por ele, e quando ele chegou, não o reconheci. Não até recentemente. Se eu o perder, juro, com Deus como testemunha, que ficarei sozinha. Ninguém pode se igualar a ele.

Quando abri os olhos, Brad estava olhando para nossas mãos entrelaçadas, de cabeça baixa. — Eu não sei.

— Eu só vivo na porta ao lado.

Ele olhou para cima. — Eu vou fazer o meu melhor. Eu não posso prometer nada. Se ele precisar de um novo coração, quero que você esteja pronta para um momento difícil. Ele sangrará sozinho, e corações saudáveis não aparecem frequentemente. Você precisa dormir, comer e viver a sua vida, enquanto espera.

Eu sorri. — Minha vida é com ele. É assim que vou vivê-la. O resto é complicação desnecessária. — Eu senti que Jonathan estava lá comigo quando citei isso. Paramos assim por alguns segundos, e eu tentei transmitir a minha seriedade. Era bom estar com alguém e *ser*, mesmo que isso não pudesse durar.

O celular dele tocou. Ele não olhou para ele, mas soltou minhas mãos. — É do meu consultório. Eu tenho que ir.

— Você me deixará saber?

— Sim, Monica. Você vai saber. — Ele se levantou. — Só durma e coma. Faça isso. Ok?

Meu chá estava frio. Minha barra de granola parecia cada vez mais como um pedaço de merda pressionado. — Depois que eu vê-lo. Então voltarei para casa e vou para a cama.

Ele olhou para o relógio. — Venha comigo. Aprese-se. — Ele acenou e saiu com a mão no bolso no telefone antes que ele mesmo se virasse completamente. Eu corri atrás.

Passamos pelas salas de exames, escritórios, suítes, enfermarias, ao redor de cantos e escadas secretas, eu seguindo Brad para o raio-X. Enquanto mandava mensagens de texto, ele falou com uma senhora com blusa rosa e blusa rosa e deu-lhe o nome de mais um lugar que eu nunca teria encontrado sozinha. Nesse lugar estava uma maca. Era Jonathan.

Eu presumi que Brad disse adeus, porque na hora que eu estava de pé sobre meu amante, Brad tinha ido embora. Jonathan estava ou dormindo ou inconsciente, pálido como a morte, no pedestal o soro dos deuses. Peguei a mão dele, apertando

minha mão na dele. Ele não respondeu. Estava apenas quente o suficiente para indicar que ele não estava perdido. Fiquei até que a blusa rosa e um enfermeiro vieram leva-lo. Fui com eles, só para ter certeza de que ele estava bem.



Capítulo Dezesesseis

Monica

Eu dormia em uma aleatória sala de espera,

apesar de prometer a Brad que eu iria para casa. Acordei dolorida em todos os lugares, fui para o refeitório, e escrevi uma canção em um guardanapo. Algo se moveu sobre a mesa. Eu me movi rapidamente. Meu caderno, com a NOPA dentro, deslizou para mim. Declan estava sobre a mesa.

— Eu pensei que você poderia querer isso. — Disse ele. — Você o deixou aqui outro dia.

— Obrigada. — Eu enfiei na minha bolsa. — Você está sempre aqui por estes dias. Parte do mobiliário.

— Como a fibra de vidro e cromo barato?

— O senso de humor Drazen é genético, aparentemente.

Ele sentou-se. — Não é tão aparente. Eu não ouvi meu menino contar uma piada em vinte anos.

— Ele é engraçado. — Minha voz falhou. Eu coloquei minha cabeça para baixo. Eu não conseguia olhar para ele porque estava prestes a dizer “ele *era* engraçado”. Meus olhos ardiam, e meu rosto ficou vermelho. Eu não queria que um homem feito de fibra de vidro e cromo me visse chorar pelo seu filho pródigo.

— Margaret me contou. — Disse ele.

Funguei e tratei de me acalmar. Agarrei o meu chá, deixando-o esquentar minhas mãos geladas. — Por que você não está sempre lá em cima com elas?

— Isso é o mais perto que estou autorizado. Elas não me querem lá. Minha esposa, pelo menos. Nós dormimos em lados opostos da casa. Décadas de negligência fizeram isso.

— Tenho certeza de que era puramente benigno. — Minhas emoções cruas deixaram mais difícil de esconder meus sentimentos, e nesse momento de descuido, a minha voz pingava com sarcasmo inadequado e grosseiro. Eu não estava sendo uma mulher graciosa.

Mas ele parecia querer levar isso adiante. — Eu tive muita, digamos, *intensa* crise de meia-idade.

— Você compartilhou uma amante com seu filho. Muito intenso.

— Foi isso o que ele lhe disse? Eu acho que ele poderia ter visto dessa maneira. Ela era uma garota manipuladora, mas sim, fiquei muito satisfeito no momento, mas agora... Bem, agora preciso de um carrinho de golfe para chegar ao quarto da minha esposa e meu filho não vai me ver. — Ele massageou seu café. — Ele ficaria chateado se soubesse que você estava em uma mesa comigo?

— Sim. — Eu me senti culpada por estar aqui. Jonathan não iria gostar. Nem um pouco. Se ele ficasse bem, precisava saber que eu estava segura, e eu tinha certeza de que ele não pensava em mim ficando segura perto do seu pai. Eu coloquei a barra de granola na minha bolsa. — Eu deveria ir lá em cima. Foi bom falar com você.

— Sim, foi.



Capítulo Dezesete

Jonathan

Eu já tinha tentado tirar a porra dos

pequenos tubos do meu maldito nariz. A sala estava iluminada como Griffith Park no Natal, e era tudo Jingle Bells de novo. Eu ficaria bem com isso se eu não tivesse outro desfibrilamento. As chances não estavam a meu favor.

Eu tive um período difícil por ficar acordado muito tempo. Meu cansaço vinha pela falta de oxigênio e um corpo desgastado trabalhando para nada. Isso bombeava sangue que descia em um tubo e sugava mais sangue de uma bolsa. Tinha muito medicamento. Bolsas que cabiam minha mão. E uma bolsa de sangue que continuava sendo substituída como um pote de café.

Lembro-me de um deles dizendo que eu era um homem de sorte. Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas pensei que não tinha absolutamente nada a ver com a minha saúde. Ele era loiro, parecendo nórdico, e eu perguntei o que ele queria dizer. Ele apenas passou por outra bateria de perguntas que pareciam como qualquer outra bateria de perguntas que todos os outros jalecos brancos me tinha feito ou a pessoa próxima a eles fazia. Se eu ganhasse um centavo por cada médico

que entrava e falava sobre mim como se eu não estivesse lá, eu poderia comprar e vender a mim mesmo. A entidade, não eu. A bolsa de pele de dor e desconforto. Eu não sentia como se tivesse mais meu corpo. Sentia-me como um pedaço de carne que estava sendo mantido vivo até que algo acontecesse. Algum milagre. Ou algumas novidades.

— Eu não estou aqui para chateá-lo.

Senti-me lúcido quando Margie disse, meu cérebro voltando a atenção ao pensar que havia algo que eu deveria saber, mas não deveria ficar irritado. — Ah, bom. Você está aqui para sapatear.

— Eu amo que você tem energia para brincadeira, mas não dou a mínima para sua condição.

— Eu dou a mínima. — O esforço de falar foi monumental, mas o contato com alguém vestindo roupas de verdade e não empunhando uma agulha era muito bem-vindo para não responder na íntegra. — Um cara veio e me disse que tenho muitos problemas. Não há nada que eu possa fazer sobre isso.

— Eles nos chamaram para uma reunião. Deve ser disso que se trata. O que eles disseram?

— Deixe-os fazer seus trabalhos. Eu não posso... — Eu insinuei. Eu não podia repetir o que o cara com o cabelo prateado tinha dito. Dr. Emerson. Como o poeta.

Então entendendo, ela colocou a mão no meu ombro. — Eu cuidei de algo quando você estava desacordado. Isso vai criar um drama.

— Ok.

— Ok, você não tem nenhum problema com isso?

— Ok, me diga o que é.

— Monica faliu. Ela não está indo trabalhar porque ela tem ficado tanto no Hospital Sequoia que parece que trabalha aqui.

— Porra. — Minha vida fora de controle era ruim o suficiente, mas eu estava levando Monica comigo.



— Eu vou dar-lhe dinheiro e dizer que é seu. Você vai me apoiar.

— Sim.

— Bom.

— Margie. — Eu levantei a minha mão um pouco, e ela aceitou, aproximando-se para que pudesse me ouvir.

— O quê?

— Você é minha nova favorita. Obrigado.

— Estou mantendo o controle sobre cada centavo, porque você vai melhor, seu merdinha. Eu não sei como, mas isto não termina assim. Você me entende? Não está terminando assim.

Capítulo Dezoito

Monica

Quanto mais perto ficava da família de

Jonathan, mais entendia de onde ele veio. Sua capacidade de rir através de raiva e lágrimas, o rosto feliz que colocava sobre suas preocupações, e o show de confiança digno de Oscar vinha da sua mãe. As hábeis manipulações de pessoas e situações, o sadismo, a fome crua, e o charme social, vinha do seu pai. A paixão e proteção foram aprendidas através de suas irmãs.

Margie tinha me entregado cinco mil dólares em um envelope e me disse que se eu não aceitasse ela diria a Jonathan. Isso iria perturbá-lo o suficiente para dar-lhe outro ataque cardíaco. Ela estava exagerando, mas entendi o ponto. Ele tinha arrumado o dinheiro e recusando que isso lhe causaria stress.

— Eu lhe disse para não contar a ele. — Eu disse, segurando um pingão de orgulho assim como eu segurava o envelope.

— Eu ignorei.

— Eu odeio isso.

— Reclame com Deus.

— Bem, obrigada. — Eu disse. — Eu não quero que você pense que não aprecio isso.

Eu precisava do dinheiro. Muito. Depois de passar uma manhã no telefone, descobri que eu tinha longas chances de salvar a casa. Eu poderia resgatar as finanças da minha mãe, organizando um short sale⁷, mas eu ainda teria que me mudar. Um dos bancos foi inflexível sobre o atual morador desocupar o local. Eu poderia ter esperado por uma ordem de despejo e depois brigar contra isso, mas eu tinha muitas bolas no ar já. Eu precisava encontrar um lugar para morar e um lugar para guardar minhas coisas. Eu precisava alugar um caminhão e pagar um depósito de segurança e aluguel pelo primeiro mês. Cinco mil seria apenas para arrumar isso.

Eu tinha outros negócios para atender, também. Aceitando cinco mil da irmã do meu amante era algo que nunca pensei que faria. O dia seria um dia de primeiras vezes. Eu disquei o celular de Eddie. Ele atendeu. Oh, o privilégio de falar comigo. Seis meses atrás, ele não teria retornado uma mensagem de voz minha, muito menos atendido uma chamada no segundo toque.

— O que está acontecendo, princesa? — Respondeu ele sobre uma onda de ruído de ambiente. Eu não gostei do apelido. Era muito próximo ao conceito de 'boba'.

— Eu não posso fazer uma sessão. — Eu disse. — Jonathan... Ele está... está ruim. Eu preciso estar aqui.

— O quão ruim? — O ruído ambiente desapareceu como se tivesse fechado a janela.

— Alguma coisa deu errado. Ele está sangrando. Ele precisa de um transplante. Talvez. Provavelmente.

— *O quê?*

— Se você tiver um coração por aí nos próximos dias...

— *Dias?*

⁷ O short-sale é um processo que utilizamos para vender ou comprar o imóvel no qual o proprietário está em débito com os pagamentos do financiamento, impostos, condomínio etc

Minha cabeça estava fodida. Eu era um monstro. Eu pensei que Eddie se importasse que eu estivesse cancelando a minha sessão de gravação, mas Jonathan era seu amigo. Por que diabos Eddie se preocupa com a porra do meu EP? — Você deve vir e vê-lo.

— Porra.

— Você está bem? Sinto muito. Tenho lidado com isso por dias. Eu deveria ter lidado com isso melhor.

Ele não respondeu de imediato. Eu pensei que tivesse perdido a conexão, e então, ele falou. — Quando eu bati o Maz do meu pai, Jonathan me levou por toda LA para consertá-lo. Chegamos em casa antes que meus pais voltassem de Maui por, como, minutos. Ele dirigia como um babaca.

Funguei. — Não elogie ainda, por favor. — Eu tive a súbita necessidade de ver Jonathan, parar de perder tempo em uma escada fria quando eu poderia estar ocupando espaço com ele. Eu empurrei as portas de escada para o salão.

— Desculpe, eu... — Eddie se conteve. — Diga a ele que ele é um idiota para mim. Tudo bem?

— Claro que sim. — O elevador apitou quando desliguei, e bloqueei o tráfego por ali olhando para o meu telefone. Eu me perguntava por que eu não dava a mínima para a oportunidade acabar.

— Monica. — Disse uma voz na multidão.

Virei-me para a fonte. — Jessica.

— Eu gostaria de falar com você.

— Claro.

Entramos em um canto com um vaso alto de plantas de 1,80 m que parecia muito falso para ser verdadeiro, ou verdadeiro demais para ser falso.

— O quê é? — Eu disse.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Você não tem por que ser grossa comigo.

— Obrigada por me deixar saber como devo ser.

— Eu não vim aqui para brigar com você. Eu vim para vê-lo.

— Para quê? Perturbá-lo? Estou cansada disso. Eu nunca vi ninguém esmagar um homem com tanta força, em seguida, tentar recuperá-lo como se fosse seu trabalho. Pelo amor de Deus, eu gostaria que ele tivesse acabado por dar-lhe o seu dinheiro, assim você o deixaria em paz.

— Ele vai. — Seu rosto escureceu como um deserto sob nuvens raras. — Esta é uma internação de longo prazo. O fideicomisso vai passar a ser irrevogável em uma semana. Ele vai estar aqui.

Isso me atingiu, então, era essa sua motivação para estar ali. Ele estava doente. Inacreditavelmente a venda. — A menos que ele esteja morto, certo? Se ele morrer, então o fideicomisso é revogável, você perde. — Eu comecei a ir embora, mas ela agarrou meu cotovelo. Olhei para onde os dedos amassavam o tecido da minha camisa, então para ela.

— Você me ouviu. — Disse ela entre dentes. — Eu o amava. Não se engane. Ele não era para mim, mas eu o amava. Isso não vai embora.

— Ele. É. Meu.

— Dadas as circunstâncias, ele é de todos. Ele precisa de todos nós. Podemos ter essa briga agora ou depois que ele estiver morto. Será que combina com você?

Algo fervia em mim. Algo quente e preto e com raiva, borbulhando até a superfície e se estabelecendo.

Antes, Los Angeles era um lugar, tinha um poço de piche. Eu fui em três viagens de campo para o La Brea Tar Pits. Na pré-história, um animal ficou preso nela, e um predador veio para comer o animal. O predador, assim como o que ele comeu, ficou preso. A carniça veio ao banquete sobre os corpos enfraquecidos, e todos foram presos. O número foi multiplicado, quanto mais, impulsionado pelo instinto e pela fome, caíam na armadilha. Massas de mamíferos, criaturas aladas, e crustáceos vieram ao banquete. A gosma negra puxava para baixo a suas mortes durante o último ano em um cadeia de ebulição, construindo a fome predatória. Rasgando a garganta, cobrindo de sangue a pele, uma orgia de rotina de

violência e morte, multiplicada por uma ordem de medo, derreteu o piche e adicionou à massa orgânica em ebulição, escuro como breu.

Em La Brea Avenue, há um parque. No parque, a Tar Pits borbulha o subterrâneo, deixando poças de gosma preta pegajosa na grama. Eles vêm até onde querem, e tudo os afunda.

Quando Jessica sugeriu que Jonathan morreria, eu queria tirar seus olhos fora e puxar o cabelo na raiz, como um daqueles animais. Eu senti como se eu tivesse colocado um gramado de palavras doces sobre um aquífero de raiva pegajosa, e sua presença tinha provocado um gêiser borbulhando de raiva. Eu não estava com raiva de Jessica, e não estava com raiva que ela teve a ousadia de trazer a morte para a conversa como uma ameaça.

Eu estava irritada com a morte. Eu estava com raiva que isso se atreveu a escurecer a luz da janela, que isso veio entre Jonathan e eu. Nós superamos tanta coisa juntos. O que isso quer dizer? O que eu deveria fazer? E a vida? Como a vida se atreve a trazê-lo para mim apenas para levá-lo embora.

As portas do elevador se abriram com um *ding*, mas Jessica e eu olhamos uma para a outra, como se as armas estivessem sacadas.

— É bom ver que as crianças estão se dando bem. — A voz de Margie interrompeu.

Jessica soltou meu braço. Quando o fez, percebi uma coisa. Eu não gostava dela. Eu não confiava nela. Mas não podia fingir que eu estava irritada com ela. Para se esquivar, Jessica correu para o elevador no último segundo.

— Engraçado, vocês duas. — Disse Margie. — Quase como se vocês pudessem ficar na mesma sala, juntas.

— Ela só vai perturbar Jonathan.

— Não, ela não vai. Ele se recusou a vê-la. Ela está um pouco chateada. — Margie liderou pelo corredor, seu andar rápido e seguro.

Eu corri atrás dela. — Você parece muito chateada consigo mesma.

— Eu tenho uma grande notícia do Departamento de merda. Eles não podem corrigir a sutura. É um transplante ou nada.



Capítulo Dezenove

Monica

Ele estava lúcido. Eu sabia porque ele

sorriu quando me viu.

— Deusa.

— Senhor.

— Estou muito chateado com você.

— Eu vou pular a brincadeira da surra.

— Você precisa pedir o que precisa. — Ele estava falando sobre o dinheiro.

— Obrigada. — Eu disse. — Mas eu não podia pedir.

— Eu não posso ler sua mente.

— Podemos ter essa discussão quando você estiver melhor?

— Será que alguém explicou as chances disso para você? Porque...

— Pare com isso. — Eu segurava ambas as mãos, e ele pegou uma.

Ele falaria. Ele iria me dizer o que eu já sabia por Margie e Brad e qualquer médico que me deparei nos corredores. Mas eu não queria ouvir isso. Eu particularmente não queria isso dele, porque ele era Sr. Controle. Ouvindo isso dele naquela voz comedida e esfarrapada, me faria tanto gritar como correr para fora.

— Diga-me o que está acontecendo com você. — Ele sussurrou. — Eu ouvi sobre mim o dia todo.

— Eddie perguntou sobre você.

— Diga a ele que ele é um babaca para mim.

— Eu digo. — Eu disse.

— Será que ele já lhe deu uma nova data para gravar?

— Ainda não. O Natal está chegando, por isso está parado.

Meu rosto estava perto dele. Ele estava perto o bastante para ter a minha atenção, esquecendo o scritch e o chiado dos tubos de oxigênio. Perto o suficiente para que ele olhasse para mim longa e profundamente e visse o conteúdo do meu coração.

— Não minta, deusa.

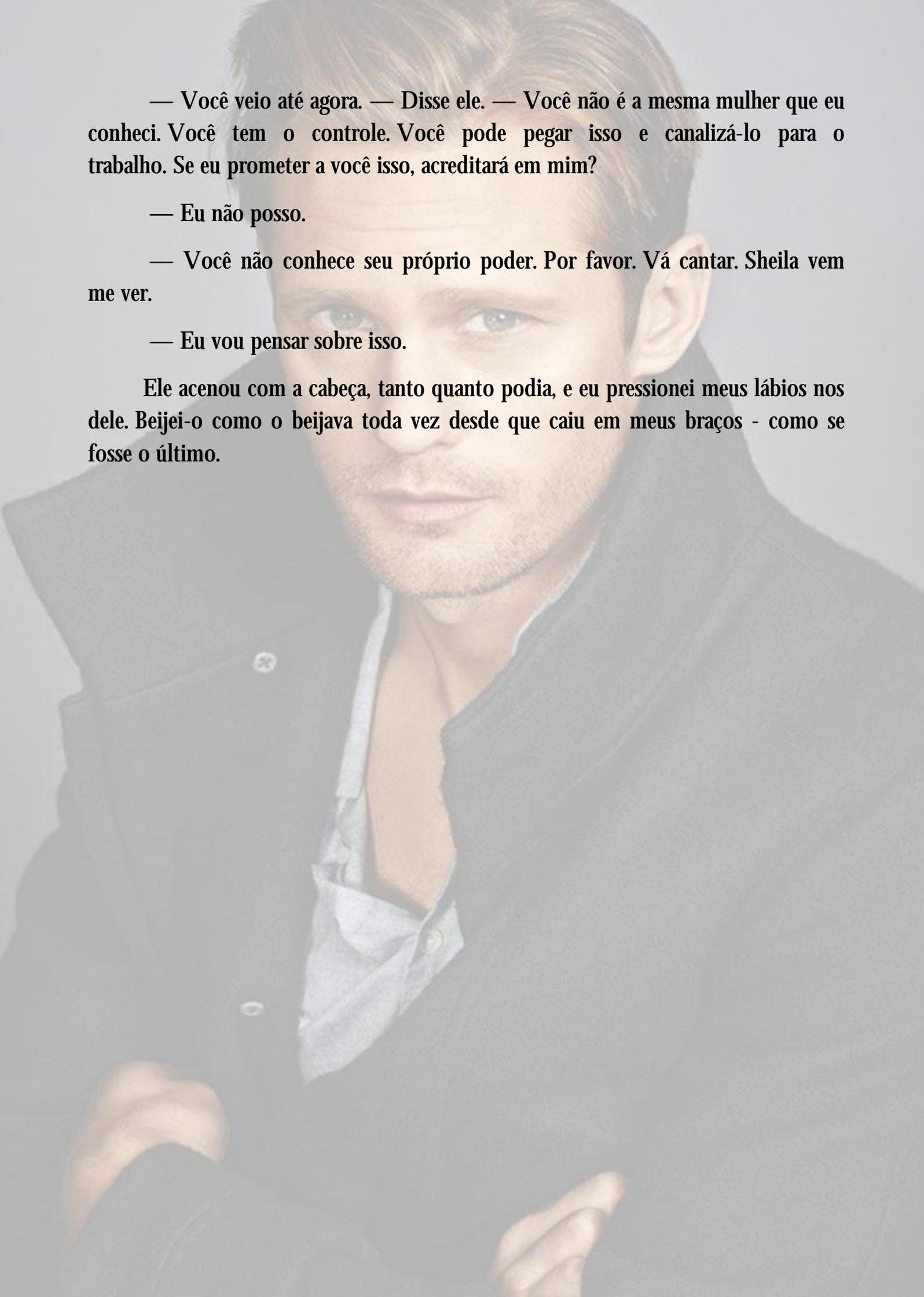
— Carnival vai ter que esperar. A sessão de quatro músicas vai levar o dia todo. Se acontecer alguma coisa, eu preciso estar aqui.

A máquina apitou. Ele apertou os lábios entre os dentes. Ele usava essa expressão quando era saudável, e isso me fez querer pedir-lhe para me tomar.

— Eu preciso que você faça seu trabalho. — Disse ele.

— Eu não farei isso direito, se estiver preocupada com você.

Senti sua mão na minha cintura, um leve toque através da minha camisa. Ele deslizou até minha caixa torácica, trazendo lembranças de tudo o que fizemos juntos quando suas mãos estavam fortes e cruéis, que respondia aos desejos que eu nem sabia que eu tinha. Ele tocou o sutiã Bordelle preto que eu estava usando como ele tinha ordenado.



— Você veio até agora. — Disse ele. — Você não é a mesma mulher que eu conheci. Você tem o controle. Você pode pegar isso e canalizá-lo para o trabalho. Se eu prometer a você isso, acreditará em mim?

— Eu não posso.

— Você não conhece seu próprio poder. Por favor. Vá cantar. Sheila vem me ver.

— Eu vou pensar sobre isso.

Ele acenou com a cabeça, tanto quanto podia, e eu pressionei meus lábios nos dele. Beijei-o como o beijava toda vez desde que caiu em meus braços - como se fosse o último.

Capítulo vinte

Monica

Eu fui para casa para tomar banho e

descansar. Eu não deveria. Os Drazens tinham uma suíte no hotel em frente ao hospital, e eu deveria ter engolido o orgulho e ido até lá. Mas eu não poderia pedir a chave para Sheila. Eu não tinha uma troca de roupa ou recursos para comprar uma nova. Porra de orgulho. Agora eu estava presa no tráfego há dez quarteirões do maldito hospital. Mais uma hora perdida.

Sentada no trânsito na melhor coisa do mundo era muito melhor do que ficar sentada no trânsito no Honda. Ele derrotava o ônibus por uma milha. Mas tráfego era tráfego, e sentada ainda em um Jaguar, enquanto helicópteros cortavam o ar e isso era irritante. Tendo crescido em Echo Park - antes era uma oportunidade de investimento imobiliário esperando para acontecer - eu estava familiarizada com essa situação. A polícia estava fechando uma pista de modo que cada carro pudesse ser verificado. Normalmente, um policial matando alguém sempre criava esse tipo de caos. Ou um assassinato de gangue. Talvez um rapto de crianças. Eu riscava na

lista, em seguida, fechei as janelas e cantei algumas das músicas que eu tinha preparado para a EP. Eu cantei-as na acústica de merda do carro.

Eu me atirei nas notícias. A música apenas confundiu o ritmo na minha cabeça, que eu precisava. Fala, fala, fala e eu escutei metade do bate-papo interrompido sobre um tiroteio na multidão do lado de fora do campo de golfe. Sem rapto de crianças, mas um típico de ande e pare. Eu senti como se eu conhecesse os detalhes, sem sequer ouvi-los, e atualizei internamente minha crença de que as sanções devem ser mais severas para os crimes cometidos durante a hora do rush. Eu estaria lá por um tempo. Eu cantei para o revestimento de couro, deixando as notícias derivarem para longe.

Sim, embora ele esteja com medo do escuro

Eu andarei à sua direita

Eu tirei a vara e porrete

Em sua defesa

Vou levá-lo até o portão

E se ele procura o seu fim

Meu coração deve mantê-lo seguro

Eu posso andar

Sem ele

Eu posso trabalhar

Sem ele

Eu posso cantar

Metade de uma mulher

Certamente que a bondade e a misericórdia

Prevalecerá em uma cidade do pecado

Como a troca de uma vida

Batidas de batidas

Respirações para respirações

Troque o coração pelo que está em mim

Eu posso respirar

Sem ele

Eu posso ver

Sem ele

Eu posso cantar

Metade de uma mulher

Eu estava com minha testa encostada no volante quando terminei. Eu não conseguia deixar sair o resto da canção. Eu não conseguia respirar. Eu não podia ver através das minhas lágrimas. Ele não tinha muito tempo. Eu vi isso nos rostos dos médicos quando eles falavam como se suas carreiras estivessem em jogo. A inconveniência de sua morte seria épica para eles.

Enquanto isso, eu morreria com ele.

O telefone tocou. Porra. Não era como se eu estivesse em movimento. Atendi a ligação de Margie.

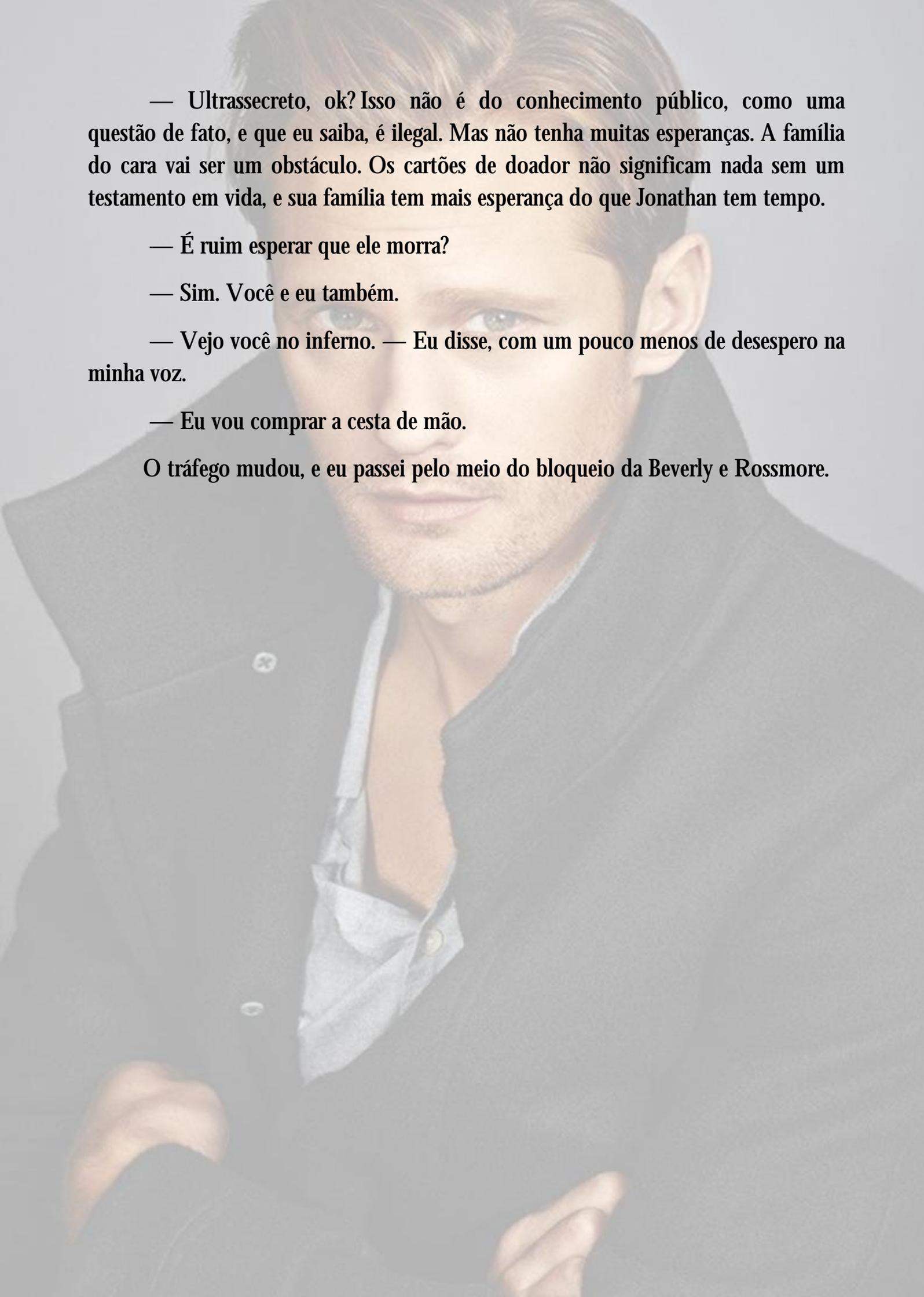
— Alô. — Eu percebi o quão imprestável e chorosa soou quando a última vogal saiu como o coaxar de um sapo.

— Você está bem?

— O amor da minha vida está morrendo, então, não.

— Bem, eu liguei por uma coisinha. Algum chefe da máfia acabou com metade de um cérebro e um coração funcionando. Estamos brigando pelo lugar na lista e eles estão verificando a compatibilidade. Mas ele tem o mesmo tipo sanguíneo.

— Oh, Deus. Sério? — Meu rosto explodiu em felicidade irritável, e as lágrimas surgiram nos meus olhos.



— Ultrassegredo, ok? Isso não é do conhecimento público, como uma questão de fato, e que eu saiba, é ilegal. Mas não tenha muitas esperanças. A família do cara vai ser um obstáculo. Os cartões de doador não significam nada sem um testamento em vida, e sua família tem mais esperança do que Jonathan tem tempo.

— É ruim esperar que ele morra?

— Sim. Você e eu também.

— Vejo você no inferno. — Eu disse, com um pouco menos de desespero na minha voz.

— Eu vou comprar a cesta de mão.

O tráfego mudou, e eu passei pelo meio do bloqueio da Beverly e Rossmore.

Capítulo Vinte e Um

Monica

— **E**u vendi a casa. Graças a Deus,

Monya. Em dinheiro. A preço de mercado.

Minha mãe tinha ligado assim que entrei no elevador com outras nove pessoas. Eu estava prestes a dizer-lhe que não tinha feito nenhum progresso, nem se eu tivesse encontrado um momento oportuno para pedir a ajuda de Margie, quando ela deixou escapar a novidade como uma criança soprando a data de uma festa surpresa.

— Isso é ótimo, mãe. — Eu sussurrei para não incomodar as três pessoas pressionadas contra mim. — Eles disseram quando estavam se mudando? — Eu estava feliz por ela. Eu realmente estava. Mas o banco teria que colocar todas as minhas coisas em um contêiner de lixo, porque eu não deixaria Jonathan tempo suficiente para fazer a mudança.

— Essa é a boa notícia! Eles estão bem com um inquilino. Tudo bem com o aluguel e tudo mais. Você tem que fazer seus cheques para uma empresa de investimentos. ODRSN Partners. O endereço é 147...

— Posso fazer isso mais tarde? Estou em um elevador. Eu vou ligar de volta.

Nós desligamos, e eu renovei algumas camadas de ansiedade. Eu devo ter pulado no quarto de Jonathan porque ele sorriu quando me viu. Os tubos de oxigênio haviam desaparecido de seu nariz. O sol brilhava através da janela. Sim, ele tinha aquela coisa que auto comprimia seu braço, e sim, ele estava naquela maldita cama de hospital, e, sim, o seu coração estava ferrado, mas ele estava em uma posição meio sentada e parecia tão feliz em me ver como eu estava em vê-lo.

— Eu não tenho que me mudar! — Eu anunciei, beijando-o.

— Bom?

— Oh, Deus, você perdeu a coisa toda! — Eu tagarelei. — Minha mãe colocou a casa em execução. Eu pensei que teria que sair rapidamente, o que é impossível - *Olá*, tenho 20 anos de coisas naquela casa - mas alguns investidores compraram.

— Ah, quem comprou?

— Merda, ela me disse. — Eu lutei com a barra de granola, até que ele tirou de mim e consegui abrir em um movimento - com um coração ruim e soro saindo dele. — É uma empresa de investimentos. Eu não posso nem mesmo dizer-lhe.

Ele quebrou um pedaço da barra e segurou-a. — Foi Ganten investimentos?

Coloquei um pedaço na minha boca. — Não, foi um monte de letras, como o DRM... Mas, cinco letras e não é isso. Eu fiz isso em uma palavra na minha cabeça, mas não consigo pensar nisso.

— Não importa, eu acho.

— Você tem que se mudar mais rápido da próxima vez se quiser uma propriedade em Echo Park. — Eu peguei outro pedaço de barra de granola de seus dedos. Eu me senti leve como uma pluma, acenando para ele, indicando que eu queria outro pedaço. — Oh meu Deus, essa coisa tem um gosto tão ruim. É, assim, fedido.

— Fedido?

— Com um toque de sujeira. — Lembrei-me então, enquanto eu mastigava, o ritmo das letras. O sabor do malte de cevada obsoletos trouxe para mim. — ODRSN. Era isso. Parecia odoríferos. ODRSN Partners.

Ele estava olhando para a barra, quebrando um pedaço do cheiro ruim, quando ele congelou. — Você disse ODRSN?

— Sim.

— Você tem certeza?

— Sim, por quê? É competição ou algo assim?

Ele colocou a barra na mesa do lado, em seguida, fechou os olhos e respirou fundo. Não foi profundo de qualquer maneira. Ele respirou como se ele não tivesse espaço para o ar em seus pulmões.

Peguei suas mãos. — Jonathan? Devo chamar alguém?

Ele balançou a cabeça, mas não acreditei nele. Eu acreditava nas máquinas, que estavam em silêncio. Mas por quanto tempo? Ele estava lutando, se não com a respiração ou seu coração, então com sua mente.

— Eu preciso que você se case comigo. — Disse ele.

— O quê?

— Case-se comigo.

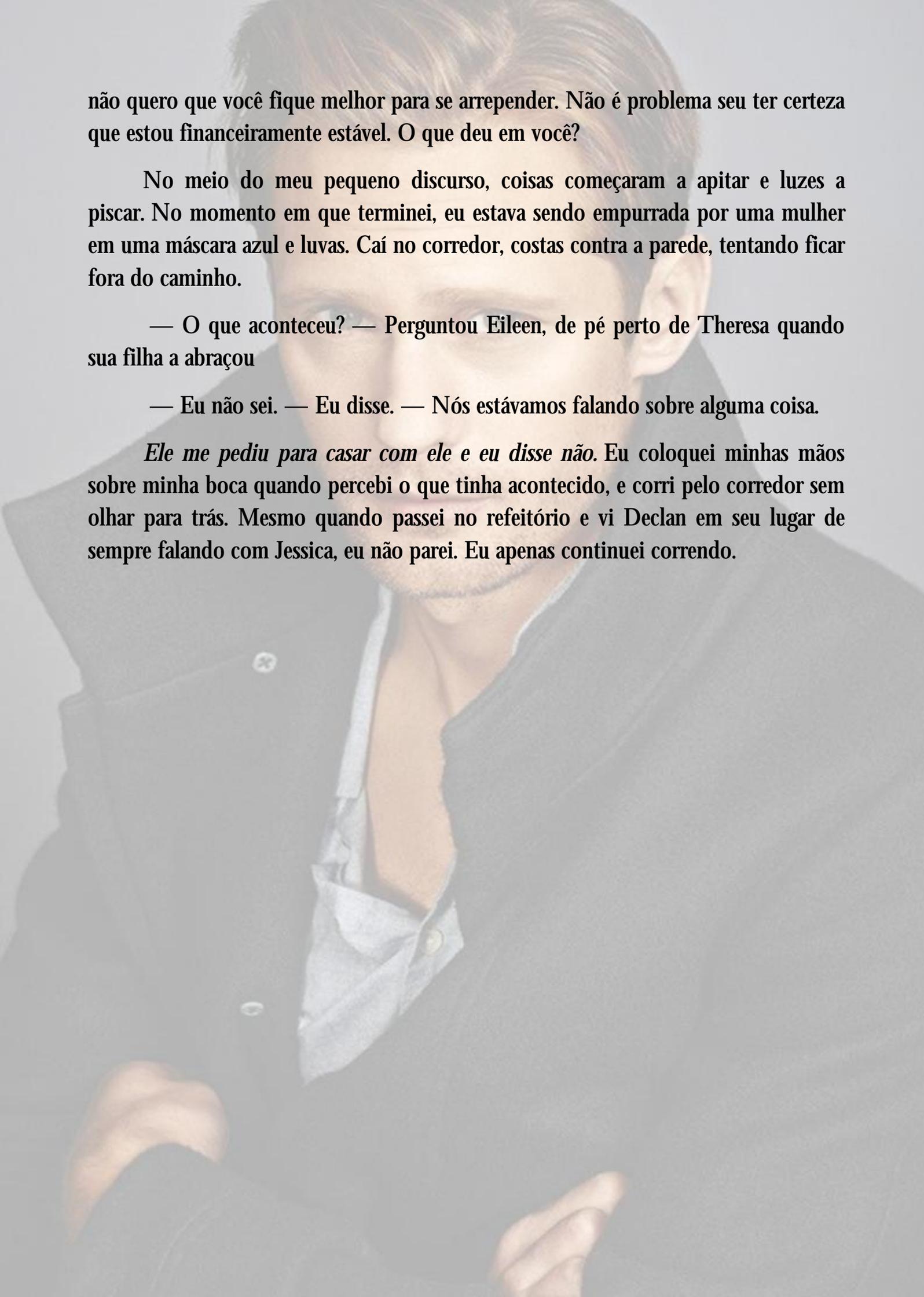
— Você está louco?

— Se alguma coisa me acontecer, quero ter certeza de que você está amparada. — Disse ele.

— Eu me recuso a acreditar que você vai morrer. Meu Deus, nós estaremos juntos daqui uns meses.

— São circunstâncias atenuantes. Eu poderia deixá-la em um sopro do vento.

— Não. — Eu balancei a cabeça como se estivesse tentando conseguir um vento para fazer o meu cabelo voar. — Isso é loucura. Isto não é como eu quero. Eu



não quero que você fique melhor para se arrepender. Não é problema seu ter certeza que estou financeiramente estável. O que deu em você?

No meio do meu pequeno discurso, coisas começaram a apitar e luzes a piscar. No momento em que terminei, eu estava sendo empurrada por uma mulher em uma máscara azul e luvas. Caí no corredor, costas contra a parede, tentando ficar fora do caminho.

— O que aconteceu? — Perguntou Eileen, de pé perto de Theresa quando sua filha a abraçou

— Eu não sei. — Eu disse. — Nós estávamos falando sobre alguma coisa.

Ele me pediu para casar com ele e eu disse não. Eu coloquei minhas mãos sobre minha boca quando percebi o que tinha acontecido, e corri pelo corredor sem olhar para trás. Mesmo quando passei no refeitório e vi Declan em seu lugar de sempre falando com Jessica, eu não parei. Eu apenas continuei correndo.

Capítulo Vinte e Dois

Jonathan

Isso foi mal.

Eu não tinha a intenção de pedir a mão dela, mas então ela disse o nome da empresa de investimento do meu pai. Ele tinha comprado a casa dela para salvá-la quando eu não podia ou não queria. Qualquer que fosse. Eu simplesmente *não fiz*, e a razão era pela qual eu não sabia que ela estava naquele tipo de problema. Eu só podia saber e ver o que ela trazia para mim. Se ela escolheu isso para me proteger, eu fiquei impotente para protegê-la. Eu estava preso dentro de quatro paredes com as coisas saindo de mim, amarrado a uma cama, tanto quanto eu a tinha amarrado.

No momento em que a confusão se dissipou, ela tinha ido embora, e eu não conseguia explicar. Eu não queria falar ao telefone. Eu não poderia, na verdade. Meu corpo me traiu com exaustão, respirações longas, e perdi a consciência. Eu precisava estar em seu campo de visão para ver o que eu estava cansado demais para intuir. Ela precisava experimentar os longos espaços entre as frases que pareceriam como raiva ou petulante silêncio no telefone, mas eu estaria apenas tentando respirar no meu maldito coração danificado.

Eu a amava. Eu a queria. Ela me fazia sentir de uma maneira que nenhuma outra mulher conseguiu. Claro que eu casaria com ela um dia, quando eu estivesse fora dessa caixa de merda e desamarrado da cama. Depois de mais jantares e noites. Depois de mais limite ultrapassado e brigas. Mais toques, beijos e risos.

Só não agora.

Só que tinha que ser agora. Senti-me fracassar. Meus mergulhos na inconsciência veio mais como uma advertência. O esforço de existir era tal tarefa, que eu não poderia imaginar sobreviver. Eu estava com medo? Porra, sim, eu estava apavorado. A única coisa que mantinha isso à distância era o pensamento que eu poderia deixar sua vida melhor do que era, que eu poderia salvá-la de sua miséria crônica, mantê-la a salvo das manipulações de homens como meu pai. Se eu pudesse morrer sabendo que a tinha salvo, talvez eu teria servido ao meu propósito. Não era como se meu dinheiro tivesse qualquer utilidade para levar, de qualquer maneira.

Theresa se sentou na cadeira que Monica geralmente ocupava, inclinando-se com os dedos entrelaçados. Eu queria explicar tudo para ela, mas não tinha meios para fazer isso direito. Eu tive que explicar o meu medo, a minha necessidade de saber que Monica estivesse bem, para manter uma fatia de controle. Eu dei-lhe a versão mais curta que eu tinha.

— Eu não a culpo por dizer não. — Disse ela. — Você precisa melhorar antes.

— E se eu não conseguir melhorar?

— Ela vai ser viúva.

Aos vinte e cinco anos. Quando era seu aniversário? Ela me disse que era de câncer, mas se ela me disse que a data exata, eu não lembrava. Percebi que nunca tínhamos comemorado um aniversário juntos, nem meu ou dela. Eu queria levá-la em algo extravagante seis meses antes, para compensar o tempo que nunca teríamos. E o Natal, é claro.

— Que dia é hoje? — Eu perguntei Theresa.

— Dezenove.

— Feliz Natal.

— O que você quer debaixo da árvore? Além de um “sim”?

— Eu quero *ela*. — Eu sussurrei. — Eu pedi pelas razões erradas, mas eu a quero.

Ela colocou os cotovelos na cama e sua mão no meu ombro. — Faça isso pelas razões certas. Não faça isso, porque é conveniente. Não faça isso porque você está com medo. Case-se com ela porque a ama e não quer viver sem ela. Você pode fazer isso? Você pode me prometer que não a está forçando? Isso iria quebrar meu coração, ver você propor porque quis dar a si mesmo uma razão para viver.

Eu raramente vi Theresa tão apaixonada. Ela era mais como Jessica em seu requinte e graça do que qualquer uma das minhas irmãs. Ela parecia quebrada naquele dia, um pouco abalada e segurando-se firme com arame.

— O que há de errado, Tee?

— Eu não acho que o amor deve ser aceito como algo adquirido, e não acho que você deve fazer de uma forma para menor resistência.

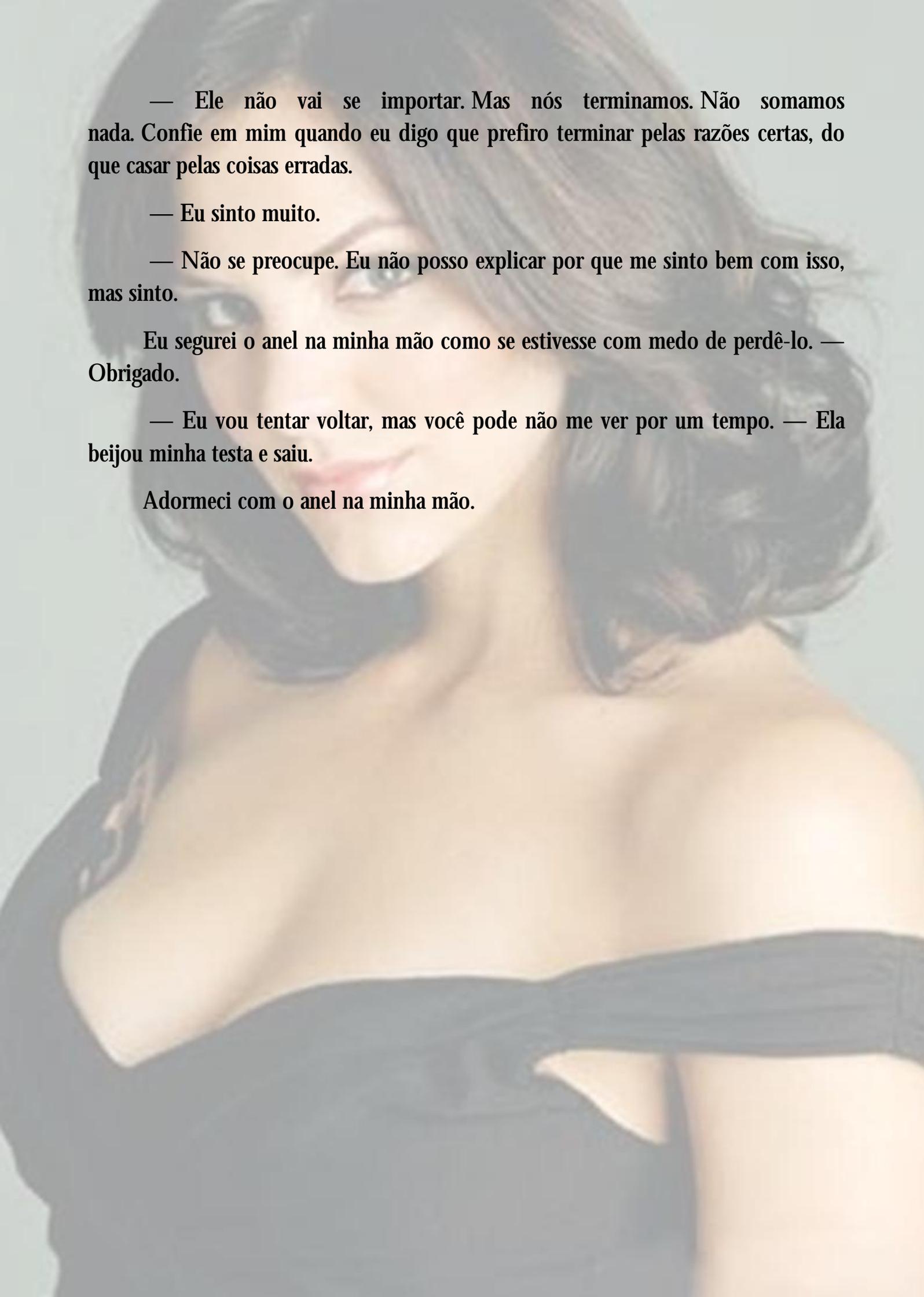
— Isto não é...

— Você pode dizer honestamente que, se você estivesse saudável, você se casaria com ela?

— Sim. Mas teríamos um compromisso adequado. — Eu pensei sobre tudo que Jessica e eu tivemos, e eu queria dar isso a Monica, mas não consegui. Uma festa, um anel, um casamento. Eu queria vê-la sorrindo quando caminhasse pelo corredor em direção a mim, pela última vez antes de nós entrelaçarmos nossas vidas para sempre.

Theresa pressionou algo na minha palma. Era duro, arranhava e de forma estranha. — Devolva-me quando você puder comprar o seu.

Eu levantei minha mão. Era o seu anel de noivado, uma safira de corte de dois quilates que era totalmente Theresa e totalmente errado para Monica. — Daniel não vai ficar feliz.



— Ele não vai se importar. Mas nós terminamos. Não somamos nada. Confie em mim quando eu digo que prefiro terminar pelas razões certas, do que casar pelas coisas erradas.

— Eu sinto muito.

— Não se preocupe. Eu não posso explicar por que me sinto bem com isso, mas sinto.

Eu segurei o anel na minha mão como se estivesse com medo de perdê-lo. — Obrigado.

— Eu vou tentar voltar, mas você pode não me ver por um tempo. — Ela beijou minha testa e saiu.

Adormeci com o anel na minha mão.

Capítulo vinte e Três

Monica

Jonathan estava fora de seu quarto. Mais exames, mais preparação. Mais merda empilhada em cima de merda. Checklists de cem mil para se certificar de que ele era digno de qualquer coração. Minha mãe me mandou uma mensagem com o endereço para enviar o cheque do aluguel, e uma rápida busca na Internet revelou J. Declan Drazen era proprietário do ODRSN Partners. A raiva e a gratidão rodaram juntas dentro de mim como um bolo mármore.

Dr. Thorensen estava em seu escritório olhando para quatro telas de computador. — Monica, entre. — Ele ficou de pé. — Feche a porta.

— Obrigada. Eu recebi sua mensagem de texto, mas eu estava dirigindo.

— Sente-se. — Ele ficou na frente de um pequeno balcão com uma pia e jogou água em um pote, deixando suas telas abandonadas.

— Você está jogando *City of Dis*, não é? Onde você encontra tempo?

— Este trabalho não dispõe de tempo para uma vida social deslumbrante, assim para isso os jogos de vídeo servem. Tenho UNOS em uma tela bem aqui. — Como se respondendo ao que deve ter sido o meu olhar perplexo, continuou ele. — A lista de transplante.

— Ah. Ouvi alguém falando... — Eu não sabia se deveria continuar. Era certamente informações privilegiadas, mas uma vez que comecei a falar, mal podia parar. — Ele está com morte cerebral, foi o que ouvi. Eu não quero ser assustadora, mas...

— Eu acho que vai ser um não definitivo.

— Você está me dizendo mais ou Jonathan receberá o coração?

— Sim.

Olhei para o meu colo. O SMS de Margie tinha me dado esperança suficiente para chegar até a porta. Quando isso me abandonou, nada substituiu. Estávamos de volta onde estava naquela manhã, só que eu estava um dia mais perto do fim.

— Como você está se sentindo? — Perguntou Brad.

Eu dei de ombros. — Eu acho que estou bem.

— Você nunca está em casa.

— Doutor, a minha presença em casa não é da sua alçada.

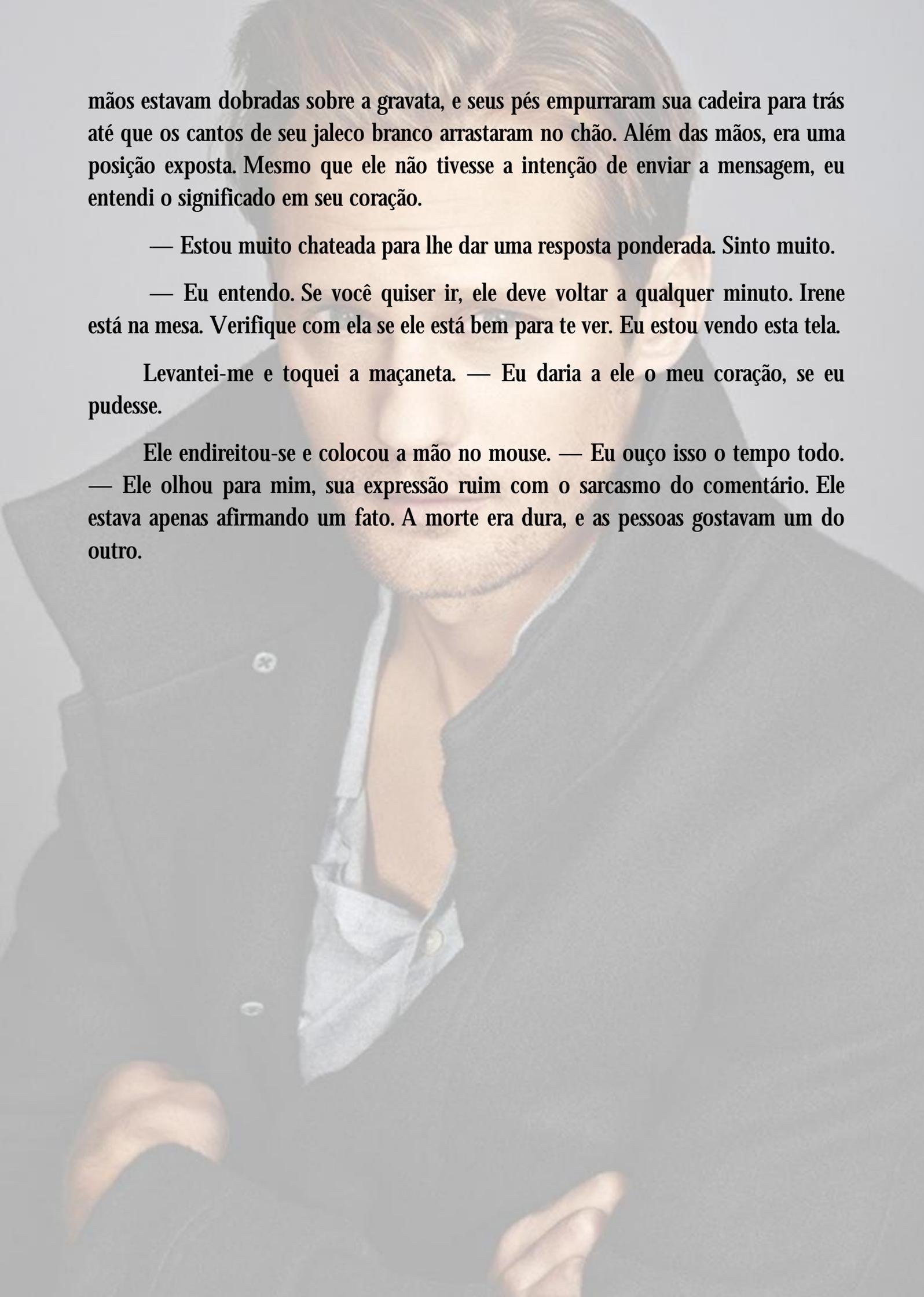
— Eu não estou perguntando como médico. Eu estou perguntando como seu amigo. Como você está fazendo?

— Tudo bem. Eu sinto que estou esperando por ele morrer ou ser salvo, de modo que os eventos regulares da minha vida não são tão interessantes no momento.

Ele recostou-se na cadeira, com os olhos brilhando à luz das telas. — Eu tenho vivido ao seu lado por alguns anos.

— Três, eu acho.

— Eu gostaria de ter ido à sua porta com algo além das folhas que caíram no meu carro ou a nova cerca. Eu deveria tê-la conhecido melhor, mais cedo. — Suas



mãos estavam dobradas sobre a gravata, e seus pés empurraram sua cadeira para trás até que os cantos de seu jaleco branco arrastaram no chão. Além das mãos, era uma posição exposta. Mesmo que ele não tivesse a intenção de enviar a mensagem, eu entendi o significado em seu coração.

— Estou muito chateada para lhe dar uma resposta ponderada. Sinto muito.

— Eu entendo. Se você quiser ir, ele deve voltar a qualquer minuto. Irene está na mesa. Verifique com ela se ele está bem para te ver. Eu estou vendo esta tela.

Levantei-me e toquei a maçaneta. — Eu daria a ele o meu coração, se eu pudesse.

Ele endireitou-se e colocou a mão no mouse. — Eu ouço isso o tempo todo. — Ele olhou para mim, sua expressão ruim com o sarcasmo do comentário. Ele estava apenas afirmando um fato. A morte era dura, e as pessoas gostavam um do outro.

Capítulo Vinte e Quatro

Monica

Polícia circulava pelos corredores com rádios gritando, cintos carregados de couro preto carregados como geometria, balançando os quadris com o peso dos instrumentos. Debrucei-me sobre a mesa da enfermeira, olhando o jornal russo de Irene.

— Oi. — Eu disse. — Por que todos esses policiais?

Ela acenou com a mão e balançou a cabeça. — Segurança. Você se sente segura? Sinto-me segura. Como no meio da rua.

— Eu vou entrar — Eu me afastei.

— Não, você não vai. — Ela pegou o telefone e bateu em um dos botões na parte inferior do teclado. — Espere. — A pessoa do outro lado deve ter respondido porque ela murmurou algo em russo, escutou, e desligou. — Venha comigo.

Ela se arrastou de trás da mesa e foi para o quarto de Jonathan. Eu não sei por que eu precisava dela para me guiar. Meu mundo girava ao redor do quarto, ida e volta. A porta estava fechada. Ela bateu na porta. A profunda voz poderosa, que não poderia ser de Jonathan fez algum tipo de ruído afirmativo. Irene abriu a porta.

Uma lâmpada estava acesa, um ambiente aconchegante que eu não tinha visto antes. O quarto cheirava bem, como o ar salgado do mar e água cristalina. Eu encontrei uma vela azul queimando no parapeito da janela que deveria ser a origem do cheiro. Um grande homem calvo estava perto da porta - um dos atendentes regulares que não falava muito. Seu crachá, marcava Gregory. Irene balbuciou alguma coisa, e ele balbuciou de volta na mesma língua. Ele saiu do caminho.

Jonathan se sentou na beirada da cama. Eu não tinha visto ele realmente sentar-se desde o Conselho de Colecionador, e eu devo ter engasgado um pouco. Ele usava um paletó sobre o vestido de hospital. Ele também estava com calças e sapatos. Tubos preso fora de suas mangas, e o esforço que levou para se sentar era visível uma vez que superei o choque inicial.

— Jonathan. — Eu disse. — Eu...

— Você se sente. — Gregory interrompeu, apontando para uma cadeira antiga vermelha na frente de Jonathan que eu reconheci sendo do seu quarto. Eu descrevi aquela cadeira e seu lugar sob um candeeiro, uma noite, quando pensei que eu o teria de volta. Olhei de Gregory para Irene, e, em seguida, ao meu amante, que esperava pacientemente.

Eu sentei. — Que história é essa?

Ninguém respondeu. Gregory e Irene estavam ao lado de Jonathan, de frente para mim.

— Você está pronto, senhor Drazen? — Irene perguntou.

— Por um bom tempo agora.

Eles fizeram algo que me fez prender a respiração e agarraram os braços da cadeira. Eles colocaram as mãos sob os braços de Jonathan e ele deslizou para fora da cama, e baixou-o para o chão.

— O que... — Quando eles o soltaram, eu estava atordoada demais para terminar a frase. Ele se ajoelhou na minha frente. Ouvei sua respiração difícil, o barulho do suporte do soro, e olhei para Irene e Gregory. — O que você está fazendo? Isso é loucura.

Eu fui ignorada. Gregory disse algo a Jonathan em russo, e ele respondeu na mesma língua, juntamente com um aceno de mão que indicava. — Eu tenho isso.

Jonathan, com grande esforço, levantou um joelho até que ele estava em apenas um e olhou para mim. — Eu vou apoiar em você um pouco.

— Certeza? — Ele colocou um braço sobre meu joelho e enfiou a mão no bolso do casaco, puxando uma pequena caixa preta. — Oh, Jonathan...

Ele abriu a caixa e entregou-a a mim. Ali tinha um diamante ridiculamente enorme de corte quadrado. — Agradeça Theresa se você vê-la. Eu vou conseguir um que combine com você depois que terminarmos isso.

— Você não tem que fazer isso. — Eu disse.

— Shh. Comporte-se, certo? Pela primeira vez?

Eu pressionei meus lábios para não rir. Um lado de sua boca se curvou em um sorriso, e então ele riu com cautela. Eu queria beijá-lo profundamente e por um longo tempo. Eu queria que ele respirasse em mim, mas eu sabia que ele não tinha o fôlego sobrando. Eu me conformei com uma fração do beijo que eu queria e apenas toquei meus lábios contra os dele. As partes mais suaves dos nossos rostos misturados por um segundo, metade de um suspiro, uma provocação do desejo.

— Deusa. — Disse ele, sua respiração na minha boca. — Aceite-me, por favor. Eu estava errado. Você não é o mar sob o meu céu. Você é o sol que gira ao redor, as estrelas que me marcam, a lua que sobe através de mim. Estou perdido sem você. Se você não vai me aceitar, eu vou quebrar, eu juro por Deus. Eu sei que é egoísta, e eu sinto muito. Deixe-me servi-la. Me tenha como seu. Deixe-me viver sob você.

Segurei o rosto dele, correndo os dedos sobre a barba, o queixo na palma da minha mão. Senti que ele inclinava para mim, como se isso tivesse tirado tudo dele. O que eu poderia dizer? O que eu poderia dizer em ser amada, o suficiente, para que ele fizesse um esforço monumental? Eu nunca, em minhas imaginações, achei que eu merecia esse nível de devoção depois de tê-lo rejeitado a primeira vez?

Depois que eu o tinha abandonado, amaldiçoado e recusado? Depois de mentir para ele, drogando-o, desobedecendo-o, usando-o, eu poderia justificar



deixando-o cometer tal erro, mesmo se fosse o seu último erro? Eu era ambiciosa, venal, antagônica, pobre, e arrogante. Eu era indigna e superei as circunstâncias que levariam um homem a implorar para ficar vinculado a uma mulher.

Então, eu disse que a única coisa poderia.

— Sim.

Capítulo Vinte e Cinco

Jonathan

Seu cabelo caiu sobre nossas mãos, que estavam enroladas em volta de uma caixa onde encontrava o anel da minha irmã. Minhas mãos tremiam enquanto tirei o anel. Minhas costelas doíam como se estivesse sendo esticadas por um balão em constante expansão. Com o tubo para fora do meu peito, foi se enchendo de sangue, gota a gota. Eu tinha certeza de que o sentimento de expansão foi era minha imaginação, mas o medo tornava difícil colocar a coisa extravagante em seu dedo. O tamanho estava certo, mas a pedra estava errada. Tudo errado. Eu queria algo mais para ela, algo mais original, um anel que só poderia pertencer a uma deusa.

— Eu não vou decepcioná-la. — Eu disse.

— Eu não estou preocupada com você ser a decepção.

A voz de Irene interrompeu. — Declaro-o noivo. Hora de ir. — Ela colocou a mão no meu ombro.

— Eu quero dizer que o que você fez comigo essa noite, que concordei em me casar com você. — Monica sussurrou.

— Eles têm que me colocar de volta. Eu não quero que você veja isso.

— Jonathan, por favor...

— Hora de ir. — Disse Irene com mais firmeza.

— Vá. — Eu disse para minha noiva. — Por favor. Volte em uma hora. Então você pode me falar sobre a nossa noite de núpcias.

Sua cabeça se inclinou um pouco, e seus olhos se arregalaram. Sim, foi rápido, mas não era esse o ponto? Ela me beijou um pouco mais que um segundo. Quando acabou, eu estava fazendo careta. Ela deveria saber que não era com ela, porque levantou-se e saiu sem olhar para trás. Boa mulher.

Eu me submeti a Irene e Gregory, que tinham quebrado uma centena de regras ou mais para me dar cinco minutos para pedir corretamente a mão de Monica. Regras eram boas. Elas estavam lá por uma razão. Eu não poderia lidar com cinco minutos de joelhos. Eu senti como se eu tivesse acabado de correr uma maratona que terminou em um beco escuro onde fui espancado com bastões de beisebol e cortado em pequenos pedaços com uma faca serrilhada. Ou algo que me deixou muito fraco, muito machucado, muito fora de mim para comandar o meu próprio corpo.

Eles tiraram minhas roupas, então re inseriram, realinharam, e recalibraram os dispositivos conectados a mim. Eles aceitaram a minha gratidão pelo tempo que tive em expressar-lhes, que para mim era uma eternidade, mas, provavelmente, cerca de cinco minutos no mundo real. Então, caí do penhasco de consciência. Pode ter sido por causa das drogas ou apenas o meu corpo falhando como acontecia algumas vezes por dia. Mesmo assim, eu não tinha a energia para sentir raiva, embora houvesse um cordão disso na minha coluna. Principalmente, senti medo. Eu era responsável por ela agora. Embora o desconhecido era ruim o suficiente para enfrentar sozinho, no escuro e despreparado, me senti como se eu tivesse algo para viver amanhã.

Capítulo Vinte e Seis

Monica

Agachei-me na escada. Já era

tarde. Jonathan não podia me ver por uma hora depois que me deu o anel, nem a hora depois disso. Sheila tinha ido e vindo, os lábios apertados em uma linha com raiva. Eileen me ligou para ver se eu estava lá, e se eu estivesse, se ele estava lúcido o suficiente para ver alguém. Eu não lhe disse que tínhamos ficado noivos. Eu pensei que se Jonathan quisesse sua família envolvida, eles teriam se envolvido.

Liguei para Darren. — Você tem alguma coisa azul?

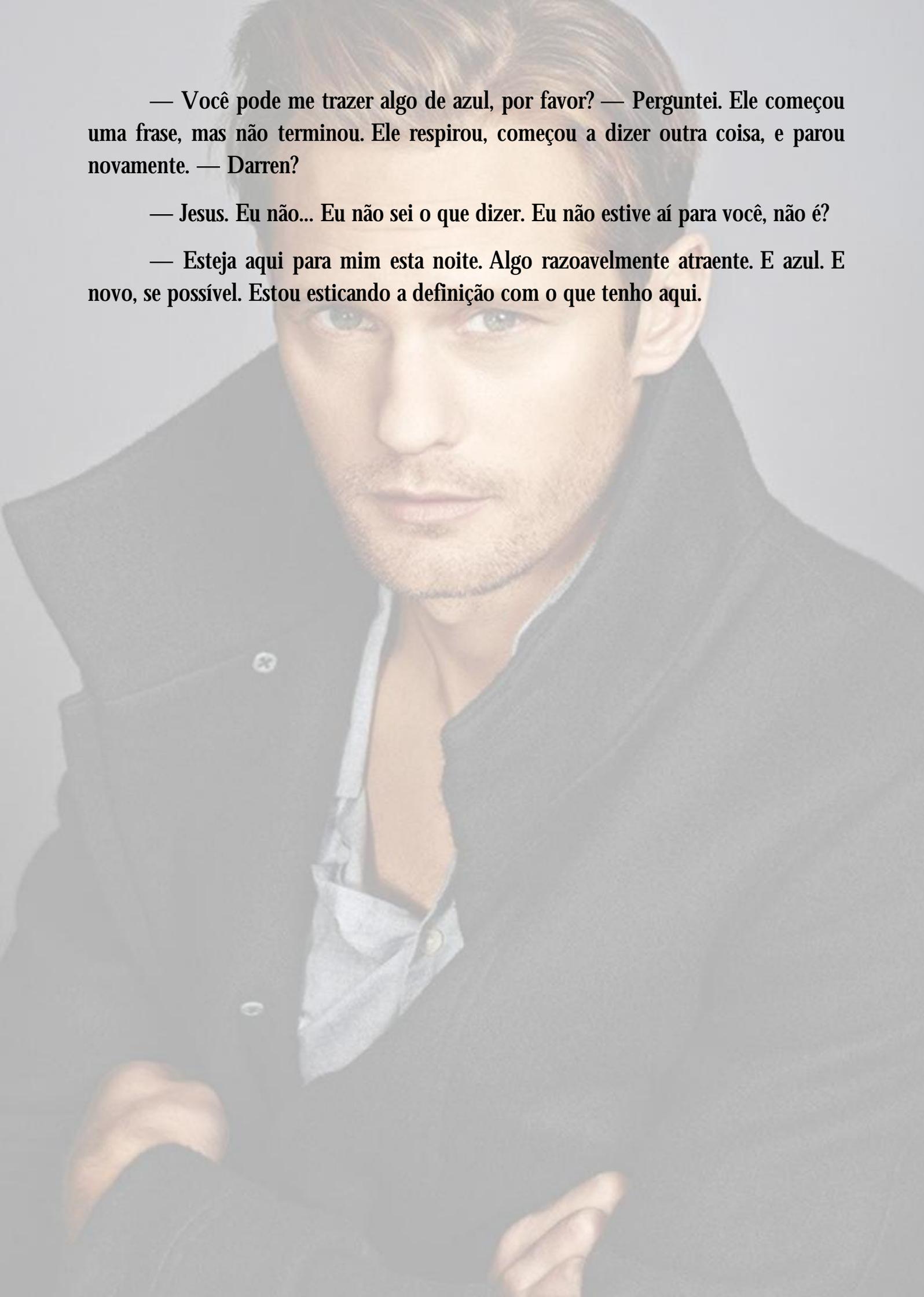
— Tecnicamente, sim. — Ele saiu do estúdio para terminar a frase, e eu ouvi a chuva e o tráfego atrás dele.

— Alguma coisa bonita e azul?

— Ok, que porra é essa?

— Eu vou me casar, e tenho esse anel que é emprestado e este aro que tem, tipo, cem anos de idade.

— O quê?



— Você pode me trazer algo de azul, por favor? — Perguntei. Ele começou uma frase, mas não terminou. Ele respirou, começou a dizer outra coisa, e parou novamente. — Darren?

— Jesus. Eu não... Eu não sei o que dizer. Eu não estive aí para você, não é?

— Esteja aqui para mim esta noite. Algo razoavelmente atraente. E azul. E novo, se possível. Estou esticando a definição com o que tenho aqui.

Capítulo Vinte e Sete

Monica

Darren chegou apenas quando Irene estava

me dizendo para fazer alguma coisa com o meu cabelo, em seguida, ele entrou e me entregou um saco de CVS com quatro grampos de cabelo azuis.

— Obrigada. — Eu disse. Ele me agarrou e me abraçou. Foi o único abraço verdadeiro que eu tinha conseguido durante toda a semana. Era quente, perfeito e sem expectativa ou promessa. Eu escolhi um pequeno grampo de cabelo strass da cor do céu de outono e deixei Darren colocá-lo. — Você é a dama de honra e padrinho.

— Eu não vou fazer um brinde.

— Ele não terá energia. Ele mal tinha isso para me pedir para casar com ele em primeiro lugar. — Andamos pelo corredor.

— Eu gostaria que você me dissesse... me pedisse alguma coisa. — Disse ele.

— Você nunca pega. Eu sinto que estou incomodando.

Ele deu de ombros, e se virou para o quarto de Jonathan. Estava iluminado apenas pela luz de leitura sobre sua cama. Senti Darren endurecer. Jonathan estava sentado no meio, mas acamado e pálido, ligado a máquinas e bolsas de soro e de sangue. A última vez que tinham visto um ao outro, Jonathan era vigoroso e Darren estava ameaçando enviar convites de casamento, se tivéssemos outro rompimento.

— Oi. — Disse Darren. Jonathan levantou a mão em saudação. — Você está ruim como a porra de um inferno, cara.

— Darren. — Eu chorei.

— E eu ainda posso conseguir uma esposa muito atraente. — Disse Jonathan.

— Problemático ser você. — Disse Darren.

As pessoas vieram atrás de mim. Eu não as via, só vi Jonathan. Eu beijei seus lábios pela última vez como sua amante e me virei. Irene e Gregory estavam ao pé da cama. No meu lado oposto da cama, na cadeira que normalmente eu ocupada, estava uma mulher baixa em óculos de tartaruga e colarinho clerical. Ela era alguns anos mais velha que eu e tinha um tufo de cabelos encaracolados mantido no lugar com um clipe vintage. Darren estava atrás dela.

— Oi. — Ela disse alegremente.

— Oi. — Jonathan e eu respondemos. Eu me endireitei e segurei sua mão. Estava fria.

— Meu nome é Sona, e deixe-me dizer-lhe, este não é o tipo de chamado que eu costumo atender quando eu faço a capelania hospitalar. Eu tive que procurar pelo livro de orações certo. Mas ocasiões felizes valem a pena. Então, o que temos? Ambos católicos, ouvi falar?

— Tipo isso. — Eu disse.

— Ouvi dizer que o noivo tem uma família grande? Eles não estão aqui?

— Eu vou contar a eles amanhã. — Disse Jonathan. O meu suspiro de alívio deve ter sido audível, porque ele apertou minha mão.

— Sona. — Eu disse. — Jonathan não aguentar alguma coisa longa e complicada, se estiver tudo bem. Eu não quero ser desrespeitosa.

— Não. — Ela sorriu com dentes grandes, brancos. — Você tem as alianças?

— Merda. — Eu não tenho. Olhei para Darren. Ele deu de ombros, segurando as mãos.

— Podemos nos contentar com outra coisa? — Ela perguntou. — As pessoas gostam de anéis.

— Sim! Eu tenho. — Eu vasculhei minha bolsa e peguei minhas chaves. Carro. Casa. Portão da frente. Armário do trabalho. Eu as soltei.

— Deusa inteligente. — Disse ele. — Devo aos seus dedos algumas joias.

Meus olhos doeram novamente. As chances dele reembolsar essa dívida ficavam menores a cada dia. Eu me concentrei tanto quanto possível em soltar as chaves no fundo da minha bolsa.

— Vamos preencher alguns papéis enquanto Monica faz isso, ok? — Sona sorriu de novo, extraindo um pouco da prancheta de um estojo de couro. Ela perguntou nossos nomes completos, datas de nascimento, endereços, e nos mandou assinar nas linhas pontilhadas, enquanto eu destorcia tantas argolas de pratas que pudesse. Darren mostrou sua ID e soltou uma piada que ele era licenciado para testemunhar casamentos. No momento em que isso terminou, eu tinha liberado duas argolas de prata de chaves pequenos. Eu ajustei uma para a mão de Jonathan e encontrei outra para mim. Apertei-o em sua mão.

— Tudo bem. — Disse Sona, de pé. Ela estava entusiasmada e leve como se o nosso casamento não era a situação mais deprimente da vida. — Noivo vai primeiro. Você está pronto?

— Sim. — Ele disse e me puxou em direção a ele.

— Você pode repetir depois de mim? — Ela perguntou.

— Eu consigo fazer isso. — Ele estava falando para Sona, mas olhando para mim. Seus grandes e cansados olhos verdes eram sérios, comprometidos. Eu pedia a

Deus que ele vivesse, mesmo que isso significava que vivesse para se arrepender. — Eu, Jonathan Drazen, aceito, Monica Faulkner, como minha legítima esposa. — Ele fez uma pausa.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — Perguntei. — Você pode desistir. Eu ainda vou te amar.

— Shh. Comporte-se. — Ele sorriu para mim e respirou fundo. — Mão esquerda, deusa.

Segurei-o, e ele continuou quando colocou a argola de chave no meu dedo. — Para amar e respeitar, no melhor e no pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar, valorizar, honrar e adorar todos os dias da minha vida.

— Excelente! — Disse Sona. — Monica? Você quer fazer a mesma coisa? Ou você deseja repetir depois de mim?

Eu não queria repetir nada. Eu queria derramar minhas tripas nos lençóis. Eu queria tirar meu coração e colocá-lo em seu peito. Se alguma vez havia algum momento para dar sem querer nada em troca, não era agora.

— Jonathan Drazen. — eu disse, apertando a mão dele. — Você é um bastardo manipulador, mentiroso descarado e um sadista. Você me deixou de joelhos. Você me dominou. Você me disse o que sou e, em seguida, desafiou-me a ser isso. Se você me deixou forte o suficiente para enfrentar o mundo, deixe-me ficar ao seu lado. Se concluiu que sou essa mulher, deixe-me ser essa mulher em sua honra. Cada parte do meu corpo é dedicada a você. Cada nota que canto. Cada respiração em meus pulmões. Meu prazer e dor. Aceite-me. Deixe-me servi-lo. Deixe-me ser sua.

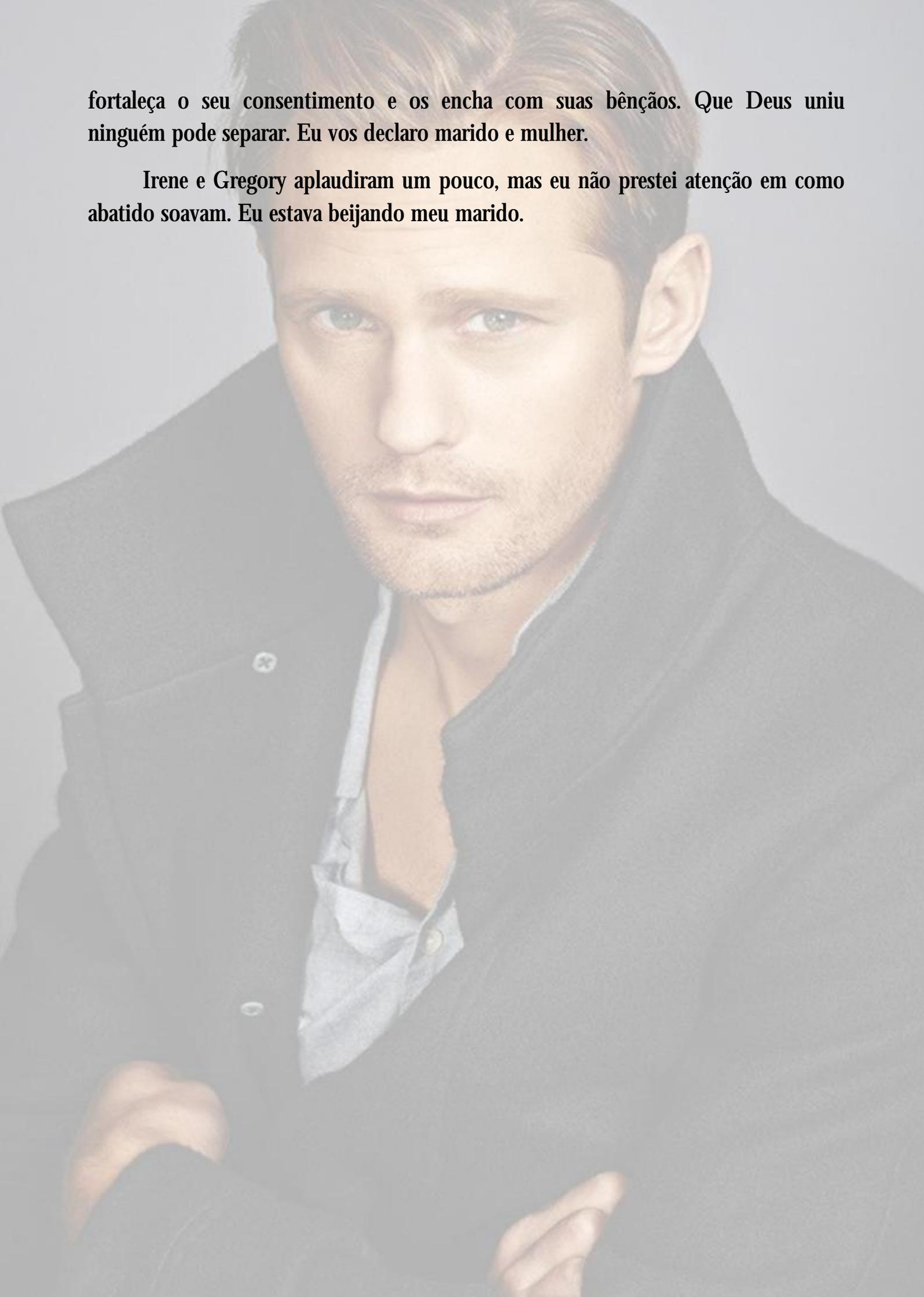
Ele colocou a mão no rosto. Eu ia beijá-lo antes de ser dito, porque parecia que estava demorando muito para Sona dizer. Quando olhei de Jonathan para ela, ela estava segurando o telefone.

— Desculpe. — Disse ela, guardando-o, seu bom humor desaparecendo. — Tenho que ir fazer um 'Last Rites'⁸. — Ela limpou a garganta e ergueu a mão. — O Senhor declarou o seu consentimento antes da Igreja. Que o Senhor na sua bondade

⁸ Última orações e ministrações dadas a muitos católicos quando possível, pouco antes da morte.

fortaleça o seu consentimento e os encha com suas bênçãos. Que Deus uniu ninguém pode separar. Eu vos declaro marido e mulher.

Irene e Gregory aplaudiram um pouco, mas eu não prestei atenção em como abatido soavam. Eu estava beijando meu marido.



Capítulo Vinte e Oito

Monica

Sona e o pessoal tinham saído. Darren

abraçou e me parabenizou. Ele bateu as mãos com Jonathan, prometendo-lhe uma noite selvagem de cerveja e barhopping em Silver Lake. Ele me beijou na bochecha e saiu, prometendo que ligaria.

Irene me avisou, ignorando Jonathan, que nada deveria ser feito por trás da porta fechada, que poderia aumentar a frequência cardíaca. Apenas no caso de eu não saber, que ele estaria sendo monitorado do posto de enfermagem, então era “sem diversão”.

Nós rimos quando a porta se fechou. Eu queria deitar em cima dele, pressionar as minhas coxas nas suas, e dobrar minha cabeça na curva do pescoço dele, mas isso era impossível. Sentei-me na cadeira ao lado e beijei sua bochecha.

— Você se arrepende? — Eu disse.

— Eu me sinto aliviado.

— Eu estou contente.

Ele disse. — Eu gostaria de poder dar-lhe uma noite de núpcias. Jogá-lo por cima do meu ombro, vestido e tudo, e levá-la na porta. Sem nem termos que subir as escadas.

Eu fiz um ronronar satisfeito. — Eu posso apenas imaginar. Qual casa?

— Nossa casa.

— Existe uma varanda?

— Mais do que uma. Eu vou ter você em todas elas, regularmente. Café da manhã na parte de trás. Almoço na lateral. Depois do jantar, vamos beber vinho na varanda da frente, e eu vou fazer amor com você no ar da noite.

— Ainda posso chamá-lo de senhor?

— Espero nada menos que isso.

— Obrigada, senhor. — Beijei sua mão, deixando meus lábios permanecerem em sua pele.

— Aqui estamos nós. — Disse ele. — Casados, e nós nunca conversamos sobre crianças.

— Podemos fingir, teríamos quantas então?

— Quatro. — Disse ele com um leve sorriso.

— Não seja ganancioso.

— Três. Podemos combinar em três?

Eu deveria ter concordado com dez filhos, porque não seria exatamente nenhum. Não haveria nenhuma casa, nenhuma varanda, nenhuma família.

— Posso admitir uma coisa para você, minha linda esposa?

— Sim.

— Eu estou com medo.

Eu apertei a mão dele e coloquei minha cabeça ao seu lado. Foi quando o bip da máquina foi substituído com um alto, constante lamentação.

Capítulo Vinte e Nove

Monica

Eu estava na sala olhando para a porta.

Eles fizeram Reanimação cardiorrespiratória. Trocaram o tubo. Injetaram mais drogas nele. Asseguraram-me que não havia um coração livre compatível com seu tipo sanguíneo em nenhum lugar, somente no peito Paulie Patalano.

De que diabos éramos feitos? Tripas e cortes nobres para sermos embrulhado e trocados quando necessário. Eu me sentia mal. A torção no meu instinto me dizia para correr para o banheiro e curvar-me sobre o vaso sanitário, mas nada surgiu porque eu apenas não tinha comido. Deus sabe quanto tempo. Quando voltei, em pânico, ele estava vivo, estável e inconsciente.

Todas as coisas erradas pareciam definitivas e seguras. Eu sabia que ele me amava. Eu sabia que ele era certo na minha vida. Mas a vida que se encaixava tão perfeitamente na minha acabaria em breve. Amanhã. No dia seguinte. Não importava. Muito em breve. A casa do nosso amor cairia sob uma base rachada.

Eu encontrei-me fora do escritório do Dr. Thorensen. Ele tem respostas, ou pelo menos diferentes perguntas. — Você está aqui. — Eu disse.

Ele estava no escuro de novo, cortinas fechadas, telas piscando. — Entre. Quer jogar?

— Eu não posso acreditar que você se safa dessa.

— Estou esperando para ouvir alguma coisa.

— Jonathan?

— Sente-se.

— Há um coração em algum lugar?

Ele suspirou. — Eu o coloquei na lista de emergência. Tenho certeza que ele passara para essa lista dentro de uma hora, mas não quero sair até eu ver isso. Vamos. Sente-se. Seu avatar está na nuvem. Podemos começar desde o princípio. — Eu hesitei. Ele deu um tapinha no assento do sofá atrás dele. — Vem.

— Tudo bem. — Sentei-me, tirando meus sapatos e colocando meus pés debaixo de mim. Ele rolou a cadeira para trás até que a parte de trás dela pressionava contra o sofá. A almofada já estava marcada de suas horas de jogo.

Ele disse. — Você está pronta? Aí está você. Eu fiz você se parecer com você.

— Jesus, eu não sou assim. — Meu avatar era arrebatador.

— Sim, você é. Ok, então vamos começar na floresta. Floresta todo fechada, e estamos perdidos. Temos que resolver esse quebra-cabeça antes do nosso guia chegar. Espere aí! Pegue-os!

Nós abatemos um leopardo, um leão e um lobo. Evitamos fotografar um cego. Como recompensa, ele nos deu um quebra-cabeça para resolver. Nós tínhamos que classificar em algum momento, e eu vi algo que reconheci.

ABANDONE TODA A ESPERANÇA, VOCÊS VÃO ENTRAR AQUI.

— Esse jogo é animado, Brad. Você não tem alguma coisa com coelhos?

— Você pode vir e jogar na próxima semana.

Não haverá uma próxima semana, Dr. Thorensen... eu não tive tempo para fazer disso uma piada. Tivemos que navegar um desfile e uma bandeira, direita,

esquerda, esquerda, direita, e ainda chegar ao nosso destino, um barco em um rio preto.

— Diga-me uma coisa. — Eu disse. — Quais são as chances dele conseguir um coração a tempo?

— Não posso dizer. Bata à esquerda, à esquerda. Bom.

— Se eu derrubar o cara com chapéu Papa?

— Deus, sim.

— Não pode ou não quer?

— Não pode ou não quer o quê? Só não o deixe tocar em você.

— Não pode ou não dizer sobre o coração. Porra.

— Oh! Boa jogada. Ambos. Seu tipo sanguíneo é raro, portanto, um bom coração, é bastante difícil, mas... bem, vê a abertura ali? Bata o botão azul e o joystick ao mesmo tempo.

— Existe alguma maneira de acelerar isso? O coração? Merda! Espere...

— É isso aí... Não, só o que estou fazendo - colocando no topo da lista. — Seus ombros caíram. — Estamos dentro do rio Acheron. Bom trabalho. Você ganhou as moedas, dê uma para o cara com a capa.

Eu cliquei os meus botões. — Ele não vai aceitar.

— Isso é estranho. — Ele pegou o controlador.

— E o cara da máfia? A única morte cerebral? Se ele morresse, Jonathan conseguiria seu coração?

Brad estava focado nos controles. — Eu não posso prometer nada. Porcaria. Eu ouvi que isso ocorre às vezes.

— O quê?

— Você está preso no vestibulo. Esse é o seu pecado. Uau. Eu acho que você pode fazer um novo avatar.

— Meu pecado? — Eu perguntei. — Qual?

Ele jogou o controlador e colocou os pés em cima do sofá. — O portal é aonde você vai quando não toma partido sobre uma questão. Como quando você poderia ter tomado medidas, mas não fez. Ou, olha, não vou fingir ser um filósofo. Você provavelmente estava apenas sentindo passiva quando respondeu às perguntas. Quer fazer isso de novo?

Eu pensei por um segundo. Eu queria ficar no minúsculo consultório de Brad até o amanhecer, esperando Jonathan ser recusado em uma lista, ou eu queria tomar uma decisão em como ajudá-lo? — Eu vou escovar meus dentes e encontrar uma sala de espera com sofá vazio.

— Fique à vontade.

— Quando você souber de alguma coisa, pode me dizer?

— Eu vou. Diga-me se você precisar de alguma coisa, ok? — Disse.

— Claro e obrigada. — Eu tinha certeza que ele não sabia sobre o que eu estava agradecendo.

Capítulo Trinta

Monica

Jonathan ainda estava dormindo quando

voltei. Sentei-me na cadeira ao lado da cama e olhei para sua mão sob o luar e a pequena luz da árvore de Natal. Seus dedos estavam relaxados e curvados, a aliança de argola de chave de casamento meio caindo. Eu conhecia aquelas mãos. Elas eram fortes. Elas eram seus instrumentos. Eu não conseguia ver além de seus cotovelos, mas eu conhecia o resto do corpo. Eu lia o seu corpo como um livro. O veludo de sua pele. O seu cheiro quando sua colônia tinha desaparecido. O calor de seu toque, sua pressão perfeita em mim. Os tons e cadências de sua voz, subindo e descendo, preso ao comando, ofegante para acalmar, muito cortante para rir.

Eu coloquei minha mão em seu rosto, e na minha mente, seus olhos se fecharam por um segundo antes dele virar a cabeça e beijar minha mão, meu pulso, o interior do meu antebraço. Os arranhões de sua barba por fazer, lábios, língua despertando provocações, dedos fechados no meu pulso como um vício. Eu me sinto amarrada, segura, protegida. Meu corpo é um formigueiro explodindo uma caixa de pecado.

*

Ele está na minha frente, vestido com suas roupas de trabalho, e eu estou nua. Estamos no quarto do hotel onde ele me bateu pela primeira vez, na noite em que tentei esconder meu umbigo dele, e ele me deu de volta a minha voz. Ele me disse para ficar nua, e é assim que eu imagino que seria se tivesse sido obediente.

Ele me diz para colocar as mãos atrás das costas, em seguida, abre as minhas pernas. Ele me diz que não vai me foder até que ouça minha voz, e eu sussurro minhas dúvidas de que isso vai funcionar. Ele sorri daquele jeito que sempre faz e corre as pontas dos dedos do meu ombro ao meu seio, parando no mamilo. Ele o acaricia até que ele fique duro. Inclina-se para baixo, em seguida, circula-o. Ele acende a luz e me vira para as janelas.

É noite. Nós estamos em um andar alto, e Los Angeles está coberta por um manto de luzes. Eu me vejo nua, refletida nas janelas, um fantasma sobre a cidade.

— Coloque as mãos sobre o vidro. — Diz ele. Eu coloco. A cidade se estende diante de mim, um tabuleiro de xadrez de pontinhos, exatamente como Mondrian tinha imaginado. Praças de luz, sinais intermitentes da vida criando uma névoa à distância. Acima de tudo, o meu corpo, inclinando-se para a janela, esticado através de quilômetros de Los Angeles, dobrado na cintura como se eu estivesse prestes a foder.

— Qualquer coisa que soar como 'não' ou 'pare' é eficaz. Mas você tem que dizer isso. — Ele desliza a mão na minha bunda em um tapa. Naquele momento, ele não tinha me espancado ainda, então minha surpresa supera a excitação. Estou imediatamente irritada e na defensiva. — Você tem que usar a sua voz. Você entendeu?

Ele põe a mão esquerda na minha caixa torácica, dedos deslizando em meu seio, e me dá um tapa novamente. Eu não estou surpresa pela segunda vez, nem com raiva. O formigamento bruto é excitante, quando o golpe e o aperto se seguem. Mas o que realmente me desperta é deixá-lo fazer isso. Eu me submeto a ele, ficando curvada a ele, sob seu comando e controle. Eu quero. Quero cada ardência, cada toque de seus dedos contra a minha pele sensível. Ele bate a parte de trás das minhas coxas, e eu suspiro.

— *Monica, isso foi você? — Ele pergunta. Vejo-o pela janela, logo atrás de mim, seu terno escuro quase invisível. Eu quero que ele me tome, me use, me foda como uma prostituta. Ele alcança entre as minhas pernas e passa dois dedos em minha boceta. Meus joelhos quase dobram sob o peso da minha excitação. — Você está molhada.*

— *Sim. — Eu sussurro.*

— *Você quer que eu te foda? — Ele dá um tapa na minha bunda novamente, com força.*

— *Sim, por favor. — Eu respondo em respirações.*

— *Diga isso.*

Eu não posso. Não posso envolver minhas cordas vocais. Eu não posso emitir sons. Minha voz mata as pessoas, estou convencida disso.

Ele pega seu cinto largo e circula uma vez. — Você não sabe o poder que tem. — Ele me bate com o cinto. Deus, dói. Estou mais consciente da presença e lugar da minha boceta. Eu sinto isso pendurado entre o bruto e queimadura de minha bunda. É pesado, inchado, inchado de desejo. Ele me bate de novo, mais embaixo, o couro beijando minha abertura molhada. — Diga isso.

— *Por favor, me fode.*

— *Com a sua voz. — Droga. A ardência é definitiva, persistente, queimando como se eu tivesse sentada em um fogão quente. — Você não sabe o poder que tem. — Ele me bate várias vezes no poder da palavra, até minha bunda está em chamas. Meu clitóris está tão inchado que quando o cinto o toca e quando isso se encaixa, e eu grito.*

— *Monica, isso foi você? — Ele está sem fôlego também.*

Eu não consigo fazer o barulho novamente até que ele deixa o cinto descer e bate em minha boceta duas vezes, duro e rápido. A ardência, então a onda de prazer puxa uma vogal longa da minha garganta.

— *Aí está. Que bela voz. — Atrás de mim, ele tira seu pau e o coloca na minha abertura. — Diga isso.*

— Me fode. Me fode por favor. — O ar dos meus pulmões vibra minhas cordas vocais, e eu me ouço gritar quando ele me golpeia. Seus quadris tocam brutalmente minha bunda, fazendo-me sentir em cada estocada, prazer e dor. Estou cheia com o espectro de sensações, cada pensamento, cada célula, cada batida da minha alma o sente se mover dentro de mim.

Ele me puxa para cima. Minhas mãos deixam o vidro frio, e eu fico de novo, caída sobre a cidade, Jonathan me fodendo por trás. Vejo-o pela janela, e ele sabe que estou olhando para mim mesma gigante ao longo da cidade.

Ele sussurra em meu ouvido. — Você não é a mesma mulher que eu conheci. Você tem o controle.

Eu percebo que estou ouvindo-o dizer da maneira que ele disse para mim ontem, quando ele estava tentando me convencer a gravar o EP. Essa mesma voz fraca e enervada que eu tinha infundido com o músculo em minha mente. Eu tinha roubado isso e a grudado no cenário como uma colagem.

Seus dedos deslizam entre as minhas pernas. Estou encharcada para ele, meu clitóris um botão duro sob seu toque, e vejo meu rosto na janela quando abro minha boca para gritar de prazer enquanto ele sussurra em meu ouvido.

— Você não conhece seu próprio poder.

Eu coloquei minha cabeça em seu ombro e adormeci por algumas horas.

Capítulo Trinta e Um

Monica

Eu fui para o refeitório dolorida de dormir

como se fosse um pretzel. Eu me sentia como o vampiro de Sequoia sempre que entrava lá - até que vi Declan. Ele era o vampiro, é claro. Eu era uma amadora.

Sentado com uma jovem que estava torcendo seu longo cabelo escuro, fazendo uma única onda laqueada. Eles conversavam sinceramente, emocionalmente, como ele e Jessica tinham conversado no outro dia. Para ser mais exata, ela estava falando e estava balançando a cabeça como um terapeuta faria. Ele entendia. Ele ouvia cada palavra. Ele tinha respostas colocadas para as perguntas. Ele iria para casa e esqueceria tudo isso.

Sentei na minha mesa habitual. Eu poderia voltar para Jonathan, mas eu tinha coisas para fazer no refeitório. Eu estava perfeitamente disposta a me sentar e trabalhar em uma canção até que o isso viesse até mim.

Pegue estas colinas

Gramma raspada orvalhada e manhãs

Despeje numa rua com elas

Empurre uma casa, então dez vezes dez

Aproveite esta noite estrelada

Ar limpo e céus brilhantes

Pulverize e pinte-os com veneno

Envie até sirenes berrarem

Eu vou subir através

Meu maxilar em sua garganta

Vou conseguir o preto asfaltado novamente

Meus saltos escavados nele

Banqueteando-se sob a superfície

Morte em vida, eu em você

Garras escavando, dentes cortando

Preso eternamente numa foda

Eu estava pensando em mudar o último verso de um coro quando senti alguém acima de mim. Eu sabia quem era, sem olhar para cima. — Senhor Drazen.

— Senhorita Faulkner, ou devo chamá-la pelo seu novo nome?

— Como você sabe meu sobrenome? — Eu me inclinei para fora do meu caderno, fechando-o para que ele não visse a minha ira cuspidada na página.

— Eu poderia começar com você ao lado do meu filho no show Eclipse. Os jornalistas que a tinham descoberto pela publicação. Minha filha Theresa ainda fala comigo às vezes. Ela me contou sobre você. Posso me sentar?

- Claro. Você poderia ter tirado a notificação do meu caderno?
- Não deveria deixá-lo por aí, se não quer que as pessoas o veja.
- Você comprou a casa da minha mãe. — Eu disse.
- Ambos. Eu realmente não quero uma propriedade em Castaic, mas...
- Você quase enviou Jonathan ao limite.

Ele cruzou os lábios entre os dentes, um movimento como do meu amante. Eu tive uma visão rápida de como Jonathan seria se a idade permitisse. — Essa não foi minha intenção.

— Talvez. — Fiz uma pausa, molhando meu saquinho de chá repetidamente. Isso não fez nenhum efeito, mas ele me deu algo para fazer com as minhas mãos. — O que você faz aqui embaixo o tempo todo? Você é um bilionário de quarta geração, pelo amor de Deus. Você não pode pagar alguém para esperar aqui com você?

Ele riu. Eu não sabia o que eram os homens Drazen. Toda vez que mencionava o seu dinheiro, eles pensaram que era hilário. Ele girou e ficou de costas para a parede, esticando seus pés. Era um gesto de um homem mais novo, um homem que queria ocupar muito espaço. — É sempre surpreendente para mim, não o que as pessoas fazem por dinheiro ou vingança, mas o que fazem por amor. Aquela mulher que eu estava falando?

— Sim.

— O marido acabou de ser espancado quase até a morte em um estacionamento a duas quadras. Eles queriam o carro dele, mas ele tinha trabalhado por isso, de forma que não desistiu. Ela disse que só pegaram as chaves dele quando eles ameaçaram estuprá-la.

— Isso é terrível.

— Não era nem mesmo um bom carro. — Ele murmurou, sacudindo uma migalha da mesa.

— Mas por que ela está aqui falando com você?

— Essa é a coisa interessante. Veja, ele estava em cirurgia, tendo sua hemorragia interna costurada. Mas era tão ruim, e isso estava demorando demais. Dois médicos saíram para falar com ela toda hora. — Ele levantou dois dedos para fazer seu ponto. — Eles disseram, 'Nós estamos trabalhando nisso. Ele está estável'. Em seguida, na quarta vez, três médicos saíram. — Ele levantou três dedos naquele momento. — Ela sabe que, desde que seu pai teve câncer, que três médicos que saem após a cirurgia significava más notícias. Se um médico é atacado por um membro violento da família, o outro está lá para segurá-lo e o terceiro é para chamar a segurança. Então, ela viu os três e correu para cá antes de falarem com ela.

— E como um pastor com uma ovelha perdida, você a encontrou.

— Se o meu filho não vai me ver, pelo menos posso fazer algo de bom por aqui.

— Como comprar a casa da minha mãe. — Eu disse.

— Você está incomodada com a ideia.

Eu não confiava nele, nem um pouco. Eu não acreditava que ele ficava no refeitório para estar na mesma esfera que seu filho distante. Eu não acreditava que Jonathan tinha interpretado mal uma vida de manipulação e más ações. Os fatos não dirigiam minha desconfiança, era simplesmente que tive que escolher em quem acreditar. Eu escolhi o meu marido. No entanto, se eu faria o que precisasse, eu teria que confiar nele o suficiente para manter sua palavra.

— Ele está morrendo. Sua sutura abre um pouco mais a cada dia. Ele está sangrando por dentro. Alguns dias são tudo que ele tem. Diga-me que estamos aqui para fazer algo bom, e podemos conversar sobre alguma coisa.

Ele se mexeu na cadeira, até que me encarou, com os cotovelos sobre a mesa. — Vá em frente.

— Eu sou uma mulher perturbada. Eu só poderia sugerir coisas que não devia.

— Acredito nisso. Parabéns, de qualquer forma.

Eu ignorei o olhar para o anel emprestado. — Há um coração com o tipo sanguíneo compatível neste hospital. Ele está conectado a um cérebro morto. Eu quero isso.

— O italiano. Patalano, eu acredito? Paulie Patalano?

— Ele preencheu um cartão de dador, mas não há testamento. Sua família está mantendo-o vivo com máquinas e oração. Está na hora das máquinas darem chance para as orações trabalharem.

— E então?

Ele não ia me dar nada. Se ele intuiu que eu estava pedindo, não intensificaria e verbalizaria isso. Eu tive que fazer todo o trabalho pesado.

— E eu acho que se alguém pudesse arranjar um espaço na segurança, o coração poderia estar disponível em breve.

Ele me estudou como se estivesse me vendo pela primeira vez. A profundidade de seu olhar me deixou desconfortável, como se os dedos estivessem torcendo ao redor das minhas entranhas, batendo em todos os cantos e lugares escuros. Eu fiquei quieta. Deixe o filho da puta tentar me entender. Eu não tinha muitos cantos, e nesse ponto, não ligava para o que isso parecesse.

— Quem passaria pela abertura? — Ele perguntou com uma sobrancelha levantada.

— Eu. — Eu disse, sem dúvida ou vacilo na minha voz.

— Eu admito, pensei que ele se preocupava com você, porque você é linda. — Disse Declan. — Mas eu estava errado. Você é fiel ao martírio.

— Estou cansada de orar por milagres.

— Você pode precisar de um milagre após a ação ser feita.

— Eu vou me arriscar para que ele viva. — Eu disse.

Ele sorriu, e eu vi o rosto de Jonathan em seu sorriso unilateral. — Você acha que por que o cérebro do Patalano está morto, que você poderia tirar isso. Se você der uma de mulher angustiada, é claro. Quem duvidaria de você? Como sua esposa,

você tem mais a ganhar com ele morto do que vivo. E com a máquina Drazen por trás de você? Como poderia qualquer juiz, enviá-la para um júri, e mesmo condená-la?

Assassinato. Era a palavra que ele tinha evitado.

Apesar da conversa, fiquei impressionada por um pensamento que não podia sair da minha cabeça. Eu não nunca tinha sequer desejado namorar Jonathan, e estava pronta para cometer um assassinato por ele. — Tenho certeza que isso não será tão fácil. Para você, talvez. Você é Teflon⁹.

— Sou mais temperado, como ferro. — Brincou. — E o que eu ganho com isso?

— Não há nada que eu possa lhe oferecer além da vida de Jonathan.

Ele acenou com a cabeça. Com um leve tremor em sua mão, indicou a totalidade da cafeteria. Essa contração me dizia que simplesmente a vida de Jonathan ser poupada não era suficiente. Ele ainda seria relegado para a cafeteria do Hospital Sequoia. — Eu não sou mártir. Meu relacionamento com alguns da minha família é doloroso. Eu não quero que nenhum deles deixe este mundo me tendo como um estranho.

— Eu não sei se alguma coisa que eu possa dizer o fará mudar de ideia.

— Deixe-me saber quando você descobrir isso.

Era isso. Esse foi o acordo oferecido. Conseguir com que Declan veja Jonathan, e dar-lhe um ataque cardíaco que iria matá-lo. Não conseguir que Declan me ajudasse, e assistir Jonathan morrer enquanto algum mafioso desmiolado no corredor mantinha um coração vivo para alguém.

⁹ Gíria que significa pessoa que consegue saída para tudo, em referência ao material Teflon.

Capítulo Trinta e Dois

Monica

Eu fiquei do lado de fora da porta de Jonathan, ouvindo a sinfonia de instrumentos que o mantinha vivo. Eu odiava. Eles se intrometiam, me intimidando para me lembrar do lugar quando estávamos sozinhos. Ele encarou longe da porta, os tendões do pescoço e a linha do queixo pálido na luz da manhã. Ele se virou quando entrei na ponta dos pés, e estendeu a mão para mim. Eu a beijei, então seus lábios.

— Deusa. — Sua voz estava rouca, sua respiração audível. Eu morreria se tivesse que vê-lo deteriorar-se.

— Como você se sente?

— Com você aqui? — Ele tocou minha bochecha. Seus dedos eram elétricos no meu rosto, mesmo em sua condição. — Como merda, mas isso é provavelmente uma má ideia.

— Eu tenho uma dor de cabeça de qualquer maneira.

— Como é a sensação de ser a Sra. Drazen?

— Você não precisa se casar comigo para me proteger de seu pai.

— Ele destruiu tudo que era meu simplesmente tocando. E olha, ele já entrou em cena para conseguir o controle sob você.

Como eu poderia fazê-lo ver Declan? Ele estava convencido de que seu pai era um mestre do fantoche puxando minhas cordas. — Eu casei com você pelos motivos certos. Não por desespero. — Eu disse.

— Desespero é tudo que tenho. Há algo inacabado na minha vida, e somos nós. Eu precisei que você se vinculasse a mim diante do céu e da terra. Estou feliz que fizemos isso.

— Eu tenho medo de ter lhe dado permissão para morrer.

— Eu não preciso de sua permissão. — Ele parecia tão composto quando disse isso, como se estive totalmente bem comigo indo embora, e eu me casando com ele apenas arrumou suas coisas.

Eu senti uma faísca de raiva e cerrei os dentes. Quando seu polegar acariciou meu queixo, a raiva derreteu em irritação, então incômodo leve, e depois para um lugar líquido que foi o revestimento da minha raiva durante todo o dia. Eu sentia como física a corrida de tristeza, uma vez que tomou conta de mim, me puxando para uma contracorrente de dor. Ele já estava morto. Ele sabia disso. Era um fato simples que eu não concordava, a esperança ridícula. Um homem morto acariciava minha bochecha, e o despertar entre as pernas do seu toque era uma perversão horrível. Eu queria um cadáver. Ele parecia pronto para um caixão, pacífico, finalmente, as mãos cruzadas sobre o peito, deixou dedo anelar saliente e inchado ao redor do aro de chaves.

Eu quebrei como se um ovo tivesse rachado por trás do meu rosto, vazando gema e clara. Meus olhos se desmoronaram sob o peso de minhas lágrimas. Meu nariz entupiu, os pulmões chutando ar em nós. Ele tocou as minhas lágrimas, mas não podia fazer mais nada. Ele mal conseguia levantar a sua cabeça. Virei meu rosto molhado, feio, e franzido para a palma da sua mão e o deixei sentir meus soluços.

— Deusa, por favor. — Disse ele.

Eu tinha passado do ponto da razão. — Eu mataria por você, Jonathan. Se eu pudesse...

— Shh. Isso é o suficiente.

Eu não poderia terminar de falar de qualquer maneira, minha respiração estava tão carregada com soluços. Eu engoli um litro de lamaçal que havia coletado em minha garganta e apertei os olhos fechados até que parei de chorar o tempo suficiente para sair uma frase. — Se eu puder, eu vou. Guarde minhas palavras.

— Ok. Apenas silêncio.

— Eu vou sugerir algo. Eu não quero que você tenha um ataque do coração sobre isso. — Eu alcancei os lenços de papel e limpei meu rosto. Eu sentia meus olhos inchados e doloridos.

— Garota engraçada.

— Seu pai está na lanchonete há uma semana para ficar perto de você.

— Porra, Monica. Não. O que ele disse para você?

Eu coloquei minhas mãos em cada lado dele e me inclinei sobre seu rosto, bloqueando a luz da janela. — Eu vou fazer um pacto com o diabo para salvá-lo.

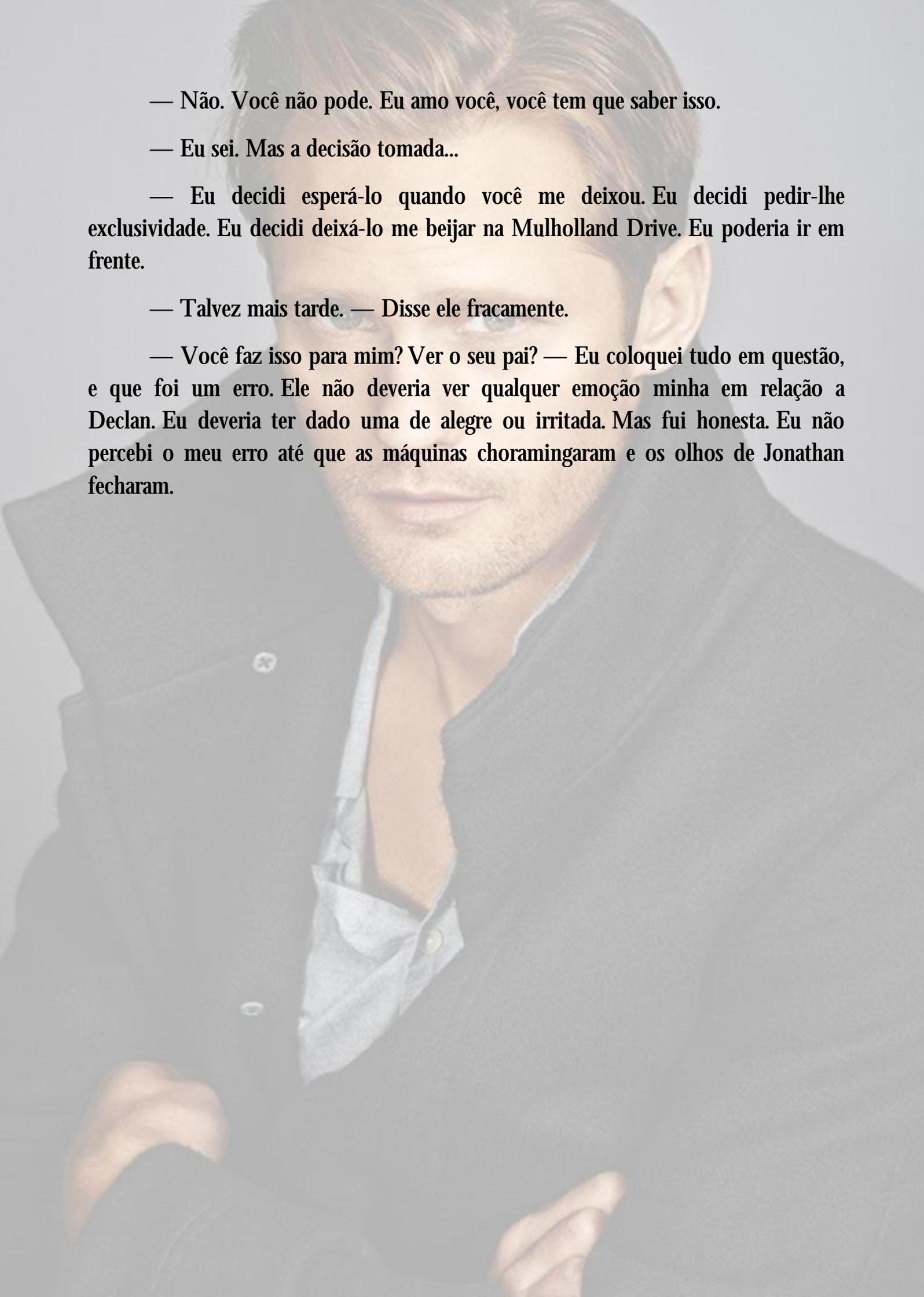
— Não faça isso. Seja o que for, não faça isso.

— Eu vou te dar uma razão para viver.

Ele engoliu em seco e olhou de mim para o teto. — *Você é minha razão de viver. Foda-se.* — Seus lábios se moviam em uma litania de *fodas* que não tinha som. Elas eram feitas de ar e pânico. Olhei para as máquinas. Elas pareciam bem, não que eu soubesse o que aquilo significava. Elas não estavam soando ou buzinando. A scritch que mantinha o controle de seu batimento cardíaco estava fazendo o mesmo barulho que sempre fez.

— Está tudo bem. — Eu disse. Mas era isso? Eu não tinha nenhuma garantia de que eu não estava regiamente fodendo com ele. Eu não tinha ideia de quem eu estava lidando. Declan parecia ser uma pessoa diferente do que todos falaram. Quem era ele para mim? Será que eu descobriria da maneira mais difícil?

— Eu estou preso aqui. — Disse ele. — Eu não posso fazer nada, mas confio em você, posso confiar?



— Não. Você não pode. Eu amo você, você tem que saber isso.

— Eu sei. Mas a decisão tomada...

— Eu decidi esperá-lo quando você me deixou. Eu decidi pedir-lhe exclusividade. Eu decidi deixá-lo me beijar na Mulholland Drive. Eu poderia ir em frente.

— Talvez mais tarde. — Disse ele fracamente.

— Você faz isso para mim? Ver o seu pai? — Eu coloquei tudo em questão, e que foi um erro. Ele não deveria ver qualquer emoção minha em relação a Declan. Eu deveria ter dado uma de alegre ou irritada. Mas fui honesta. Eu não percebi o meu erro até que as máquinas choramingaram e os olhos de Jonathan fecharam.

Capítulo Trinta e Três

Jonathan

Fiona tinha levado um chute no peito uma

vez na academia de equitação, quando ela estava fazendo uma tentativa simbólica para aprender a verificar o casco. O puro-sangue tinha ficado irritado, e Fiona, que nunca ouviu uma maldita coisa que alguém dissesse, estava sentada no lugar errado. Ela saiu voando. Duas costelas quebradas e um ego ferido depois, ela parou de andar. Eu gostaria de ver Fiona novamente para lhe dizer que desfibrilamento repetidamente tinha a mesma sensação de ser chutado no peito por um cavalo.

Monica estava no canto, torcendo as mãos, como se quisesse quebrar um osso. Ela estava apavorada. Devo ter ficado inconsciente em algum momento de nossa conversa. Eu esqueci o que tinha dito.

— Como você está se sentindo, Sr. Drazen? — Perguntou o médico, um cara jovem, eu o tinha visto algumas vezes. Ele olhou para o gráfico e berrou ordens após a pergunta. O número de pessoas na sala dobrou no minuto em que eu estava inconsciente.

— Como um recém-casado.

— Parabéns. — Ele ouviu o meu coração, os olhos em um painel de instrumentos. — Você tomou uma surra. Eu não sei quantas vezes mais podemos fazer isso.

— Qual é o recorde mundial? Eu quero quebrá-lo.

— Pare de tentar ser engraçado. — Monica disse do seu canto.

— Brincadeira nesta situação é comum, senhorita. — O médico disse e escreveu alguma coisa no gráfico. Ele falou ‘medicales’ com a enfermeira antes e depois de sua declaração.

— Que situação é essa? — Minha esposa estava prestes perfurar verbalmente o médico, eu vi isso no fato de que ela não olhou para mim. Ela só tinha laser nos olhos quentes para o cara no uniforme hospitalar.

Como se ele pudesse sentir a raiva fervendo, ele parou de resmungar um absurdo a enfermeira e se virou para ela. — Ele precisa de um coração, garota.

— Ou o quê?

Eu podia ver o sentido da conversa há um quilômetro de distância, mesmo sentindo-me como um saco de merda com o silvo de tubos de oxigênio, abafando muito do que estava sendo dito. Se o médico mencionou, implicitamente ou pensou sobre a minha morte, ela ficaria louca e seria escoltada para fora. Eu não queria que ela tivesse que negociar a reentrada. Cada minuto sem ela era um minuto desperdiçado.

— Deusa. — Ela não respondeu. — Monica. — Eu tentei colocar o domínio em minha voz, e sei que veio acima do baixo. Como se tivesse ouvido a intenção e não o resultado, ela se virou para mim. — Vá buscar o meu pai para mim, certo?

Capítulo Trinta e Quatro

Monica

Qualquer sombra de um sentimento semelhante a dúvida deixou minha mente quando essas máquinas enlouqueceram. Eu estava em pânico quando todos correram para dentro. Quando eles colocam as pás em seu peito e ele convulsionou, o pânico transformou-se em outra coisa. Algo como... Quando senti a pressão na minha bexiga, fui para o banheiro. Eu posso parar e fazer outras coisas, mas meu objetivo final, em algum momento era liberar essa pressão. Tudo o resto ou é uma distração ou um meio para um fim.

Quando saí do quarto de Jonathan para procurar seu pai, eu não tinha absolutamente nada em minha mente, além de me certificar que algum filho da puta colocasse um novo coração nele. Eu não queria ver isso de novo. Eu nunca, nunca queria me acostumar com isso. Se eu fosse para a cadeia por matar alguém que já estava praticamente morta, foda-se. Eu poderia lidar com isso.

Declan passeava pelo saguão, telefone encostado ao ouvido. Mesmo tão exausto quanto deveria estar, ele parecia limpo, enérgico e calmo. Isso deveria ser uma coisa Drazen. Apenas Leanne em seu desleixo geral, e Sheila em sua raiva difamatória constante já parecia uma marca saindo da perfeição. Theresa, que parecia calma e polida quando a conheci, agora era como se tivesse corrido uma

maratona em bombas, quando chegou ao hospital. Talvez todos eles fossem humanos, afinal.

Exceto Declan claro. Ele era descrito como menos que humano, mas de alguma forma ele só me mostrou uma face vulnerável. Ele me viu e levantou um dedo. Eu não tinha tempo para ele. Eu escrevi – *Quarto 7719 AGORA* - em uma das últimas páginas em branco no meu caderno. Eu rasguei-o, dei um tapa em sua mão, e me afastei antes que ele tivesse a chance de responder. Eu tive que assumir que ele iria para cima. Eu não tinha tempo para apreciar isso, e eu certamente não queria um gato e rato verbal.

Peguei as escadas até o quarto andar e caminhei para o consultório do Dr. Thorensen. Ele iria me assegurar que Jonathan estava no topo da lista, e eu queria uma atualização sobre a saúde de Paulie Patalano. Um carrinho de limpeza estava do lado de fora da porta aberta. Ele não estava em seu escritório, mas suas telas estavam piscando e ardendo algum círculo girando no *City of Dis*. Ela estava congelada, personagens parados no meio da ação, metade de um quebra-cabeça feito. Na tela menor, à direita, estava uma caixa de texto piscando sem nada. Acima disso, havia uma lista.

Eu não poderia evitar. Eu olhei. Cada item da lista tinha a palavra PACIENTE seguido por uma longa sequência de letras e números. A localização. Um gênero. Um tipo sanguíneo. A caixa colorida. Vermelho. Laranja. Amarelo. O vermelho estava no topo da lista e o número dois era o paciente que estava em Los Angeles, Califórnia. Ele tinha sangue AB negativo. Jonathan. A porra do alfabeto em sequência com uma caixa vermelha no final. Meu amante. Meu marido. Paciente KJE873BP7988. M. LA, CA. AB-. Código vermelho.

— Desculpe-me? — Uma pequena senhora em sapatos macios e equipamentos de manutenção estava na porta. Seu cabelo estava puxado para trás em um rabo de cavalo apertado, e suas mãos estavam cobertas com luvas de plástico amarelo.

Eu não pertencia àquele lugar. — Sinto muito. Eu estava de saída.

Passei por ela antes que pudesse perguntar-me que novo horror que eu tinha visto.



Capítulo Trinta e Cinco

Monica

Brad estava em casa. Que cara de pau. Sentado em sua casa em uma colina com seu jardim bem cuidado de plantas nativas e varanda de madeira acabada. Ele se lamentava que não tivesse sido muito próximo de mim antes? Bem, vamos ver como ele se sentia sobre eu encontrar a todos. Eu bati em sua porta com ambos os punhos, não se importando se o acordaria de um sono profundo ou no meio do jogo.

— Monica. — Disse ele quando abriu a porta com moletom e uma camiseta.

— Será que ele vai morrer? — Eu exigi.

— Você pode entrar?

— Não. Diga-me. Será que ele vai receber um coração ou não?

— Eu não tenho como saber isso.

— Por que ele é o segundo na lista?

Ele ergueu as mãos como se estivesse se defendendo de um ataque. — O que você está falando?

— Eu fui ao seu consultório e vi a lista. Ele é segundo. O que significa que ele recebe o segundo coração que aparecer.

— Primeiro de tudo...

— Sim, me desculpe se entrei em seu consultório. Eu estava procurando por você, mas para ser honesta? Não muito.

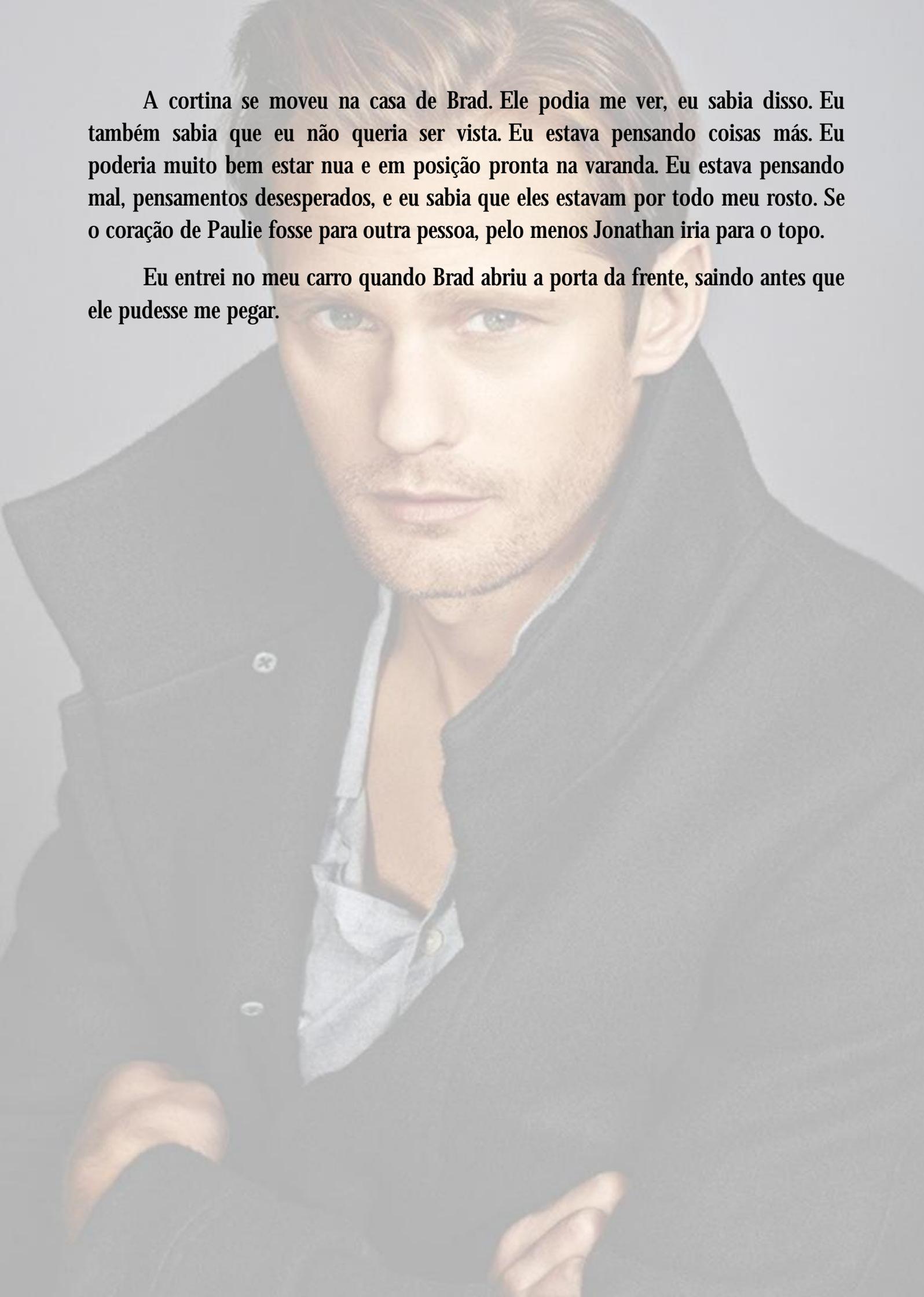
Ele endureceu como se tivesse sido atingido. — É domingo. Você pode ligar para o meu consultório Doheny depois das nove da manhã para marcar uma consulta, mas estou agendado até janeiro.

Ele não bate exatamente a porta, mas fechou. Eu olhei através das janelas de vidro e o vi sair para o quintal. Fiquei parada por um segundo, talvez dez, antes fui até minha casa. Não era a minha casa. Não era a casa da minha mãe. Nem a casa do banco. Casa de J. Declan Drazen.

Parecia que eu teria que me mudar de qualquer maneira. Se eu perder Jonathan, o que parecia mais provável a cada hora que passava, eu não poderia ficar. Ele se casou comigo para eu ter os meios de evitar seu pai. As manipulações insensatas de um homem doente.

Eu passei pelo meu carro e caminhei até minha varanda. Eu não fui para casa, embora pudesse ter usado um chuveiro e amaria uma escova de dente. Eu andei até a o banco onde tínhamos ficado quando ele colocou os dedos encharcados de boceta na minha boca. Sentei-me no balanço onde ele me deixou para me proteger da ruína. Olhando para a rua, eu só pensava no que eu tinha que fazer a seguir. Jonathan estava conversando com Declan, uma situação estressante que eu o coloquei. Então Declan criaria uma abertura para eu assassinar Paulie Patalano. Mas qual era o benefício disso, se ele era o segundo na lista? Se eles enviariam a massa muscular sangrenta para outra pessoa, qual o ponto de cometer um assassinato para salvar o homem errado?

Eu poderia ter implorado para Brad fazer alguma coisa, qualquer coisa, puxar uma corda ou dez, mas eu tinha invadido sua privacidade. Eu deveria ter pensado melhor. O meu coração batia quando eu me perguntava qual das minhas cagadas mataria Jonathan. Eu brincava com os anéis no meu dedo, ambos pesados com compromisso com a minha carreira e o meu amor.



A cortina se moveu na casa de Brad. Ele podia me ver, eu sabia disso. Eu também sabia que eu não queria ser vista. Eu estava pensando coisas más. Eu poderia muito bem estar nua e em posição pronta na varanda. Eu estava pensando mal, pensamentos desesperados, e eu sabia que eles estavam por todo meu rosto. Se o coração de Paulie fosse para outra pessoa, pelo menos Jonathan iria para o topo.

Eu entrei no meu carro quando Brad abriu a porta da frente, saindo antes que ele pudesse me pegar.

Capítulo Trinta e Seis

Jonathan

Eu o senti entrar no quarto. Mesmo com os médicos e enfermeiros correndo, empurrando, apertando, e latindo ordens um para o outro, sua presença era uma agulha na base da minha coluna.

— Filho. — Disse ele.

— O que você quer? — Eu não o olhei. Meu cenário era o teto. Se eu vivesse, eu começaria um fundo para colocar arte nos tetos dos hospitais, para os pacientes que estavam muito fodidos até para virar a cabeça. Ninguém deveria morrer olhando para pintura áspera e ventilação de vinil.

— Eu queria falar com você. Para, ah, como digo isso?

— Antes de eu morrer. Você quer viver em paz.

— Eu sou tão egoísta?

Engoli em seco. Senti-me escorregar para o estado quebrado de semi-consciência, que tantas vezes me ultrapassou. Casar me precisou de mais energia do que o meu corpo tinha reservado. A última coisa que eu deveria estar fazendo era falar com meu pai. Imaginei se eu tinha que completar um ato como o marido de

Monica, como deveria ser, para fazê-la feliz. Eu queria que ela tivesse escolhido algo mais fácil. Como engolir um elefante.

A sala se aquietou, e uma enfermeira cuja voz reconheci, disse. — Estamos monitorando de perto você, senhor Drazen. Há algo que precise?

— Não.

— Nós vamos entrar e sair. — Ela deu um tapinha no meu ombro antes de me deixar sozinho com o meu pai pela primeira vez em dez anos.

— Minha mãe vai estar aqui em breve. — Eu disse.

— Isso era o que eu queria falar.

— Faça isso rápido.

Ele se sentou na cadeira de Monica, e eu não tinha a energia para lhe dizer para começar a falar, caralho. — Eu sei o que você e Carrie pensam de mim. Eu sei que você pensa que sou um monstro. Talvez, eu não saiba, talvez eu seja. Eu sempre soube que era diferente, mas quero que você considere isso. Eu nunca fiz nada em um acesso de raiva. Eu nunca fui governado por que eu não entendia. Eu nunca me enganei pensando que minhas ações eram nada mais do que pra mim mesmo. No entanto, eu *quero* coisas. Tenho *necessidade* de coisas.

Eu reagi. Era meio risada, meio gemido. Eu estava tão concentrado em me concentrar que pensei que nada demonstrava no meu rosto. Mas tudo deveria estar lá. Desdém. Descrença. Nojo.

— Você não acredita em mim. — Disse ele.

— Oh, eu acredito em você.

— Na minha vida, eu sei que fiz tudo o que pude para manter a família unida. Nada era tão importante para mim. Quando o vejo quebrar, isso... me incomoda. — Mesmo papai tinha um lugar seguro, aparentemente.

Eu sabia que sorri com o pensamento, mas me sentia fora de mim. — E isso me faz lembrar que você fodeu tudo?

— Não exatamente.

Lettie apressou em verificar meus tubos. — Você tem visitantes. Quer vê-los?

— Cinco minutos.

Ela levou o seu tempo, batendo em um computador, tomando notas. Quando um homem entrou - médico ou enfermeiro, eu não poderia dizer - eles falaram brevemente em 'medicales', uma língua que eu não conhecia. Eles saíram logo depois.

— Você está perto do fim, você sabe. — Disse meu pai.

— Vejo você no inferno. — Eu estava sendo obstrutivo porque era fácil.

— Você está fazendo isso difícil para mim.

— Apenas me diga o que você quer.

Ouvi-o se mover, um flash de movimento com o canto do meu olho. — Eu quero a sua mãe. Ela está enraizada em sua posição. Ela não pode esquecer o passado. Eu preciso do que sobrou dessa família para funcionar antes de... bem, antes.

— Se você é mulherengo não é culpa dela.

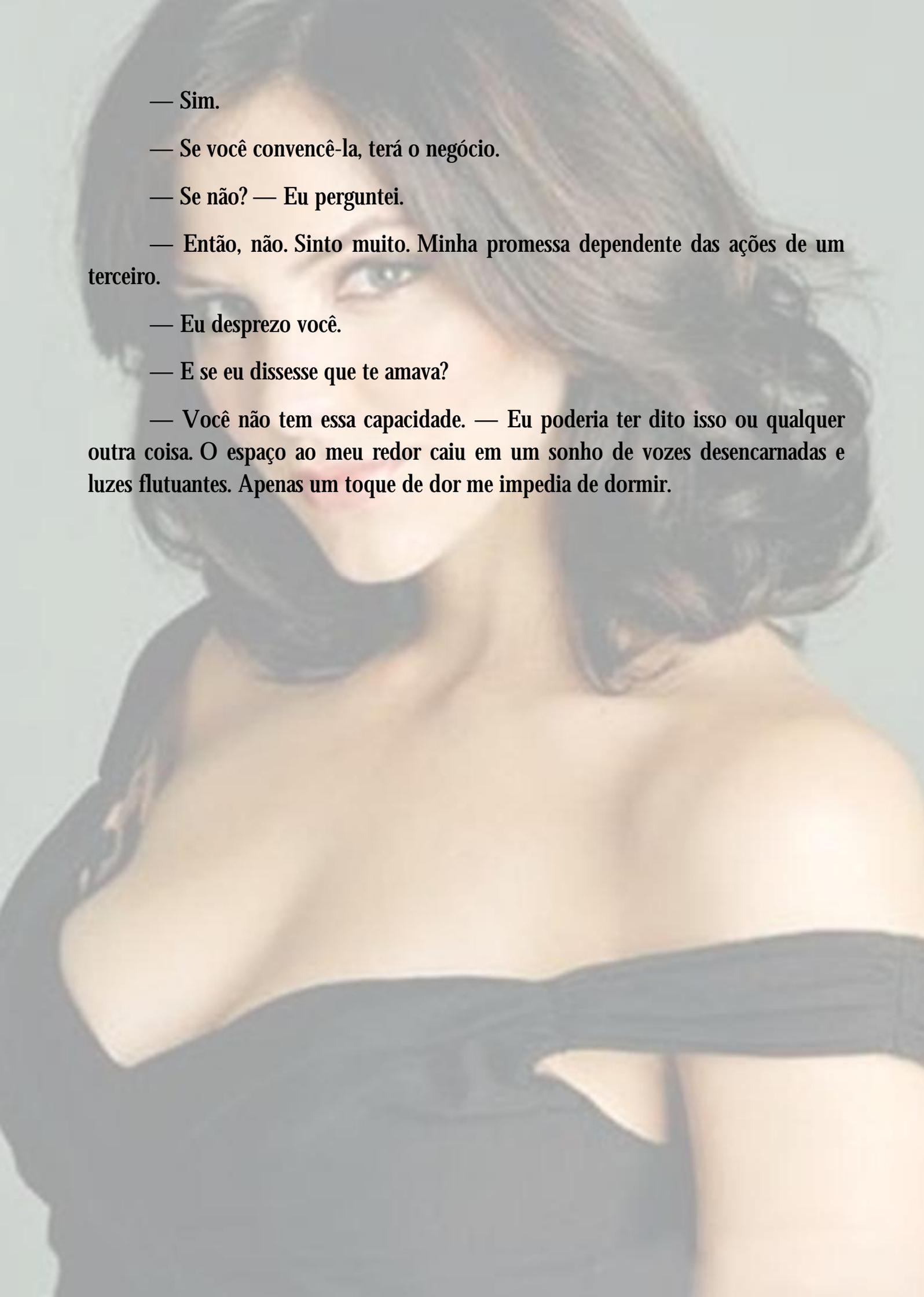
— Eu preciso que você fale com ela. Ela não vai ignorar o seu pedido.

Eu queria algo dele, algo grande, mas não tinha nada com que ameaçá-lo. Eu não tinha nada para garantir que ele manteria suas promessas. O que eu deveria fazer? Pleitear? Eu já estava de caído costas. — Fique longe da minha esposa.

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Venda a casa. Olá e adeus. É isso. — Eu não poderia dar para mais explicações sobre todas as coisas que não queria que ele fizesse. Tocá-la. Contar piadas. Comunicar-se com ela sem supervisão. Enredar nos negócios dela. Deixá-la ir para seu segundo casamento. Respirar seu ar. Existir em seu planeta. — Prometa isso. — Eu senti a inutilidade da minha demanda. O que eu faria? Segurar meu dedo mindinho como uma criança ou fazê-lo jurar sobre uma pilha de Bíblias? Qual era a promessa que valia para o diabo sem uma garantia de sangue?

— Você vai falar com a sua mãe?



— Sim.

— Se você convencê-la, terá o negócio.

— Se não? — Eu perguntei.

— Então, não. Sinto muito. Minha promessa dependente das ações de um terceiro.

— Eu desprezo você.

— E se eu dissesse que te amava?

— Você não tem essa capacidade. — Eu poderia ter dito isso ou qualquer outra coisa. O espaço ao meu redor caiu em um sonho de vozes desencarnadas e luzes flutuantes. Apenas um toque de dor me impedia de dormir.

Capítulo Trinta e Sete

Monica

Esperei no refeitório sozinha. Eu escrevi um

pouco, alguns versos sobre o assassinato, que provavelmente poderia ser usado contra mim no tribunal, com o juiz insensível para com a leniência do fato de que eles eram atozes, pueris, egoísta.

O que quer que estivesse acontecendo, estava demorando demais. Eu fui para o andar de Jonathan e encontrei Deirdre olhando para uma revista que não poderia ser de interesse para ela. Sheila estava andando como se quisesse cavar um buraco no chão. Sua mãe estava, como de costume, ao lado da cadeira mais próxima do corredor que levava para o quarto. Ela era a mais próxima do elevador, então me pegou pela primeira vez. Pensei em algo que não tinha antes. Ela era minha sogra. Eu não estava ligando para sua mãe. De jeito nenhum.

— Oi, Eileen.

Ela deu um sorriso tão falso que eu poderia tê-lo comprado em Nordstrom na banca de promoção. — Monica. Eu ouvi que preciso dar-lhe os parabéns. — Ela indicou minha mão esquerda com o anel de noivado emprestado e aliança de casamento improvisada.

— Obrigada. Como ele está?

Seu rosto ficou sombrio. — Eles estão constantemente lá.. — Seus olhos ficaram molhados. A frieza de sua expressão tinha escondido o fato de que ela estava quebrando. Ela limpou a garganta e endireitou seu pescoço. — Um coração virá. Eu sei disso. Eu posso sentir isso.

— Eu também posso.

Sua mão deslizou para a minha, e eu apertei. Todas as nossas idiotices caíam por um segundo. Ele era seu filho. Nós amávamos a mesma pessoa. Não seria fácil lidar com ela, mas fomos obrigadas por ele, gostando ou não. Então ela deu um sorriso diferente, era até mesmo acolhedor, como se algo tivesse que tinha significado para ela tivesse acontecido entre nós.

Prometi a mim mesma que nunca mais me esqueceria de que seu objetivo era para protegê-lo. Que valia alguma coisa. Dei-lhe um aperto de mão e sentei-me ao lado de Deirdre. — Oi.

— Oi. — Ela respondeu. — Você se casou na noite passada.

— Sim.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu teria me casado com ele de qualquer maneira, você sabe.

Ela folheou a revista. — Eu sei.

— Eu acho que sua mãe está chateada com isso.

— Não teve um acordo pré-nupcial. Jonathan não acredita neles. Nem eu.

— Ah, eu não tinha pensado nisso.

Ela deu de ombros, ainda sem pensar folheando a revista. — Nem Deus acredita.

Eu nunca tinha envolvido Deirdre para uma sequência não antagônica de frases, mas isso era tudo que eu teria com ela. Ela se acomodou em um artigo e, para todos os intentos e propósitos, o leu. Eu peguei o meu chá e dei a minha atenção para a televisão.

Estava muito baixo para ouvir, mas a cabeça com o cabelo perfeito estava falando tinha um quadro flutuante ao lado dele. Era Paulie Patalano - chefe da máfia, filantropo e assassino - bebendo vinho com sua esposa em uma foto capturada em dias mais felizes. A legenda descreveu-o como morte cerebral, como se eu precisasse do lembrete, e dizendo que estava em local desconhecida. A imagem se transformou em três fotos de homens com passagens policiais. Eu reconheci um rosto, o homem de olhos castanhos que veio com Theresa. Mesmo na foto da passagem policial, ele era bonito, com raiva, com um sorriso maroto que me assustou.

Minha sogra não via televisão. Seu olhar estava meio longe. Sheila estava no telefone ameaçando alguém, e Deirdre estava com sua revista. Declan estava ouvindo Jonathan ou fazendo arranjos para eu matar alguém. Eu precisava estar pronta. Era hora de eu ver Paulie Patalano em seu local desconhecido.

Desculpei-me e peguei o elevador para o segundo andar. Eu escapei pela escada, perguntando se eu deveria pegá-la da próxima vez. Em seguida, se apresentasse mais complicações. Primeira coisa, como eu o encontraria? Como eu faria isso quando chegasse lá? Como eu poderia ter certeza de que o trabalho de Declan foi feito? Quem eu pensava que era?

Andando e batendo o inferno fora de mim, eu fiz a volta por algumas curvas, tentando procurar algo que não tinha decidido. Eu só encontrei ignorância e falta de experiência na simples habilidade do assassinato. Eu tinha um plano de entrada sozinha e uma ligeira esperança de que só seria pega tarde demais para fazer qualquer coisa, além de coletar os órgãos Patalano. Depois disso, eu acabaria confessando e deixaria para a família de Jonathan convencê-lo a anular o nosso casamento. Mas ele estaria vivo. Eu poderia lidar com o resto se ele vivesse.

O grito de um rádio da polícia me fez olhar para cima antes que colidisse com o policial uniformizado. Ele estava na casa dos trinta e parecia ocupar mais espaço do que o humanamente possível. A contraparte feminina estava por perto.

— A equipe somente. — Disse ele, bloqueando meu caminho para o corredor estreito.

— Uh, ok? — Olhei para ele. A sala parecia como todas as outras, exceto para a falta de pessoal e a presença esvoaçante de três mulheres idosas italianas em preto. Esse era o corredor. Fiz nota da localização e me afastei.

Eu sabia que Brad tinha dito que ele estaria em seu escritório Doheny, mas verifiquei de qualquer maneira. Ele era apenas meu vizinho e não significava nada para mim, mas pisei nele de uma forma garantida que o ofendeu. Eu não queria deixar as coisas assim. Ele estava em saindo pela porta, prancheta na mão. Ele diminuiu a velocidade quando me viu, que eu aceitei como um bom sinal.

— Eu sei que você está ocupado. — Eu disse. — Eu só queria pedir desculpas.

Ele continuou andando. — Eu quero explicar o quão sério foi o que você fez, mas tenho uma reunião.

— Eu sei. Tenho motivos, mas não desculpas.

Ele me puxou para o lado, para fora do tráfego do corredor. — Eu só tenho um segundo. Eu não quero fazer você se sentir melhor, porque ainda estou chateado. Mas antes de tudo, a lista não funciona da maneira que você pensa. Geografia é importante. O estado do paciente. O gênero. Não é como uma linha para o café. E em segundo lugar, você não vai fugir disso. Quando isso acabar, você se sentará comigo e eu explicarei as dez maneiras que você ferrou. — Ele era mais alto do que eu e acostumado a estar no comando. Ele tinha a arrogância de um cardiologista e autoridade de um homem que não é chamado pelo seu primeiro nome. Mas quando ele olhou para mim, eu sabia que não estava chateado nem metade, como as suas palavras deixaram transparecer.

— Tudo bem.

— Durante o jantar. — Ele deve ter me visto congelar. — Platônico. Se você me conhecesse melhor, isso não teria acontecido. Isso é tudo que eu quero.

— Eu acho que eu devo a você.

— Você deve. — Ele se afastou. Se ele tivesse apenas me convidado para sair? Sim e não. Jonathan não ficaria encantado, mas Brad não esperava Jonathan estar perto, certo?

Capítulo Trinta e Oito

Monica

Eu tinha que vê-lo mais uma vez antes que

fizesse isso e eles me arrastaram para longe. Eu só tive que colocar meus dedos em seus lábios antes de enfrentar o que precisava fazer. Eu não diria a ele o que eu estava fazendo, porque ele seria cúmplice se não me parasse e isso seria suicídio se o fizesse. Eu ficaria com ele sem interrupção, como sua companheira, mesmo que por uma hora.

Saí do elevador no andar de Jonathan e fui para a direita em vez da esquerda para verificar o posicionamento da escada mais próxima ao quarto de Patalano. Parei na virada como se uma parede de tijolos estivesse no meu caminho.

Margie e Will Santon estavam em um canto, perto demais para amizade, muito longe para intimidade. Suas mãos estavam para cima, Margie apontando e acusando, Will suplicando. Suas palavras eram inaudíveis, mas seus rostos gritavam raiva, mágoa e frustração. Eu teria que verificar o posicionamento da escada no pequeno mapa do elevador, porque não podia simplesmente passear por eles. Eu me virei e fui embora.

Dei dois passos antes de sentir uma mão no meu braço. Margie me parou. Ela parecia irritada e magoada. Embora eu não a conhecesse bem, tinha certeza de que ela não queria que eu perguntasse o que estava acontecendo com Will.

— Eu estava apenas... — Eu comecei a explicar exatamente nada e fui grata por sua interrupção.

— Esqueça isso.

— Onde você estava?

Ela disse. — Esta família dá um trabalho do caralho em tempo integral. Parabéns, de qualquer jeito. Trabalho bem feito. Um pré-nupcial a menos para discutir.

— Nem sequer me ocorreu.

— Ele também, tenho certeza. Mas quero lhe dizer, se ele não atravessar esta noite, estou do seu lado. Eu vou fazer o que meu irmão quiser.

— Ele ainda não está morto.

Ela agarrou meus ombros e colocou seus olhos nivelados com os meus, como se quisesse me dizer algo crucial e doloroso. Em vez disso, ela jogou os braços em volta de mim e me abraçou com tanta força que pensei que quebraria minhas costelas.

— Eu invejo você. — Disse ela. — Você sabia?

— Se algo for mal, como se eu fizer algo errado, você me representa? Não importa o quê?

Ela me empurrou, me segurando pelos ombros. — O que você está falando?

— Coisas. Vida. Diga sim.

— Tudo bem. — Eu vi Will com o canto do meu olho. Seu olhar desviou então voltou para mim. — Vá vê-lo. Eu estarei lá em um minuto.

Capítulo Trinta e Nove

Monica

Havia médicos e enfermeiros em todos os lugares. Lençóis limpos e brancos e esfregões inteligentes. Bandejas de restos de comida e detritos de plástico consoladores, cores sem sentido. As luzes estavam ajustadas e sem brilho, como se isso o ajudasse a dormir com todo o tráfego humano na sala. A médica não era muito mais velha do que eu, mas eu sabia pelo jeito que ela fazia perguntas, em vez de responder.

— Oi. — Eu disse.

— Você é sua esposa?

O título ainda me atingia como um saco de farinha. — Sim. Eu gostaria... Eu não sei. Tempo. Um pouco.

— Você terá.

Ela empurrou todo mundo para fora, e era só eu e ele. Ele parecia como se alguém o tivesse pintado o branco. Se eu achava que era difícil vê-lo depois de sua operação desastrosa, bem, isso era pior. Naquela noite, desceu em mim a aceitação da situação pelo que era ou eu viveria na porra de uma ilusão.

— Boa noite, senhor. — Eu disse.

— Venha aqui. — Sua voz não era melhor do que um sussurro atravessando uma parede de pedra. Levou muito esforço, como se ele me carregasse para cima.

Eu coloquei meus cotovelos em ambos os lados de sua cabeça e toquei seu nariz como meu. — Jonathan, eu...

— Se você nunca viu beleza em um momento de sofrimento...

— Oh, eu me lembro como isso continua. Schiller era o poeta. Eu pesquisei.

— Eu sempre pensei que o objeto era o sofrimento. Mas acho que é o espectador, agora. Eu acho que vi isso, eu vi beleza pela primeira vez.

— Você me fez tão feliz. Eu queria te dizer isso.

— Eu joguei com você no começo. Eu perdi muito tempo mentindo para você.

— Isso já é demais.

— Na verdade... — Ele fez uma pausa, e eu sabia o porquê.

— Você está brincando. — Eu disse.

— A noite do show Eclipse, quando fui para Jessica...

— La la la, eu não o ouço.

— Houve mais do que o beijo.

Eu deixei meu pescoço libertar o peso da minha cabeça. Minha testa caiu em seu ombro. — Vá em frente.

— Segunda base.

Do jeito que ele acariciava meu braço e acariciou meu cabelo, ele deve ter pensado que meus ombros trêmulos e respiração travando eram sinais de que eu estava chorando. Mas quando recuei minha cabeça e viu que eu estava rindo, ele sorriu.

— Então está tudo bem? — Ele perguntou.

— Sim, está tudo bem. Há mais alguma coisa? Quero dizer, sério. Algo que importe?

— Não. Mas meu cérebro não está funcionando bem. Então, alguma coisa pode vir mais tarde. — Eu coloquei meu rosto ao seu, porque ele falou mais tarde, como se isso fosse acontecer. Ele já parecia frio. — Você nunca me falou sobre a nossa noite de núpcias. Eu levá-la para nossa casa sobre meu ombro.

Eu mordi meu lábio. Ele não o queria triste. Ele queria ter uma vida em sua mente. Eu poderia dar isso a ele. — Estou rindo porque Lil pode nos ver, e toda a coisa homem das cavernas é hilário. Eu sei que você tem algo planejado, mas não tenho ideia do que. A casa fica em uma colina na Beechwood Canyon. Podemos ter uma em Beechwood Canyon?

— Tudo é questão de conversar.

— É uma obra-prima modernista nas colinas com paredes de janelas com vista para cidade. Você fecha a porta e me levar passando pela casa escura indo para o quintal. É iluminado com luzes de velas, e a piscina tem luzes nela. Tudo brilha como se fosse debaixo de água. Você me coloca em pé, e diz: 'Solte o seu cabelo'.

— Eu levanto os meus braços para puxar uma centena de grampos e soltar as tranças do meu cabelo. Meus braços estão fora do caminho, e você usa a abertura para beijar meu rosto, meu pescoço. Suas mãos seguem, pousando na minha clavícula. Você arrasta o dedo sobre ela e para baixo. Você encontra o zíper do meu vestido de noiva ao lado e o puxa. Eu ainda não estou satisfeita com o meu cabelo. Admito que eu esteja fazendo super devagar, mas está caindo do seu acordo. Você puxa o vestido para baixo até se acumula aos meus pés. Suas mãos encontram as bordas da minha calcinha. É toda de tiras e argolas. Meu cabelo cai totalmente. Você dá um passo para trás e olha para mim. Eu me sinto bonita. Você me fez sentir assim todos os dias, olhando para mim em seu smoking preto. Eu digo, 'O que você quer, senhor? E você diz:...

— Eu falo isso. — Ele interrompeu. Mesmo com sua voz raspando eu paro. — Eu digo, “Amanhã vou destruir isso. Vou marcar o seu corpo e arruinar a sua mente. Ao meio-dia, você não saberá se ri ou chora. Mas hoje à noite? Esta noite,

vou te reverenciar. Eu vou construir um altar de mim mesmo. Vou enquadrar você nas estrelas”.

— Deus, você me deixa louca quando fala assim.

— Há um cobertor sobre a grama. Eu levá-la a ele. Você se deita.

— A noite está clara. As estrelas estão brilhando.

— Meus lábios em seu corpo traçam a história do meu amor.

Meus cílios se agitaram em sua bochecha. — Eu tento tocá-lo, mas você não me deixa. Deus, você ainda está de smoking.

— Eu tirei.

— Quando?

— Quando eu digo, deusa.

Eu suspirei, indo com ele. — Você é perfeito. Moldado para mim.

Ele engoliu em seco. — Eu beijo seus tornozelos. Empurro suas pernas, afastando-as. Eu desenho um mapa para o seu sexo com a minha língua. Sinto-me surpreendido. No meu interior, eu preciso puxá-la, golpeá-la com o meu pau, fazer você gritar e implorar. Mas me seguro. Eu beijo atrás dos seus joelhos. Eu me controlo por você.

— Eu quero você. Você é tudo que eu posso pensar.

— Estou perdendo fôlego.

Seus olhos enchem minha visão, bordas vermelhas e pele pálida. Ele estava encharcado em exaustão, mas precisava de mim para criar a história para ele, para nós. Eu respirei fundo e beijei sua bochecha, deixando meus lábios permanecerem nele. — Seus lábios dentro das minhas coxas. Sua língua encontrando seu caminho para mim. Você beija meu clitóris. O dedo nos meus mamilos. Você está me tocando apenas o suficiente para me deixar louca. Sua boca trabalha entre as minhas pernas, chupando e contraindo. Eu arqueio minhas costas. Estou tão perto quando você para, e você sabe disso também. Você me puxa para si. Nós nos beijamos. O gosto minha boceta em você.

— Espere.

— O quê?

— Eu me viro. Nós dois estamos de joelhos. Suas costas estão contra mim. Eu a empurro até que você se abre para mim. Eu coloco meu pau em você, e você empurra para baixo.

— Você está tão duro, e eu estou tão molhada. É tão fácil, certo? Nem sempre foi tão fácil para você colocar seu pau em mim? Como se você tivesse sido feito para estar lá.

— Eu puxo a cabeça para trás até que você esteja olhando para o céu. Eu seguro seu rosto para cima. Minha mão está em seu pescoço.

— A outra mão desliza entre minhas pernas. Você toca onde estamos unidos.

— Eu olho para as estrelas com você.

— Eu me movo com você. Estou seguro sob o céu. Eu sinto você em todos os lugares em mim. Estou cheia de você. Eu digo a você que vou gozar.

— Eu digo, 'sim'.

Ficamos em silêncio por um minuto, profundamente unidos como se estivesse dentro de mim, expandindo juntos, um no outro, totalmente unificados, fundidos, conscientes de onde os nossos corpos deveriam estar.

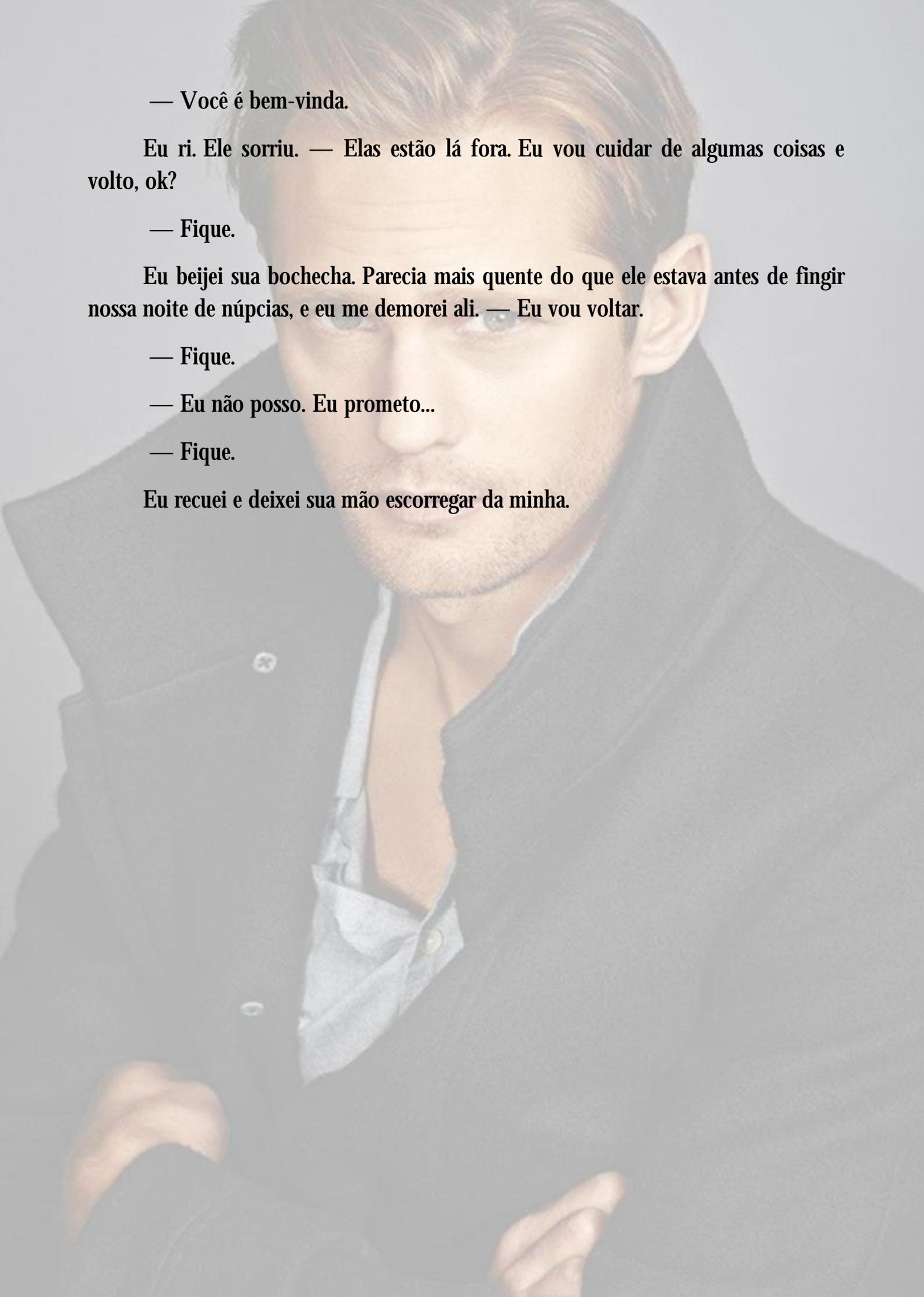
— Eu te amo. — Eu sussurro.

— Por favor, fique comigo.

Eu não respondo por um longo tempo. Eu mantive meu rosto enterrado em seu pescoço e ouvi sua respiração. Em algum momento eu teria que sair e encontrar com Declan. Para conseguir os “*quandos e porquês*”, em seguida, chutar a bunda dele por não manter sua parte no fim do negócio. — Sua família vai querer ver você.

— Você nunca quis irmãs? — Ele perguntou.

— Sempre.



— Você é bem-vinda.

Eu ri. Ele sorriu. — Elas estão lá fora. Eu vou cuidar de algumas coisas e volto, ok?

— Fique.

Eu beijei sua bochecha. Parecia mais quente do que ele estava antes de fingir nossa noite de núpcias, e eu me demorei ali. — Eu vou voltar.

— Fique.

— Eu não posso. Eu prometo...

— Fique.

Eu recuei e deixei sua mão escorregar da minha.

Capítulo Quarenta

Monica

Quando saí, deveria ter sido uma visão. As luzes brilhantes da sala feriram meus olhos e meu cabelo era um ninho de rato pressionado no formato dos dedos de Jonathan.

Eileen se aproximou. — Como ele está?

Eu não disse nada. Os médicos relatariam fatos a ela. Tudo o que eu podia dizer era algo como. — Ele mal consegue me dizer como vai me foder, porque está morrendo. — Mas isso não seria útil, muito menos para mim. Eileen passou por mim, então Sheila, em seguida, Margie e Deirdre. Leanne estava na Ásia. Carrie longe. Theresa em algum tipo de problema. Fiona, pela primeira vez sem comitiva, se deslocando pelo corredor e passou na minha frente.

Declan ficou na retaguarda e sussurrou em meu ouvido. — Quinze minutos de uma simulação de incêndio no segundo andar. Eles não movem pacientes com morte encefálica para treinos. Ele vai ficar sozinho. O pessoal arranjou. Policiais são imprevisíveis. Boa sorte. — Ele piscou para mim com verdadeiro entusiasmo, como

se a situação fosse simplesmente deliciosa. Por mais que eu duvidasse do medo e ódio de Jonathan por seu pai, naquele momento, eu soube que não era completamente infundado.



Capítulo Quarenta e Um

Monica

Eu tinha quinze minutos.

Eu me sentia muito longe, meu corpo como um traje emprestado, a minha mente um instrumento contundente, a minha alma em uma sala cheia de família enrolado ao lado de um homem morrendo. Quinze minutos para matar. Eu não podia ficar parada. Eu fui para as máquinas de venda automática e olhei para pacotes alegres de papel com produtos sintéticos e sob nítida luz azul apetitosa. Em uma caixa do tamanho de uma geladeira, embalagens de cola, onze botões, todos produzindo a mesma bebida, eu me sentia em uma posição estranha na frente de algo novo e desconhecido. Pessoas prestes a cometerem um assassinato em filmes pareciam tão espertas e conscientes. Eles poderiam chutar e socar com reflexos rápidos. Eu não me sintia assim. Sentia-me mais como se estivesse andando debaixo d'água.

Dez minutos.

Mais do que tudo, eu queria descansar. A ideia de encontrar uma sala de espera e adormecer em um sofá parecia atraente. Eu dormiria com a oportunidade, e nada disso seria minha culpa. Jonathan morreria amanhã ou no dia seguinte, mas eu ficaria bem. Eu ia para o trabalho na terça-feira, e seguiria em frente como fiz antes. Exceto que nunca o tocara novamente, ou ouviria sua voz, ou me ajoelharia

diante dele, como a escrava que eu era. Todos os outros pedaços da minha vida seriam os mesmos.

Em última análise, eu estava sendo egoísta. Eu queria que ele vivesse por minha causa. Porque sabendo que ele estava lá me acalmava. Porque eu não acreditava verdadeiramente que eu tinha qualquer controle sobre mim ou minha vida, se ele não estivesse lá. Porque sem ele, as coisas estavam *erradas*. O erro era a minha percepção. O mundo ficaria bem sem ele. Realmente. Ele não era a Madre Teresa.

Cinco minutos.

Você está falando consigo mesma, isso?

A calma de alguma forma entrou em pânico, como uma roda se movendo tão rápido que surgia e ainda assim, subi as escadas. Eu sabia onde tinha que ir fisicamente, mas mentalmente, me sentia como se eu tivesse pintado no chão da porta um canto no sangue. Abri a porta com minha mão e entrei no segundo andar. Já passava das 14h00horas. Equipe reduzida de funcionários. Nenhum visitante. Eu fiz contato visual com o policial lendo o jornal, porque qualquer coisa menos, me faria por ser suspeita antes de agir. E essa coisa precisava ser feita.

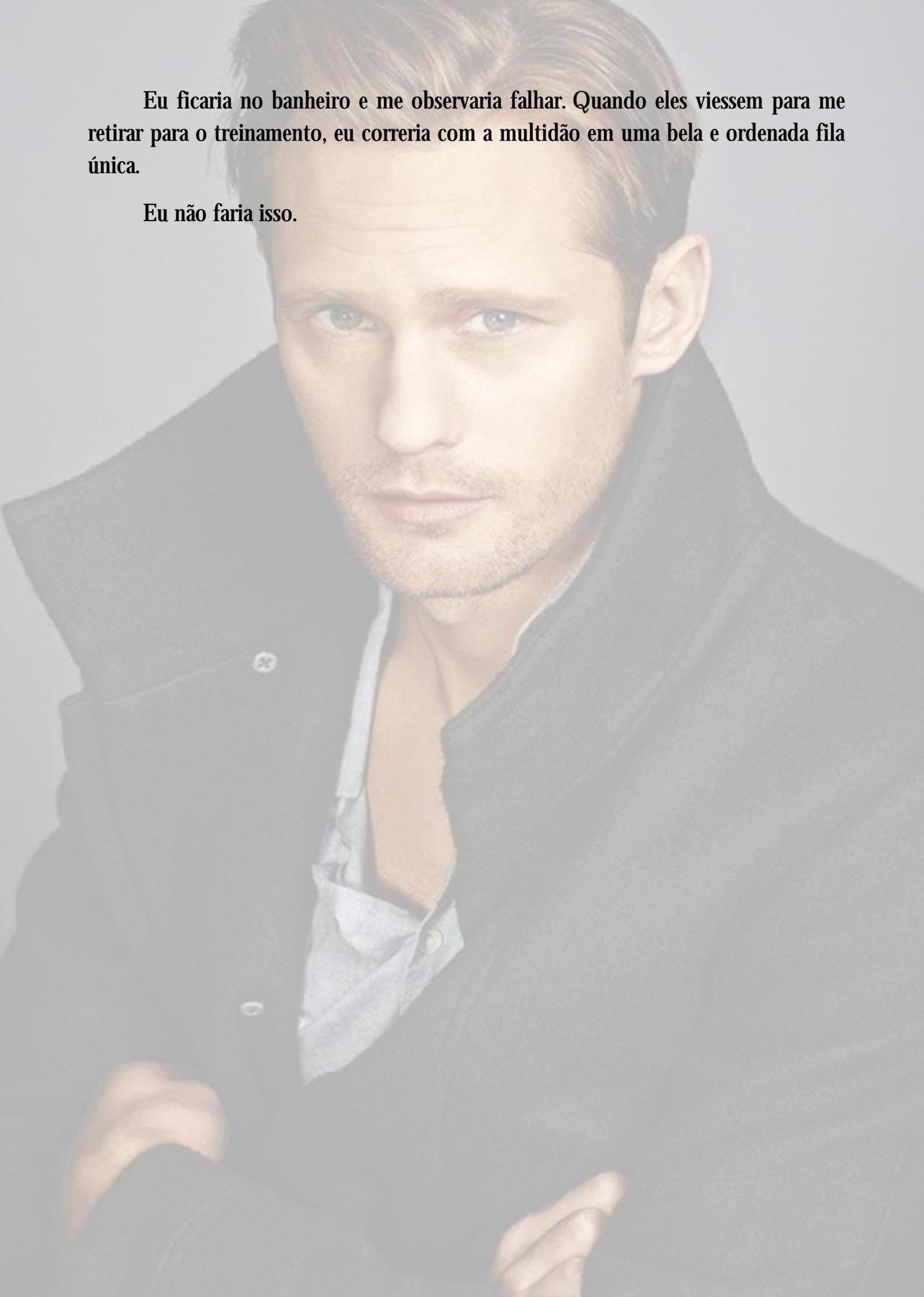
Três minutos.

Eu fui para o banheiro. Os espelhos estavam manchados pelo líquido de limpeza barato, e meu rosto parecia fracamente limpo, cansado, muito fodidamente magro. Eu não parecia forte o suficiente para fazer isso. Eu parecia uma boneca de cera.

Um minuto.

Não. Eu não poderia fazer isso. Eu teria apenas que lidar com a vida sem ele e tudo o que poderia teríamos ter sido um ao outro. Eu teria que deixá-lo morrer. Eu não poderia resgatá-lo. Eu não era forte o suficiente. Não eram as consequências, mas o ato em si. Eu não tinha força de vontade para brutalidade. Eu era uma criança na cabeça. Uma invertebrada covarde, e faminta, exausta e estúpida criança.

A luz brilhou, e um chiado cortou o ar.



Eu ficaria no banheiro e me observaria falhar. Quando eles viessem para me retirar para o treinamento, eu correria com a multidão em uma bela e ordenada fila única.

Eu não faria isso.

Capítulo Quarenta e Dois

Monica

Pessoas aparentemente, conseguem um filme em reflexos, de momentos de estresse que o resto de nós sonha que acontecerá com a gente. Sonhamos que quando estamos à beira do precipício, podemos saltar para a segurança ou para salvar, magicamente mais forte e mais rápido do que uma hora antes. Nós estamos entretidos com a ideia de que poderíamos ser capazes quando for necessário, e nossa incompetência diária é simplesmente devido ao fato de que não somos desafiados o suficiente.

Isso nunca acontece, é claro, porque a vida não acontece nas bordas dos penhascos. Acontece nos banheiros e corredores. Isso acontece quando um alarme de incêndio dispara, e toda a prevenção desliza como uma camisola de seda. Para mim, isso aconteceu no segundo grito da sirene quando tudo clicou junto.

Vá agora.

Cada escolha que eu tinha feito me levava lá. Se eu negasse, estaria no *The Walking Dead*.

A humanidade correndo e gritando. Partes de uma máquina girando e empurrando. Pacientes sendo empurrados pelo corredor. Uma enfermeira exigindo que eu fosse embora, me fazendo ir, em seguida, voltei assim que ela se virou. Um

guarda de segurança gritou para mim. Dei-lhe um polegar para cima e continuei. Peguei alguns casaco pendurados em uma cadeira como se eu tivesse voltado para recuperar as minhas coisas e, novamente, virei outra esquina, quando sua atenção se voltou.

Haveria câmeras, e eles me veriam. Eu não perderia meu tempo tentando evitá-las. Eu seria pega, e receberia minha punição. Vergonha. Prisão. A carreira destruída.

O corredor do Patalano estava limpo. Declan deveria ter cuidado disso. A simulação de incêndio era um desvio tão óbvio que a polícia teria planejado isso. Mesmo o mais estúpido mafioso o teria demitido, mas eles tinham ido embora.

Entrei em seu quarto. Estava escuro, e ele estava sozinho, deitado de costas. Tudo era exatamente o que eu esperava, como se eu estivesse andando em um lugar familiar. O barulho e zumbido das máquinas foram abafados pela sirene. As máquinas eram maiores do que as do quarto de Jonathan, com mais mostradores e indicadores. O rosto de Patalano estava escondido por tubos que desciam pela garganta e uma bandagem na cabeça. O pescoço mantinha-se estável por um aparelho de plástico, e os olhos fechado com uma fita adesiva.

Acenei minha mão na frente dele. Nada aconteceu. Eu não sabia se eu estava verificando o que diria ou o que importava. Ele estava com morte cerebral. Seu corpo era um sistema de vida para um músculo do coração em funcionamento. Fim da história. Eu me concentrei nas máquinas. Tinha que haver um switch ou um plugue. Certo?

Havia interruptores e tomadas em todos os lugares e em lugar nenhum. Todos os fios corriam para trás de um aparelho de duas toneladas e desapareciam. Foda-se. Por que eu achei que seria simples? Virei qualquer chave que consegui pegar na frente da minha mão. Embora a coisa gemesse, eu não tinha maneira de saber se o que eu estava fazendo teria o efeito necessário.

— Isso não faz absolutamente nada. — Disse uma voz atrás de mim. Reconheci-a imediatamente. Jessica.

— Saia. — Eu disse.

Em dois passos, ela estava nas máquinas, deixando tudo como estava antes. — Você não muda uma garota em estado vegetativo e cuida dela durante dez anos sem aprender alguma coisa.

— Saia! — Eu gritei.

— Ouça. — Ela gritou de volta. Nossas vozes eram cobertas pelo alarme de incêndio, mas por quanto tempo? — Encontre o cateter.

Eu congelei por um segundo, lutando contra tudo o que eu acreditava sobre Jessica e analisando o que vi na minha frente. Ela estava tentando me ajudar. Era amor? Ou ela estava salvando a galinha dos ovos de ouro? Será que isso importava? Eu encontrei o tubo que vinha do centro da cama e terminava em um saco selado sob ele.

Ela me viu olhar para ele. — Dê uma torção nele. Isso vai fazer retornar, e ele vai morrer de choque séptico em uma hora.

Algumas gotas de líquido amarelo fluíam pelo tubo. Jessica colocou a mão no meu braço. Ela não o faria. Tudo dependia de mim.

Ele me amava, porque ele achava que eu era *boa*. Será que ele me amaria se eu me arruinasse por ele?

O alarme de incêndio parou. O silêncio era esmagador. Eu ouvi as respirações forçadas, e o ouvi de perto, ouvi o fluido que passava pelo cateter e as batidas de um coração supérfluo.

— Faça isso. — Jessica sussurrou.

Faça isso e arrisque minha própria vida. Faça isso, reconhecendo que Jonathan não tinha feito a Rachel, porque ele deveria ter acreditado algo maior, mais profundo, mais espiritual que vivia em nossos corpos. Faça isso, e perca Jonathan mesmo que ele viva.

Com uma curva de meu joelho e um toque do meu pulso, eu dobrei aquela coisa, e o fluido que passa por ele parou.

— Corra. — Jessica disse e foi embora.

Tomei consciência de vozes, o rangido de macas, o farfalhar da atividade humana. Saí do quarto, observando que o tubo encher. Na minha ignorância, eu não tinha silenciado meu telefone. Quando o *Bloop* de uma mensagem chegou, eu pulei para virar a coisa. Quando o fiz, eu vi que era de Brad.

- Nós temos um coração. Vindo de Ojai. Em Uma hora. -

Como uma criança mergulhando nos doces de uma piñata, eu fui até o cateter dobrado e alisei-o até que o líquido fluiu. Eu corri para fora como se estivesse voltando de um treinamento de incêndio, bati a porta escada que estava lotado de pessoas voltando do treinamento, e apoiei em um canto, respirando em suspiros, como se minha alma tivesse sido salva em um minuto para se notar. Acenei para longe quem parecia preocupado. Eu só precisava de um tempo para me recompor. Respire. Essa foi a coisa mais assustadora que eu já tinha feito.

— Senhora? — Dois policiais, a mulher e o homem que eu tinha visto do lado de fora do corredor de Patalano, se aproximaram de mim.

— Sim. — Eu respondi.

— Você pode vir conosco? — Perguntou a policial feminina.

Meu coração se afundou. Eles vieram para mim. Apesar de desdobrar o cateter, eu tentei. Tentativa de homicídio. Alguém tinha me visto e me apontado. Quando eles desvendassem tudo, veriam as minhas impressões por todo o lugar. O vídeo. Minha presença aparentemente sem sentido no corredor na noite anterior. Claro.

Eu estava acabada.

Capítulo Quarenta e Três

Jonathan

Ouvi um alarme de incêndio, mas aparentemente ele estava em um andar inferior. Nada de pânico. Minha família riu com alívio, mesmo meu pai, que eu acreditava realmente não entender leviandade. Eu estava imóvel e em silêncio, fiquei porque não tinha os meios para fazer mais nada. Um quarto cheio de pessoas que me amavam, e eu nunca me senti tão sozinho. Eu queria que Monica voltasse. Senti-me infantil por desejá-la tanto, mas me sentia arranhado até um nó sem costume ou disciplina, sem expectativas ou sugestões sociais. Apenas o núcleo desejava o asco não filtrado por uma personalidade construída pela metade o valor de uma vida inteira de experiências.

Eu estava com medo de morrer.

Meu corpo estava desconfortável.

Eu queria Monica.

Passado essas três sensações avassaladoras, eu tinha apenas entradas sensoriais e sentimentos mesquinhos. Mesmo ao fim da ligeira agitação da simulação de incêndio, não me movi. Houve alguma notícia feliz entre a minha família, como uma vitória improvável do Dodger ou um próximo casamento. As pessoas correram vestindo de verde e rosa, gritando ordens. Minha mãe veio até mim, sorrindo, e beijou minha bochecha. Ela acariciou-o até que o Dr. Emerson, o de cabelos

grisalhos que entrava e saía do meu quarto, dezessete vezes por dia, puxou-a para longe. O rosto dela foi substituído pelo seu.

— Nós conseguimos um coração. É compatível. Estamos preparando você para a cirurgia.

Eles trataram o meu corpo como um casaco que estavam consertando, e eu me senti humilhado e desligado, mas esperançoso.

— Monica. — Eu disse a palavra a uma enfermeira que eu não reconheci. Ela olhou para cima e caminhou para alguém que eu não podia ver. Houve uma conversa que eu não conseguia entender.

Ela disse-me em voz concebida para maior clareza. — Vamos avisá-la.

— Onde ela está?

— Nós não sabemos. Apenas continue imóvel. — Ela levantou a cabeça e amarrou algo em volta do meu pescoço. Isso estava acontecendo rápido demais. Eu já tinha deixado Monica sair do quarto. Eu deixaria isso acontecer porque estava fraco, e agora eu tinha perdido o controle da situação por completo. Isso não poderia acontecer. Eles não podiam me levar embora e me cortar novamente sem que eu a visse. Eles haviam feito isso da última vez, e olha o que aconteceu.

— Não! — Eu balancei meu braço. Deveria ter sido realmente patético, porque eles só me prenderam tão facilmente como se eu fosse feito de osso e pano. Eu disse o nome dela para mim mais e mais, mas ela não apareceu.

Capítulo Quarenta e Quatro

Monica

Eu tentei não me inquietar mesmo depois deles levarem o meu telefone.

Fui criada para pensar que polícia acreditava que remexer significava mentir. Eu não estava mentindo muito. Eu não era da máfia ou associada a qualquer tipo de negócio ilegal, que era o que eles tentaram insinuar. Eu não conhecia sobre quem eles perguntaram. Eu era apenas eu. Um dos milhares artistas alta, magra que lutava por um espaço na cidade.

— Eu queria olhar para ele. — Eu disse. O policial digitou em um laptop, e a policial feminina apoiou os cotovelos na mesa. A sala de descanso fedia café velho, jarro de creme não lácteo, e cobertura açucarada.

— Por quê? — Ela perguntou.

— Porque o meu marido está em quarto lá em cima esperando por um transplante de coração. O cara está com o cérebro morto e com um bom coração, e eu só queria fazer uma oração para que ele morresse. Eu sei que isso me faz uma pessoa ruim. — Parei por aí. Isso era a mentira que pensei que poderia me safar. Eu poderia ter dito a verdade, mas eles não estavam procurando por alguém que tinha ferrado com o cateter. Suas perguntas me diziam que eles estavam procurando o verdadeiro assassino.

— Esse é o seu anel? — Ela perguntou.

Eu estendi minha mão. — O diamante é da sua irmã.

— O outro é incomum.

— Casamento apressado com um homem moribundo que eu realmente gostaria de ver.

— Espere lá fora, por favor. — Eles me levaram para uma fileira de cadeiras que criaram para as pessoas que estavam questionando. Um homem atarracado com cabelos negros entrou em seguida. Foda-se, quanto tempo poderia demorar? Eu não conseguia parar a inquietação. Depois de vinte minutos, olhei para o relógio.

Dez minutos para três horas da manhã. Será que me acusariam pela manhã? Esperei por 10 minutos, as mãos ainda, de repente não inquieta. Quando o segundo e minuto atingiram as doze, fechei os olhos e coloquei meus dedos em meus lábios. Eu não sei quanto tempo os mantive lá. Eles pressionaram a minha pele até que a policial feminina saiu e me entregou meu telefone e ID.

— Você pode ir.

Corri como o inferno.

Capítulo Quarenta e Cinco

Jonathan

Era brilhante. As vozes ao meu redor falavam

como robôs entre si e com bondade falsa para mim. Eles narraram o que estavam fazendo, mas tudo o que eu sabia era que estava amarrado a uma maca, olhando para o teto, sem nenhuma maneira de ver o que estava acontecendo ao meu redor.

— Tudo bem. — Disse um homem em algum lugar atrás de mim. — Eu sou Doutor Chen. Como estamos hoje?

— Pergunte a si mesmo a metade da resposta.

— Certo. Okay. Vou colocar essa máscara sobre seu rosto. Você precisa apenas respirar e contar para trás a partir de dez.

— Espere. — Ele inclinou-se para olhar para mim. Indivíduo asiático. Cerca de trinta anos. Gorro. Máscara de gás na mão enluvada. — Que horas são?

— Uhm... — Ele parecia se sobrecarregar com a pergunta. — Três.

— Exatamente três?

— Falta um minuto. — Ele começou a baixar a máscara novamente.

— Espere. — Eu olhei ao redor da sala, tanto quanto a minha posição me deixava. Cinco pessoas estavam em volta vestidos de uniforme azul claro de médicos

e enfermeiros, com as mãos para cima com as palmas voltadas para os ombros. Mais correria ao fundo. Eu não acho que poderia soar alto o suficiente para ser ouvido sobre o ruído ambiente. — Desamarre-me. Uma mão.

Dr. Chen pigarreou e trocaram alguma comunicação silenciosa com os outros médicos. — Senhor Drazen...

— Por favor.

— Você não deveria estar se movendo agora...

— Por favor! — O apelo veio mais alto do que pensei que seria capaz.

Silêncio mortal se seguiu. O relógio marcou e que eu não podia ouvir ou ver, eu estava ciente da batida do meu coração fodido. Eu tinha talvez 35 segundo.

— Senhor Drazen. — Disse Emerson. — Você precisa se acalmar.

— Vou me acalmar. Basta fazer isso. Por favor. Meio minuto.

Eu não podia ver seu rosto pela máscara, mas seus olhos se acalmaram. Ele olhou para um instrumento antes de voltar para mim. — Não se debata.

— Não. Sem debater.

Ele acenou para alguém, e eu senti o movimento no meu pulso esquerdo. Eu não sabia o quanto estava tenso, até que o soltaram. Imensa gratidão me inundou e uma espiral de medo desenrolou do meu torso, endurecendo meus membros. Quando atingiu meus dedos, eu lentamente levantei minha mão.

— Você pode me dizer quando for exatamente três? — Eu perguntei ao Dr. Chen.

Ele olhou para o relógio de parede, e notei que o resto deles de pé, em silêncio, todos olhando na mesma direção. Chen fez contagem regressiva. — Em quatro, três, dois...

Eu coloquei meus dedos em meus lábios.

Capítulo Quarenta e Seis

Monica

Eu não podia ficar mais naquela sala. Eu estava acostumada a lidar com a dor e preocupação sozinha, eu não estava acostumada ao estresse grupal. Quando papai morreu, mamãe se retirou, tias e tios foram embora, e eu basicamente lidei com isso sozinha. Ter irmãs que eram minhas, apenas às custas de uma união forçada não era o sonho que eu tinha imaginado. Elas tinham personalidades e necessidades que eu não sabia como atender. Eu não sabia como pedir-lhes o que eu precisava, porque o que eu precisava era ficar sozinha.

Então, calmamente sai. Declan não estava mais no refeitório. Ele estava lá em cima com as mulheres, sentado com sua esposa, mas não a tocava. Eles conversaram docemente um ao outro que, considerando todas as coisas, era uma melhoria.

Eu me senti esperançosa. Eles fizeram isso em nove anos. Isso foi bom. Foi muito bom, aparentemente. Ele iria sair daquele hospital, e nós descobriríamos o que fazer. Entrei no estacionamento dos fundos, apenas em busca de um espaço aberto, sob o céu, com uma mola nos meus passos. Eu estava um pouco sonhadora, esperando que ele quisesse ficar casado e mudar para uma casa comigo. O coração iria durar dez anos, mas talvez pudéssemos aumentar em mais dois. Ou talvez outro viria e teríamos 20 anos juntos. Parecia uma eternidade. Vi a Mercedes de Jessica e então ela, baixando a tampa do porta-malas. Ela me viu e acenou mas fui para a

porta do motorista. Acenei e era onde eu ficaria. Cheguei até ela quando estava saindo.

— Hey! — Eu bati na janela.

Ela abaixou-a. — Sim?

— Obrigada. — Agradecendo-lhe por me dizer como matar alguém parecia ridículo. — Por ajudar. — Ainda ridículo. — Eu recebi um telefonema quando estava saindo, e eu arrumei o tubo de volta do jeito que era.

Ela apenas olhou para mim como se eu fosse louca. — Ele tem um coração, ou não?

— Ele está em cirurgia. Você quer ficar? Quero dizer, não por mim, Deus sabe. Pela família? Eles tipo a consideram uma delas.

— Não, mas obrigada. — A janela se arrastou para cima, e dei um passo para trás quando ela saiu.

Eu ouvi o grito de rádios da polícia atrás de mim, me tirando do meu devaneio. Próximos. Vindo para mim. Virei-me e encontrei três policiais uniformizados correndo em minha direção, mãos nos coldres.

Eu levantei minhas mãos.

A preto e branco veio para mim, sirenes ligadas. Eu coloquei minhas mãos sobre minha cabeça e fiquei de joelhos. Ok, eles sabiam. Eu tentei matar Paulie Patalano. Foda-se. Okay. Okayokayokay. Apenas se submeta. Cale a boca, deixe-os levá-la, chame Margie e a deixe trabalhar nisso.

O carro parou e três policiais explodiram atrás de mim, quase me derrubando. Eu me encolhi. Houve gritos. *Saia do carro.*

Eu não estava em um carro. Obviamente. Tirei minhas mãos da minha cabeça e abri os olhos.

Um policial estava com a arma apontada para a Mercedes de Jessica do lado do motorista. Outro abriu a porta. Mais ficou atrás da porta do carro.

A mulher que tinha vigiado o corredor de Paulie Patalano estava em cima de mim. — Não é de hoje, mocinha.

— Eu estava apenas...

— Saia. Não há nada para ver aqui. — Ela me enxotou.

Levantei-me e me afastei. Andando rápido, de cabeça baixa, naveguei por uma multidão recém-formada até que corri para um homem que agarrou meus bíceps.

— O que foi aquilo? — Will Santon perguntou. — Você estava ajoelhada.

Eu não queria dizer a ele. Eu queria que o que quase fiz no quarto desaparecesse para sempre. — Eu cresci no gueto. Isso é o que você faz quando a polícia corre atrás de você. — Ele pareceu aceitar isso e soltou meus braços. — Mas era Jessica. O que ela poderia ter feito? Meu Deus.

Talvez eles pensassem que *ela* era a pessoa que torceu o cateter, em seguida, o arrumou. Talvez ela tivesse uma tentativa de homicídio por mim. Isso não fazia sentido. Eu tive que pensar por um momento se iria deixar isso.

— Estamos trabalhando nisso há semanas. — Ele sussurrou e sorriu. — Depois que parei de ter de seguir *você* por perto.

— Não era ela. — Eu sussurrei de volta.

— Sim, era. — Ele disse com satisfação no rosto. — Ela matou Rachel Demarest.

— Mas...

— Jogou com os tubos suficientes, e alguém naquela condição ficou com pneumonia. Confie em mim. Estamos atrás dela há semanas.

Eu vi quando Jessica tinha as mãos algemadas para trás.

Capítulo Quarenta e Sete

Monica

Mais espera. Eu me sentia como se eu tivesse passado as últimas semanas não fazendo nada além de esperar.

O refeitório estava quieto. Olhei para o meu chá, tentando absorver a prisão de Jessica. Esse era o plano de Jonathan. Ele foi a minha curiosidade que o impediu de execução. Eu parecia tão pequena agora. Olhei para o meu relógio, verifiquei minhas mensagens procurando por uma de Margie, e peguei meu caderno.

Eu o abri na última página, a única deixada em branco. Muito do que eu tinha no caderno não era adequado para ser colocado à música. Eu tinha desenhos e anotações pessoais, composições para vários instrumentos com nenhuma ideia se haveria mesmo uma possibilidade de encontrar palavras correspondentes.

— Monica. — Brad sentou perto de mim com um copo de iogurte pré-embalado e torradas envoltas em plástico.

— Brad. — Fechei meu caderno. — Obrigada por essa mensagem. Foi... ela salvou a minha vida.

— Tenho certeza de que você está exagerando. — Ele desembulhou o sua torrada. — Você está fora do gancho para o jantar, você sabe. Mas espero que nós ainda possamos ser amigos?

— Claro. Você ainda precisa gritar comigo pelo o que eu fiz.

— Eu vou dar-lhe uma bronca. — Ele mordeu a torrada, torceu o nariz, e foi para o iogurte. — O que você está fazendo aqui?

— Margie disse que me mandaria uma mensagem quando ele saísse. — Eu olhei para o meu telefone, checando para ter certeza pela centésima vez.

— Quanto tempo se passou?

— Seis horas, mais ou menos.

Ele mexeu o iogurte. — Isso é muito tempo.

Eu levei um segundo para absorver o que ele disse em seguida peguei meu celular e mandei uma mensagem para Margie.

- Alguma novidade? -

— Se ela se esqueceu de me enviar uma mensagem de texto, eu vou quebrá-la. — Eu disse mais para mim do que para Brad.

Uma mensagem voltou.

- Dr. saiu há uma hora. Problemas com a válvula aórtica. Ruim -

— Foda-se. — Eu nem disse adeus ao Brad.

Capítulo Quarenta e Oito

Monica

Essa porra de sala de espera, a mesma que todos os outros que eu tinha visto quando ele passou entre as unidades. Quando sai do elevador, eu percebi que o local se transformou com suas cores cinzentas e assentos desgastados. Eu sabia que não importava o que acontecesse, que provavelmente seria o último dia que passaria em uma sala de espera me preocupando com Jonathan.

Estavam todos lá, como um time de beisebol de cabelos vermelhos. Mesmo Fiona parou de bufar por tempo suficiente para segurar a mão de sua mãe. Elas olharam para mim, os olhos sombreados do verde ao azul e recuando, enquanto eu me sentava com Margie.

— Desculpe, eu não mandei a mensagem para você. — Disse ela. — Eu tive alguns problemas.

— Não se preocupe com isso. Você já ouviu falar de Jessica?

— Sim. — Ela acenou como se não pudesse se importar menos. Sua boca estava apertada, e ela parecia desanimada e em pânico. Eu nunca pensei que veria Margie tão perturbada.

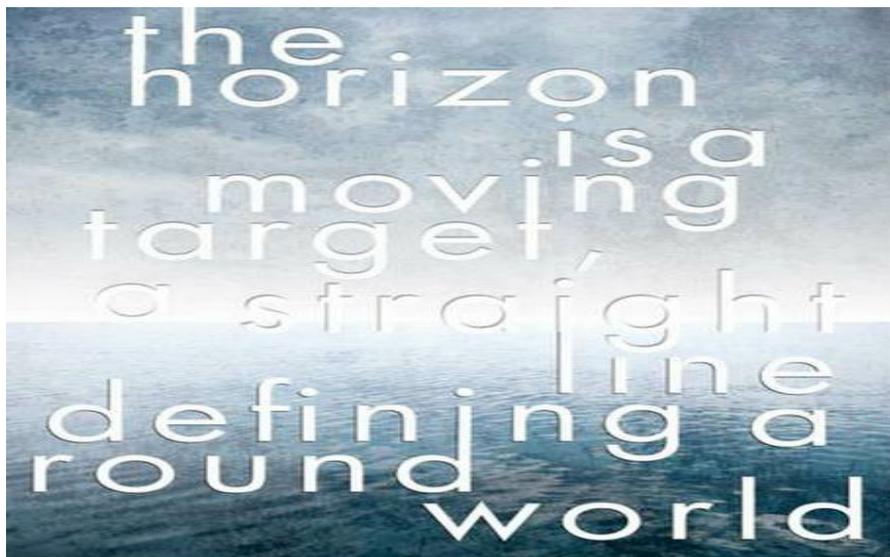
Ao lado dela, Deirdre se levantou. Todos se levantaram e olharam para um conjunto de portas giratórias. Pela janela, vi um médico mais velho com cabelos grisalhos tirar a toca e puxar para baixo sua máscara. Ele virou-se para outro médico, uma mulher, e abriu as portas giratórias. Outro seguia. Um homem asiático, tirando as luvas.

Três deles. Um. Dois. Três.

Eles vieram até nós, e o médico mais velho pôs a mão no ombro da mulher em um gesto de... o quê? Condolências? Comiseração profissional? O cara asiático pigarreou. O que era isso? Ganhando força?

Esperança desistiu de mim e escorria em um dreno emocional, deixando desespero negro em seu rastro. Merda. Três médicos. Se um golpeasse, o outro derrubaria o membro da família, e o terceiro chamaria a segurança.

Não era assim que era? Olhei para Declan. Ele deve ter visto o pânico no meu rosto, porque sorriu. Então eu me tornei aquela irmã.



O horizonte é um alvo em movimento, uma linha reta que define um mundo redondo.

--- Dois anos depois ---

Capítulo Quarenta e Nove

Monica

A multidão não era para mim naquela noite. Houve um alívio pelo fato. Sem pressão. Eu ajeitei meu vestido e coloquei meu cabelo no lugar, fixando a teia de grampos e cachos. As luzes de cada lado do espelho iluminaram meu rosto, mas eu percebi que estava mais cheia, mais saudável, mais feliz do que naquela manhã.

O camarim do Teatro Wiltern não era o mais limpo que estive durante os meses anteriores, dificilmente o mais glamoroso. A mesa era nova, mas tinha as mesmas porcarias de fast food meio comidas, que eu sempre soube que os músicos comiam. O sofá estava desgastado, mas não rasgado, o espelho limpo, e o balcão foi limpo em algum momento na última década. Mas eu não estava lá pelo camarim. Darren soprava e suave e respirava ofegante.

— Que porra é essa? — Eu gritei. — Você está no meio de um show!

— Estamos entre as séries. Eu tinha que ter certeza de que você estaria aqui.

— Ele beliscou meia dúzia de batatas fritas e enfiou-os na boca.

— Eu estou aqui. Estarei pra fazer o bis com você, então eu saio.

— É isso que você vai vestir? — Ele apontou para o meu vestido de noiva, um de seda sem mangas e acetinado que me abraçava na parte de cima e descia solto, dobrando sobre si mesmo em dezoito metros de rendas elegantes.

— É dramático. Todo mundo sabe que me casei hoje. Quando me levantar no palco...

— Eles vão pensar que você está louca para fazer uma canção entre a sua recepção e sua lua de mel.

— Eu estou. E eu te amo. Vai ser um show notório. Saia. — Eu disse.

— Seu marido está vagando pelos corredores procurando você.

— Saia!

Ele pegou seu hambúrguer e beijou minha bochecha antes de deslizar porta afora. A porta não clicou fechada, e eu revirei os olhos. Garotos, até mesmo os doces, aqueles bissexuais, eram descuidados. Eu respirei fundo e fechei os olhos.

Meu nome é Monica. Eu tenho quase 1,80m de altura. Eu ando como uma onda do mar, e canto como uma tempestade. Minha voz tem uma força própria, e eu a deixo solta como um furacão. Estou segura. Eu possuo o que faço. Eu sou uma criadora. Eu sou uma artista.

Eu senti o movimento atrás de mim e sabia pelo perfume que era meu marido. Ele colocou as mãos no meu pescoço, onde todas as terminações nervosas do meu corpo estavam localizadas agora, seguido do seu toque, quando ele me acariciou, como as pequenas lascas de ímã em plástico que eu brincava quando criança. Quando o traçado se moveu, a comichão mudou, e arqueei o pescoço para sentir mais dele.

Ele me beijou na base do pescoço. Seus lábios eram cheios e macios, mais do que lábios, pois eram a manifestação física de cada sabor de saudade, cada arrepio de desejo, toda queimadura de ambição.

— Nós dissemos que não faríamos isso até que estivéssemos fora do país. — Eu disse.

— Fazer o quê, deusa? — Ele sussurrou, e eu gemi em resposta, abrindo meus olhos para vê-lo no espelho enquanto sua boca acariciava meu pescoço e ombro. — Ninguém sabia onde você estava até que perguntei por Monica Faulkner.

— Você tem que dar um pouco de tempo para a mudança de nome. — Foi uma desculpa esfarrapada. O fato era que eu estava muito ocupada em turnê, gravando e dando entrevistas para fazer tarefas simples como mudar o meu nome. Eu poderia ter feito isso a qualquer momento, e ele sabia disso. Éramos casados aos olhos da lei, mas para nós e para o mundo, esse dia era o dia. Em seguida, vinha a mudança de nome. Nós finalmente poderíamos chamar um ao outro de marido e mulher em público.

— Leve seu cabelo para baixo. — Disse ele.

Eu sorri. — Eu não acho que temos tempo.

— Eu não vou esperar.

Jonathan exigente.

Ele deixou a sala de cirurgia um homem diferente. As pessoas não conseguem simplesmente passar por um transplante de coração e continuar como antes. Ele estava confuso sobre quem era. Ele estava vulnerável, irritado, fisicamente fraco e excessivamente cauteloso. Ele também ficou sexualmente baunilha, que eu tentei aceitar. Eu não achei que isso fosse durar, mas a cada dia que passava, eu temia que meu bizarro Jonathan nunca voltasse. Eu fiquei ao lado dele, ajudando-o a administrar sua recuperação. Eu o amava. Eu o odiava. Eu queria bater e beijá-lo. Mas eu precisava dele tanto quanto ele precisava de mim.

Embora tivesse concordado que nossa união não era genuína pelas circunstâncias que o rodeavam, nunca sugeri que nosso amor era nada além de verdadeiro. Eu reformei minha casa no segundo morro mais íngreme em Los Angeles e arrendei-a a um dos colegas de Brad. Jonathan comprou uma casa em Hollywood Hills, e nos mudamos para ela. Dois anos, disse. Se pudéssemos viver juntos por dois anos, nos casaríamos de verdade. Se não pudéssemos, eu levaria minha bunda de volta a Echo Park.

Eu respirei fundo e coloquei minhas mãos no meu cabelo, levantando os braços para tirar do caminho. Ele lentamente abriu a parte de trás do meu vestido, tocando minha coluna quando fez isso.

Seis meses após o transplante, Jonathan tinha rugido de volta como um leão. Durante a noite, tornou-se mais agressivo, mais exigente, mais bizarro, e muito mais dominante do que nunca. Um ano depois, ele me deu meu próprio anel de noivado, um diamante canário redondo da circunferência de um níquel. Ele tinha ficado de joelho de novo, e eu percebi a razão pela qual voltou a ferocidade sexual, era porque ele estava feliz.

Eu soltei meu cabelo, deixando em uma trança fina que eu exigia. Quando ele caiu em minhas costas, meu vestido escorregou.

— Você é magnífica. — Disse ele, girando meu cabelo em seus dedos. Enfrentamos o espelho, ele com a camisa azul e gravata que ele tinha trocado após a recepção, e eu com os seios nus e com uma liga de renda branca. — Todo dia, eu quero você.

— Eu sou sua.

— Aparentemente não, *Srta. Faulkner*. — Ele afrouxou a gravata, tirando-a pelo colarinho. — Mãos atrás das costas. — Ele deve ter me visto olhar para o relógio. — Eu tenho o controle do tempo. Basta fazer o que eu peço.

— Sim, senhor. — Eu baixei as minhas, me submetendo completamente, e coloquei minhas mãos atrás das minhas costas. O fluido já corria entre minhas pernas.

Gostaria de cantar no bis de Darren e ajudar a sua carreira, mas se eu tivesse que chegar atrasada, chegaria atrasada. Jonathan não era metade tão ocupado quanto eu. Ele vendeu um monte de recursos, mais do que eu poderia contar, e começou a Drazen Fundação para a Educação Artística. Levou quase sua semana como um trabalho típico de gerenciamento de direitos autorais. Meus deveres de co-presidente levava alguns minutos todas as manhãs, normalmente, enquanto eu estava amarrada à cama.

Meu marido apertou meus braços com força suficiente para me fazer suspirar e envolveu a gravata ao redor dos cotovelos. — Olhe para si mesma. — Ele puxou

meu cabelo para trás até que minha cabeça ficou para frente. Amarrou meus braços na altura dos cotovelos que teve o efeito de projetar meus seios para frente. Os mamilos estavam apertados e eretos. A liga tinha pequenas curvas azuis nos suspensórios, era o meu 'algo azul' para a ocasião. — O que você vê é meu. Estamos entendidos?

— Sim, senhor.

— Eu não acho que você sabe. — Ele me segurou no bíceps. — Saia.

Saí do meu vestido de casamento, e ele me pegou e me levou para o sofá, colocando a minha cabeça no braço, meus braços em baixo, e minhas costas estava no assento. Ele abriu minhas pernas e desabotoou a virilha da liga. Então ficou para trás e observou sua obra.

Eu realmente pensei que ele estava morto. Quando aqueles três médicos saíram, eu não estava pronta para eles dizerem que estava tudo bem. Depois do que eu tinha passado, engarrar tudo para manter o controle suficiente para matar Paulie Patalano, eu perdi o controle. Eles realmente precisaram de um terceiro médico para chamar a segurança. Declan pensou que ele tivesse jogado uma piada mais engraçada para mim. Passatempo de merda, como disse Margie. Então eu tinha explicado para Jonathan, que comprei a minha casa de Declan e o cortei mais uma vez. Mas o transplante colocou seu pai de volta nas boas graças do resto da família.

Com a minha boceta em exposição, seios de fora, e minha cabeça virada para o teto, vi Jonathan na minha visão periférica. Ele pegou um copo de bebida gaseificada do fast food. Ele tirou a tampa plástica, canudo e tudo mais, e olhou dentro.

— Jesus caralho Cristo. Onde o mundo vai parar? — Ele balançou o copo. Ouvi o conteúdo agitando ao redor. Gelo picado. Amaldiçoei a existência do meu marido. Ele derrubou e pegou algo da minha mesa de maquiagem. Então ele veio para o sofá, calças aberta, pau para fora, e se ajoelhou entre as minhas pernas com um tubo de batom preso entre os dentes, como um charuto. Ele puxou-a para fora, deixando a tampa em seus dentes. Ele cuspiu no chão como uma semente de melancia.

— Vou escrever algo que você se lembre, deusa. Eu sei que você está ocupada sendo uma superstara, e você se esqueceu. — Ele colocou o batom vermelho no meu peito esquerdo e arrastou-a transversalmente, em seguida, entre eles, em seguida, mudou-se sobre o direito.

Cuidadosamente, ele escreveu na minha caixa torácica, com o batom. Quando ele terminou, olhou para o trabalho manual. Olhei tanto quanto eu podia para o espelho e vi o que estava escrito em mim.

MRS. DRAZEN

Jonathan se agachou em cima de mim, sorrindo, em seguida, colocou uma das mãos sobre o braço do sofá, inclinando-se sobre mim. — Entendeu?

— Sim, senhor. — Eu sussurrei.

— Esse é *o seu* nome. — Seu olhar era significativo, remontando a conversas antigas sobre a última mulher a levar esse nome. Jessica estava cumprindo pena por um crime que ela tentou empurrar em Jonathan. Eu não queria o nome dela, mas ele me convenceu de que o nome era *seu* e agora era *nosso*.

— Sinto muito, senhor. — Eu inclinei meus quadris para que sua ereção tocar minha umidade. Ele moveu-se ligeiramente até que a cabeça do seu pau tocou a minha abertura apenas o suficiente para me fazer sofrer por isso.

— Essa multidão lá fora, eles não a possuem. Eu possuo. Marquei-lhe o meu nome. Isto é o que você é agora. — Ele se moveu para que seu pau esfregasse meu clitóris levemente. Eu empurrei para sentir mais dele. — Não, não. Não me faça tirar os cabos de extensão e amarrá-la com mais força. Eu não vou dar mais explicação. — Ele colocou seu rosto ao meu e correu com a boca aberta ao longo da minha mandíbula. — Esse nome é o seu vínculo comigo. É o seu colar.

— Eu sinto muito, eu...

— Shh. Diga-me quem você é.

— Sra. Drazen.

Seu pau foi empurrado para dentro de mim, deslizando sem nenhuma resistência, toda a superfície do meu corpo disparando uma cama de

sensações. Durante todo o caminho, até que seu corpo bateu contra o meu clitóris, movendo, e puxado para fora. — Quem é você?

— Sua esposa.

Ele entrou novamente mais forte. Então, novamente, grunhiu com o esforço. Ele fodeu o fôlego de dentro de mim e então parou. — Qual é o seu nome?

— Oh, Jonathan.

— Não. Esse é *o meu* nome.

— Sra. Drazen.

Ele bateu em mim. — Eu não acho que você acredita.

— Meu nome é...

Ele me fodeu de verdade, então, colocando uma mão em cada lado da minha cabeça e tendo minha boceta repetidamente. Ele pressionou seu rosto para o meu, balançando. Eu estava perto, tão perto que ele podia sentir isso. Quando fez seu caminho, ele abrandou, me balançando sobre um oceano. E eu o deixei, porque ele me pertencia.

— Olhe para mim.

Eu olhei. Seus quadris me acariciaram, me esticando, o atrito entre nós um calor branco. Eu estava tão perto. Eu senti a ressaca do meu orgasmo nas minhas pernas. Eu queria empurrar para baixo, eu queria me afogar nele, mas ele estava me segurando, um colete salva-vidas que eu não queria.

— Qual é o seu nome? — Ele sussurrou.

Engoli em seco algumas vezes perdida na sensação entre as minhas pernas. — Eu esqueci.

— Perfeito.

Moveu-se uma vez, duas, três vezes, e explodiu, sugada pela correnteza, puxada para o mar sem fim. Eu apertei-lhe como se meu corpo quisesse quebrá-lo e ajustá-lo todo dentro de mim.

— Ah, Monica. — Ele gozou logo depois, rosnando o meu nome, em seguida, grunhindo como se nunca fez antes da cirurgia. Eu adorava vê-lo nesses momentos, superando seu próprio prazer, a sua ligação inquebrável ao me completar.

— Eu te amo. — Eu disse.

— E eu a você.

— Você pode me soltar?

Ele chegou perto de mim e afrouxou o nó. — Primeiro você decide trabalhar em nossa noite de núpcias, e agora me atormenta para desatar-lhe.

— Você é um animal horrível. — Disse eu, fingindo ofensa. — Eu vou ficar na minha mãe.

Ele se debruçou para cima, e eu fiquei. Meu novo nome estava manchado na parte inferior. Jonathan me ajudou a voltar para o meu vestido. Meu cabelo estava um desastre, e minha maquiagem manchada.

— Merda. — Eu resmunguei.

— Você está linda.

— Você tem batom por toda a sua camisa.

Ele olhou para si mesmo. — Eu pareço como se eu tivesse levado um tiro.

— De um pelotão de líderes de torcida.

Ele riu. — Está escuro no avião, e eu vou ficar nu e fodendo a maior parte do caminho até Paris, de qualquer maneira.

— Sério? E se eu tiver uma dor de cabeça?

— Eu vou foder isso de você. — Ele abotoou o casaco, cobrindo a mancha de batom.

Houve uma batida na porta. Meu assistente, Ned, um cara enorme que estava lá mais para a minha proteção do que assistência, disse. — Sra. Faulkner?

Eu pressionei meus lábios entre meus dentes.

— Quem? — Perguntou Jonathan. — Não tem ninguém com esse nome, Ned.

— Monica? — Ned chamou. — Você está aí, quem quer que seja. Três minutos.

— Estou indo! — Eu me endireitei e esfreguei a máscara sob meus olhos, e o dedo roçou o ninho do pássaro em minha cabeça enquanto Jonathan assistia. Era impossível. Parecia como se alguém tivesse fodido a merda fora de mim.

— Eu trouxe isso para você. — Disse ele.

Ele puxou uma longa corrente do bolso do paletó. Meu laço. Eu não usava, porque não fazia sentido para um casamento. Mas à medida que se estendia através de suas mãos, inclinando entre eles, as pedras incrustadas em ambos os lados balançando e brilhando em azul e verde, eu queria no meu pescoço.

— Obrigada. — Eu olhei para o teto, expondo minha garganta. Ele estendeu a mão, girando ao meu redor, não uma, mas duas vezes. Quando olhei para ele, ele puxou as joias, deixando-a apertada em volta do meu pescoço.

— Você está pronta? — Ele perguntou.

— Sim. — Beije-o como se fosse a primeira vez - seus lábios, o símbolo da vulnerabilidade em segurança, a dor e o prazer, paixão e alegria - até que Ned bateu na porta e me chamou pelo meu nome.

Jonathan e eu sorrimos quando ele abriu a porta. Andamos pelos corredores de concreto revestidos, com Ned na liderança, outro cara da segurança perto. Desconhecidos que não me esperavam, os técnicos e mensageiros, os roadies e fãs de Darren, todos pararam e olharam por um segundo. Eu sorri para eles, porque eles me fizeram ser quem eu era, e eu segurei a mão do meu marido atrás de mim.

Darren estava lá com sua banda, suando nos holofotes, as baquetas girando em seus dedos. Estava quente, e eu senti o batom dentro do corpete do meu vestido me lembrando do meu nome. Eu saí quando fui chamada para cantar com eles.

Cada respiração, cada nota, cada palavra, não importava a canção, era sobre uma única coisa.



Jonathan.

Jonathan.

Jonathan.

Fim